

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SABRINA MAGALHÃES ROCHA

**LUCIEN FEBVRE, MARC BLOCH E  
AS CIÊNCIAS HISTÓRICAS ALEMÃS (1928-1944)**

MARIANA

2010

SABRINA MAGALHÃES ROCHA

**LUCIEN FEBVRE, MARC BLOCH E  
AS CIÊNCIAS HISTÓRICAS ALEMÃS (1928-1944)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Área de Concentração: Estado, Região e Sociedade

Linha de Pesquisa: Estado, Identidade e Região

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata

MARIANA

2010

R672l

Rocha, Sabrina Magalhães.

Lucien Febvre, Marc Bloch e as ciências históricas alemãs (1928-1944)  
[manuscrito] / Sabrina Magalhães Rocha - 2010.

160f.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Estado, Região e Sociedade

1. Febvre, Lucien Paul Victor, 1878-1956 - Teses. 2. Bloch, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944 - Teses. 3. Historiografia - França - Teses. 4. Historiografia - Alemanha - Teses. 5. História - Metodologia - Teses. I. Universidade Federal de Ouro Preto. II. Título.

CDU: 930(44)(430)

Catálogo: [sisbin@sisbin.ufop.br](mailto:sisbin@sisbin.ufop.br)



**Sabrina Magalhães Rocha**

**Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata**  
Departamento de História, UFOP

**Prof. Dra. Helena Miranda Mollo**  
Departamento de História, UFOP

**Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins**  
Departamento de História, UNB

Ao meu avô Dolor Magalhães

*(in memoriam)*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, pela oportunidade de desenvolver este trabalho, e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela bolsa REUNI-UFOP.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata. Todos os acertos que este trabalho tenha alcançado são fruto de sua atenta orientação, que conjuga o gosto pela ciência histórica, a erudição e o rigor, com a sensibilidade para se relacionar com as incertezas de uma pesquisadora em formação.

Ao Prof. Dr. José Carlos Reis, do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, que há cinco anos me concedeu a oportunidade de ser sua orientanda de iniciação científica e, com sua inteligência e ousadia, despertou em mim o gosto pela história da historiografia.

Aos Professores e aos colegas do PPGHIS/UFOP, especialmente ao Prof. Dr. Renato Pinto Venâncio, pelas interlocuções e importantes contribuições para a construção do meu objeto de pesquisa.

Aos colegas da PRACE/UFOP, pela compreensão e pelo incentivo, fundamentais no exercício do meu novo papel nesta instituição.

A Renata e Alice, pela manutenção de uma amizade que mesmo não podendo se renovar diariamente se mantém viva.

À família Eleutério Alves, que me acolheu como parte dela própria, pelo carinho e atenção.

Aos meus familiares, avós, tios, tias e primos, pelo incentivo, pela admiração e pelas importantes contribuições à minha formação ético-moral.

À minha irmã Isabella, pelo apoio, admiração e estreitamento de nossos laços.

Ao meu pai, pela confiança e esperança depositadas em mim, e pela satisfação com minhas conquistas.

À minha mãe, minha maior admiradora, minha maior incentivadora, agradeço por ter perseguido, nos últimos vinte e quatro anos, minha formação como seu principal objetivo.

A Emerson, agradeço a rara sabedoria e o imenso amor, que conformam o porto seguro de todas as trilhas pelas quais me aventuro.

## RESUMO

ROCHA, Sabrina Magalhães. *Lucien Febvre, Marc Bloch e as ciências históricas alemãs (1928-1944)*. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana/MG.

Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), dois dos mais importantes historiadores do século XX, são estudados neste trabalho por meio de uma abordagem própria da história da historiografia. A investigação tem como foco as relações desses intelectuais com as ciências históricas alemãs, sobretudo a historiografia, mas também a economia política e a sociologia. No contexto das “guerras culturais” entre intelectuais franceses e alemães, analisa-se a convivência e a crítica produzida por Febvre e Bloch a respeito do pensamento histórico alemão, entre 1928 e 1944. A partir de um conjunto de fontes composto principalmente por resenhas produzidas pelos dois historiadores e por cartas trocadas entre ambos, investiga-se o peso da presença germânica em suas trajetórias, a influência de historiadores conhecedores da produção acadêmica alemã, como Henri Berr e Henri Pirenne, e o contato com acadêmicos alemães e austríacos, como Alfons Dopsch. Demonstrando como a crítica foi instrumento fundamental para Marc Bloch e Lucien Febvre, e como as ciências históricas alemãs ocuparam nela lugar privilegiado, procura-se compreender a relação ambivalente dos fundadores dos *Annales* com a Alemanha.

**Palavras-chave:** Lucien Febvre, Marc Bloch, historiografia francesa, historiografia alemã; crítica histórica.

## ABSTRACT

ROCHA, Sabrina Magalhães. *Lucien Febvre, Marc Bloch e as ciências históricas alemãs (1928-1944)*. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana/MG.

Lucien Febvre (1878-1956) and Marc Bloch (1886-1944), two of the most important historians of the twenty century, in this work are investigated by an approach typical of the history of historiography. The investigation focuses on the relationship of intellectuals to the German historical sciences, almost the historiography, but also the political economy and sociology. In the context of "culture wars" between French and German intellectuals, it looks at the coexistence and the critical produced by Febvre and Bloch thought about German history, between 1928 and 1944. From a group of texts composed mostly of book reviews produced by the two historians, and letters exchanged between them, we investigate the weight of the German presence in their trajectories, the influence of knowledgeable historians of German academic, as Henri Berr and Henri Pirenne, and the contact with German and Austrian scholars, as Alfons Dopsch. Demonstrating how the criticism was fundamental tool for Marc Bloch and Lucien Febvre, and how the German historical sciences occupied a privileged place in it, seeks to understand the ambivalent relationship of the founders of the *Annales* with Germany.

**Key-words:** Lucien Febvre, Marc Bloch, French historiography, German historiography; historical criticism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2. CONSTRUINDO O OBJETO: TEORIA, METODOLOGIA E LITERATURA SOBRE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH</b>	<b>17</b>
2.1 A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	17
2.2 A HISTORIOGRAFIA SOBRE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH	26
<b>2.2.1 Febvre, Bloch e a “Escola dos <i>Annales</i>”</b>	<b>27</b>
<b>2.2.2 Revisões da historiografia sobre os <i>Annales</i></b>	<b>33</b>
<b>2.2.3 Novos quadros da pesquisa sobre Bloch e Febvre</b>	<b>38</b>
<b>3. VIVER E ESCREVER A ALEMANHA: A PRESENÇA GERMÂNICA NAS TRAJETÓRIAS DE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH</b>	<b>43</b>
3.1 FRANÇA E ALEMANHA (SÉC. XVIII–XX): APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	43
3.2 A ALEMANHA NA VIDA DOS CIDADÃOS FEBVRE E BLOCH	52
3.3 A ALEMANHA NA HISTORIOGRAFIA DE FEBVRE E BLOCH	58
<b>4. A CONVIVÊNCIA COM AS CIÊNCIAS HISTÓRICAS ALEMÃS</b>	<b>68</b>
4.1 O POLIMORFISMO DOS CONTATOS	68
4.2 OS CONTATOS INTERPESSOAIS	73
<b>4.2.1 Leituras e contatos dos parceiros franceses</b>	<b>75</b>
4.2.1.1 As lições dos mestres: Henri Berr e Henri Pirenne	75
4.2.1.2 As leituras do “círculo <i>Annaliste</i> ”	80
<b>4.2.2 Convivência com os intelectuais germânicos</b>	<b>85</b>
4.2.2.1 A colaboração dos alemães na <i>Annales</i> : Brinkmann, Vogel e Rörig	85

4.2.2.2 O círculo austríaco: Alfons Dopsch, Lucie Varga e Franz Borkenau	90
<b>5. A HISTORIOGRAFIA ALEMÃ NA CRÍTICA DE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH</b>	<b>98</b>
5.1 O PAPEL DA CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA	98
5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PRESENÇA DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ	106
5.3 A CRÍTICA DOS CLÁSSICOS DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ	114
<b>5.3.1 Estudiosos do Capitalismo Moderno</b>	<b>117</b>
5.3.1.1 Werner Sombart	117
5.3.1.2 Max Weber	123
<b>5.3.2 Historiadores Medievalistas</b>	<b>128</b>
5.3.2.1 Georg von Below	128
5.3.2.2 Ernst Kantorowicz	134
<b>5.3.3 Teóricos e Críticos da História</b>	<b>137</b>
5.3.3.1 Karl Lamprecht	137
5.3.3.2 Friedrich Meinecke	140
<b>6. CONCLUSÃO</b>	<b>144</b>
<b>7. REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS</b>	<b>150</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>153</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Lucien Paul Victor Febvre (1878-1956) e Marc Leopold Benjamin Bloch (1886-1944) são reconhecidos como dois dos mais importantes historiadores da historiografia francesa e também da historiografia do século XX. Esses autores produziram no campo da história moderna e da história medieval, respectivamente, escrevendo obras que ainda se constituem em referências importantes para as duas disciplinas. Febvre é autor de obras que encontraram e ainda encontram ampla repercussão na historiografia brasileira, como a recém-lançada *O problema da incredulidade no séc. XVI: a religião de Rabelais*.<sup>1</sup> As obras de Bloch, por sua vez, não gozam de menor prestígio. No Brasil, Bloch é mais amplamente conhecido por três de suas obras, *Os reis taumaturgos*, *A Sociedade Feudal* e *A Apologia da História ou o Ofício de Historiador*.<sup>2</sup>

Esses historiadores, por outro lado, são referenciados nas discussões historiográficas contemporâneas, particularmente no campo da história da historiografia, por sua vinculação à “Escola dos *Annales*”. Ao longo de todo o século XX, tanto na historiografia brasileira quanto na historiografia francesa e, de maneira geral, na historiografia internacional, Lucien Febvre e Marc Bloch são apresentados como os pais do “movimento dos *Annales*”. Com a fundação, em 1929, da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, esses historiadores teriam inaugurado uma nova forma de se produzir conhecimento histórico. A iniciativa da revista *Annales* representaria um marco, uma mudança de paradigma no interior da disciplina histórica; a implementação de uma escola fundada no estudo da história social e econômica, em contraposição à “história tradicional” que estabelecería suas bases na história política.<sup>3</sup>

Nesta dissertação, Marc Bloch e Lucien Febvre serão estudados a partir da história da historiografia. No entanto, não serão tratados em nenhuma das duas

---

<sup>1</sup> Cf. FEBVRE, 2009.

<sup>2</sup> Cf. BLOCH, 1983; BLOCH, 1993; BLOCH, 2001a.

<sup>3</sup> A análise detalhada da literatura que estudou Marc Bloch e Lucien Febvre nesta perspectiva é realizada na seção 2.2 desta Dissertação.

perspectivas acima mencionadas: não analisaremos minuciosamente suas obras, tampouco buscaremos demonstrar ou contestar as “revoluções” que esses teriam promovido no campo do conhecimento histórico. O objeto de investigação construído aqui compreende as relações de Febvre e Bloch com as ciências históricas alemãs, entre os anos de 1928 e 1944. Mais especificamente, deseja-se responder a duas questões: 1) como foi a convivência de Marc Bloch e Lucien Febvre com as ciências históricas alemãs? 2) qual a avaliação, a crítica desses historiadores franceses a respeito da historiografia alemã?

Essa primeira questão se desdobra em pelo menos três direções, indispensáveis para sua elucidação. Trata-se de identificar com que intelectuais germânicos Bloch e Febvre mantiveram contato, analisar as formas pelas quais esse contato se efetivou, assim como os fatores que interferiram nessa relação. A segunda questão, a investigação da crítica, também é composta por perguntas mais específicas, que envolvem, entre outras: identificação dos eruditos alemães avaliados por Bloch e Febvre; busca do contexto de inserção teórico-metodológico desses eruditos, de sua relevância na academia alemã; análise da relação entre a historiografia alemã criticada e as pesquisas individuais dos historiadores franceses.

A metodologia empregada para responder a essa problematização, para alcançar esses objetivos, agrega, então, procedimentos de identificação e análise. A pesquisa se desenvolve pela aplicação destes procedimentos a dois grupos principais de fontes: resenhas e correspondências. A eles se associam ensaios, artigos e livros. Estudamos as resenhas de obras de origem germânica publicadas por Marc Bloch e Lucien Febvre entre 1928 e 1944 em dois periódicos franceses, *Annales d'histoire économique et sociale* e *Revue Historique*.<sup>4</sup> O segundo grupo de fontes, por sua vez, é composto pelas 530 cartas trocadas pelos dois autores entre 1928 e 1943, organizadas e publicadas pelo historiador suíço Bertrand Müller.

A ideia de explorar a relação de Marc Bloch e Lucien Febvre com as ciências históricas alemãs nesse momento, entre 1928 e 1944, deve-se ao menos a

---

<sup>4</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Renato Pinto Venâncio, de quem fui aluna no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, pela indicação de inserir as resenhas em meu corpo documental. Sua orientação apontou para o que hoje representa o conjunto de fontes mais significativo deste trabalho, sem o qual ele certamente não teria tomado a forma atual.

três fatores. Primeiramente gostaríamos de estudá-los em seu período de “maturidade intelectual”, já como pesquisadores e professores universitários estabelecidos. Por outro lado, já que nossa análise trata de dois personagens, era importante avaliá-los conjuntamente. Nesse sentido, justifica-se a interrupção da análise em 1944, ano do falecimento de Marc Bloch. Há ainda, nessa definição de 1944 como último ano de nossa análise, outra razão. Além de não contarmos mais com as contribuições de Bloch, após esse período observa-se um rearranjo das relações que conformam esse contexto. Para ficarmos em poucos exemplos, a revista *Annales*, uma de nossas fontes principais, passa por profundas transformações, com a presença mais efetiva de novos personagens, entre eles Fernand Braudel. Assiste-se ainda a uma nova postura tanto da revista quanto de Lucien Febvre na academia francesa, com sua transferência para a VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*. De tal forma, que a continuidade da avaliação dessa questão após 1944 demandaria esforços de análise que não conseguiríamos alcançar no espaço desta dissertação, tampouco no tempo disponível para sua realização.

Por fim, essa periodização se adequa a nossas possibilidades documentais. No caso das resenhas, utilizamos apenas uma anterior a 1928, publicada por Marc Bloch em 1918 na *Revue Historique*. Todas as demais, importantes para esse trabalho, foram publicadas entre 1928 e 1944. Quanto às cartas, elas compreendem os anos de 1928 e 1943, coincidindo, não fortuitamente, com o momento de fundação da revista *Annales*.<sup>5</sup> A mesma referência temporal se manifesta nas três obras historiográficas que utilizamos. *Martin Luter: un destin* e *Le Rhin: problème d’histoire et d’économie*, de Lucien Febvre, são publicações de 1928 e 1931/1935, respectivamente. Já o texto de Bloch, *L’étrange défaite*, teve sua primeira publicação em 1946, mas seus manuscritos são de 1940.

É importante que façamos também alguns esclarecimentos sobre a utilização, nesse estudo, do termo “ciências históricas alemãs” e não apenas “historiografia alemã”. Assim como a periodização, essa é uma questão que parte de nosso acervo documental. Desde as primeiras análises, tanto das cartas quanto

---

<sup>5</sup> A explicação do conteúdo e da sistemática das resenhas é realizada na seção 5.1 desta Dissertação, enquanto as correspondências são contempladas na seção 2.1.

das resenhas, ficou claro que Lucien Febvre e Marc Bloch dialogaram com autores germânicos de outras disciplinas além da história, tais como a sociologia, a geografia e a economia política. As referências aos autores destas disciplinas não são menos significativas nem numérica nem qualitativamente em relação à história. A nosso ver, seria, então, uma excessiva redução do campo sua limitação apenas àqueles autores definidos como historiadores *stricto sensu*.

Ainda assim, poder-se-ia considerar um exagero a congregação de intelectuais tão distintos, como Werner Sombart, Max Weber, Georg von Below e Friedrich Meinecke sob a rubrica “ciências históricas”. Nossa persistência nessa designação, contudo, deve-se ao fato de ela encontrar fundamentação em pelos menos dois aspectos. O primeiro deriva da apreensão que Febvre e Bloch fazem desses autores e de suas obras. Ainda que não estivessem lendo autores que se reconheciam como historiadores, a discussão que Bloch e Febvre estabelecem com seus textos passa sempre pela perspectiva da história. Ou seja, em sua compreensão, esses autores circulavam por uma sociologia histórica, por uma geografia histórica ou por uma economia histórica.

Essa classificação, que além de exagerada poderia parecer arbitrária, na medida em que associa disciplinas dessemelhantes em único conjunto, ganha sustentação na argumentação de Heinrich Rickert. Rickert, teórico neokantiano do começo do século XX, referindo-se às ciências de sua época, afirma que a ciência histórica é parte de um conjunto de disciplinas que ele designa ciências culturais, *Kulturwissenschaften*. Essas ciências culturais, em seu entendimento, também podem ser designadas ciências históricas. Trata-se de disciplinas que se diferenciam das ciências naturais pela busca de particularidades, de historicidade, e não de leis ou generalizações. Assim, tais disciplinas, sejam estudando as relações do homem com o tempo, com o espaço, ou dos homens entre si, comportam um sentido de conjunto.<sup>6</sup>

Explicitados, então, o objeto desta pesquisa, sua problematização, seus métodos e sua área de inserção, parece-nos relevante discutir, ainda que rapidamente, sua justificação, ou seja, a relevância de sua realização. Para responder a essa questão optamos por percorrer o próprio caminho de nossa

---

<sup>6</sup> MATA, 2006, p. 347-367; RICKERT, 1901, p. 121-140.

pesquisa, desde o interesse pelo tema até sua construção como um problema que pudesse ser tratado no campo da ciência histórica. A explanação dos motivos pelos quais nos debruçamos sobre esse objeto, ao que nos parece, contempla o porquê de realizá-la.

Nossa aproximação dos estudos sobre Lucien Febvre e Marc Bloch teve como ponto de partida o desejo de compreender uma situação que diagnosticávamos no campo da história da historiografia brasileira. Tratava-se de buscar entender as causas para a pequena relevância, para o quase silêncio da historiografia brasileira sobre a historiografia alemã. Comparativamente à influência de outras comunidades historiográficas, como a francesa e a americana, por exemplo, sua presença não parecia ter tido, ao longo do séc. XX, a mesma significação. Trata-se de uma presença incompatível com o próprio lugar da ciência histórica alemã, com sua importância para o desenvolvimento da disciplina, não apenas no séc. XIX, mas também no séc. XX.<sup>7</sup>

A hipótese que levantávamos, e que pretendíamos investigar, associava-se ao domínio da historiografia francesa. Ao ocupar largo espaço na historiografia brasileira, especialmente a partir da segunda metade do séc. XX, a história produzida na França, sobretudo a historiografia dos *Annales*, em alguma medida bloquearia o contato com as obras e autores germânicos. Em nossa primeira incursão, tal questão se colocava quase automaticamente, nos seguintes termos: os *Annales* se definiam como uma nova história, em oposição ao tradicionalismo historiográfico, cujas bases estavam na Alemanha, logo, promoveriam, onde exercessem domínio, um afastamento em relação à historiografia alemã.

---

<sup>7</sup> A reduzida presença da historiografia alemã na historiografia brasileira do séc. XX pode ser bem ilustrada com o caso de Leopold von Ranke, o mais conhecido historiador alemão do séc. XIX. Apesar dos autores brasileiros fazerem referências a Ranke, essas não se mostravam ancoradas em efetivo estudo de suas obras. Não há, no Brasil, nenhuma tradução completa delas, somente uma publicação de fragmentos e ensaios organizados por Sérgio Buarque de Holanda em 1979. A esse pequeno número de traduções soma-se a inexistência de monografias sobre Ranke realizadas nos centros de pós-graduação em história, como se verifica no portal de teses e dissertações da CAPES. Até onde pudemos verificar, publicaram-se pouquíssimos estudos específicos sobre a obra de Ranke: uma introdução de Sérgio Buarque de Holanda ao livro supracitado e um ensaio de Arno Wehling na Revista de História, ambos na década de 1970. (Cf. HOLANDA, 1979; WEHLING, 1973). É importante registrarmos, contudo, que esse cenário vem se modificando a partir dos anos 2000, com a dedicação específica de alguns pesquisadores à historiografia alemã. No caso de Ranke, ressaltamos duas iniciativas, um artigo de Pedro Caldas e a recente tradução comentada de Sérgio da Mata, publicada em obra que reúne traduções de outros importantes historiadores do século XIX. (Cf. CALDAS, 2007, p. 23-38; MATA, 2010, p. 187-201.)

O estudo das fontes, tanto bibliográficas quanto documentais, todavia, mostrou-nos as dificuldades em torno desse projeto inicial. Desde as primeiras leituras mais sistematizadas, vislumbramos um universo de questões a ser explorado nas relações entre historiografia francesa e historiografia alemã. Entre as duas comunidades revelaram-se níveis de complexidade tais, que não poderiam ser resolvidos no plano da mera oposição paradigmática. A proposta de explicar o bloqueio de uma historiografia a partir do domínio de outra incorreria, assim, no risco do simplismo. Ameaçava-se propor, ou reafirmar, uma história, para usarmos expressão corrente, construída a partir de um vôo sobre as copas das árvores, sem analisá-las por terra.

O olhar mais atento, tanto para a historiografia francesa quanto para a historiografia alemã, indicou-nos a inviabilidade de tratá-las, naquele momento, como dois blocos opostos. Tal questão não poderia ser feita sem que se investigasse o posicionamento de seus autores, o relacionamento entre eles, seus diálogos, suas críticas, suas influências. O contato com a literatura mostrou-nos também que os estudos sobre essas questões estavam ainda por se fazer. Encontramos muitos textos, sobretudo em língua portuguesa, que tratavam de forma genérica da questão, e que, em muitos casos, simplesmente reafirmavam interpretações canônicas sobre os *Annales*, como os textos de Jacques Le Goff, escritos na década de 1970.<sup>8</sup>

As relações entre historiografia francesa e historiografia alemã, em grande medida, foram compreendidas a partir da identificação da primeira com a “Escola dos *Annales*”, e da segunda com o historicismo. Nesse sentido, foram interpretadas sob o signo de oposições: história nova *versus* história tradicional; história socioeconômica *versus* história política. Essa oposição, em alguns estudos, apareceu coroada, de um lado, com o nome de Leopold von Ranke, representante do tradicionalismo da historiografia alemã, de outro, com os nomes de Bloch e Febvre, representantes da renovação da historiografia francesa. Tratando da mitologização construída em torno de Ranke, Sérgio da Mata expressa bem o tratamento dado pela historiografia a essa questão.

---

<sup>8</sup> Cf. LE GOFF, 2005.

Não é outro o caso da assim chamada “historiografia positivista” do século XIX. Um mito tão mais resistente na medida em que se baseia numa caracterização heteróclita, e cujo sentido último é o de construir o avesso de outro mito e, assim, legitimá-lo: o da “revolução” dos *Annales*. “Positivista” seria aquela historiografia empiricista, centrada apenas no âmbito do político e do Estado nacional, no uso de documentos oficiais, cultora dos grandes homens, inteiramente alheia à reflexão teórica e às “idéias”. Quando se atribui ao famoso manual de Langlois e Seignobos a condição de *summa* desta historiografia positivista, o alvo é bem claro. São aqueles a quem Febvre chamou os “derrotados de 1870”. Ou seja, o grupo da *Revue Historique*, e, por extensão, a historiografia acadêmica alemã, historicista, que lhe servira de modelo.<sup>9</sup>

É justamente essa associação de Febvre e Bloch à revolução historiográfica, à oposição à Alemanha, que nos motivou a investigar essa relação a partir deles. A construção desse objeto é, assim, uma tentativa de contribuir para o campo da história da historiografia sobre Lucien Febvre e Marc Bloch, para além da designação “primeira geração dos *Annales*”. Ao mesmo tempo, trazer novos temas ao campo que se preocupa em analisar as relações entre a historiografia francesa e a historiografia alemã a partir de seus atores/autores. Trata-se de uma tentativa de contribuir para que o conhecimento dessa temática, particularmente na historiografia brasileira, vá um pouco além do difundido comentário de Bloch em sua *Apologia da História* sobre a célebre frase de Ranke:

A fórmula do velho Ranke é célebre: o historiador propõe apenas descrever as coisas “tais como aconteceram, *wie es eigentlich gewesen*”. Hérodoto o dissera antes dele, “*ta eonta legein*, contar o que foi”. O cientista, em outros termos, é convidado a se ofuscar diante dos fatos. Como muitas máximas, esta talvez deva sua fortuna apenas à sua ambiguidade. Podemos ler aí, modestamente, um conselho de probidade: este era, não se pode duvidar, o sentido de Ranke. Mas também um conselho de passividade. De modo que eis, colocados de chofre, dois problemas: o da imparcialidade histórica; o da história como tentativa de reprodução ou como tentativa de análise.<sup>10</sup>

De forma a avaliar a convivência e a crítica de Bloch e Febvre em relação às ciências históricas alemãs, nos termos definidos acima, esta dissertação está

---

<sup>9</sup> MATA, 2010, p. 188.

<sup>10</sup> BLOCH, 2001a, p. 125.

estruturada em quatro capítulos. O primeiro, intitulado *Construindo o objeto: teoria, metodologia e literatura sobre Lucien Febvre e Marc Bloch*, reflete sobre o referencial teórico para a pesquisa em história da historiografia e para esta pesquisa em particular. Apresenta-se também, na segunda seção deste capítulo, uma revisão analítica da literatura sobre Marc Bloch e Lucien Febvre no campo da história da historiografia. Constrói-se com essa revisão um quadro, que a partir de “obras chave” busca representar a diversidade dessa literatura.

O segundo capítulo, *Viver e escrever a Alemanha: a presença germânica nas trajetórias de Lucien Febvre e Marc Bloch*, explora uma das bases teóricas de sustentação desse trabalho: a tese de que na relação de Febvre e Bloch com as ciências históricas alemãs interferem questões externas ao contexto puramente historiográfico. Aqui apresentamos as relações desses historiadores com o país vizinho, a partir uma abordagem focada na dimensão cultural. Nesse sentido, discutimos a tradição de aproximações e distanciamentos entre as duas nações, sob o signo de uma “guerra de culturas”. Também buscamos explorar como a Alemanha entrecruza as trajetórias de Febvre e Bloch, tanto como cidadãos franceses quanto como historiadores. Esse capítulo encerra-se com uma seção dedicada a construir a imagem de Febvre e Bloch sobre a nação germânica a partir de três obras: *Martin Luther: un destin*; *Le Rhin: problème d’histoire et d’économie* e *L’étrange défaite*.

A convivência com as ciências históricas alemãs é, por sua vez, o foco do terceiro capítulo. Trata-se aqui das diversas formas pelas quais Marc Bloch e Lucien Febvre estabeleceram contato com a Alemanha, tal como ele se efetivou por meio de determinados “parceiros intelectuais”. Neste capítulo também se procura demonstrar como, além de fazer mediações, esses “parceiros” (que apresentamos nas categorias de mestres, como Henri Berr e Henri Pirenne, e personagens do círculo *annaliste*, como Maurice Baumont e Maurice Halbwachs) exerceram influência nas leituras de Febvre e Bloch. Busca-se explorar ainda uma importante faceta desse polimorfismo de contatos, a convivência direta de Febvre e Bloch com intelectuais germânicos, os quais também são analisados em duas categorias: de um lado os alemães que colaboraram na *Annales*, e de outro o círculo austríaco, formado por Alfons Dopsch, Lucie Varga e Franz Borkenau.

O quarto e último capítulo analisa o papel da crítica histórica para esses dois historiadores e o largo espaço nela ocupado pelas ciências históricas alemãs. Investiga-se sua dinâmica de construção através das resenhas, o meio privilegiado para a produção e veiculação dessa crítica, e as características gerais das obras/autores germânicos avaliados. A última parte desse capítulo, por sua vez, apresenta umas das questões mais importantes para este trabalho, as avaliações que Marc Bloch e Lucien Febvre construíram sobre alguns dos mais importantes eruditos alemães: os estudiosos do capitalismo Werner Sombart e Max Weber, os medievalistas Georg von Below e Ernst Kantorowicz, e os teórico-críticos Karl Lamprecht e Friedrich Meinecke.

## 2. CONSTRUINDO O OBJETO: TEORIA, METODOLOGIA E LITERATURA SOBRE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH

O desejo de analisar as relações existentes entre Marc Bloch, Lucien Febvre e a historiografia alemã, desde o primeiro momento, colocou-nos a questão de que recursos teórico-metodológicos seriam utilizados para a investigação. Nesse sentido, foi necessário delimitar o campo de observação desse objeto, definir os limites, apontar as ferramentas a serem empregadas, mobilizar o conjunto de outros estudos com os quais dialogaríamos. É com esse propósito que oferecemos aqui, antes de adentrar propriamente nosso objeto de investigação, uma discussão sobre o referencial teórico-metodológico que norteia seu estudo. Com o mesmo intuito, apresentamos também o estado da arte da investigação desse objeto no campo da história da historiografia.

### 2.1 A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Em um estudo que possui a história da historiografia como área de inserção e busca nela suas referências é indispensável partir da análise desse campo, especialmente de seus pressupostos teóricos e metodológicos. O teórico alemão Jörn Rüsen, em trilogia intitulada *Teoria da História*, se propôs a discutir perspectivas de interpretação, métodos, formas de representação, interesses e funções do conhecimento histórico. Segundo Rüsen, essas categorias compõem a matriz disciplinar da ciência histórica, viabilizam a análise de processos cognitivos que se pretendem científicos. Essa formulação oferece-nos um caminho de reflexão interessante. Podemos partir de questões tais como: quais seriam as perspectivas de interpretação, as teorias e as categorias utilizadas pela história da historiografia? Que métodos ela utiliza para proceder sua investigação? Quais seriam suas formas de representação? E ainda, quais os interesses e funções desse campo de conhecimento?<sup>1</sup>

É importante deixar claro nosso entendimento da história da historiografia como um campo de pesquisa no interior dessa grande área denominada

---

<sup>1</sup> RÜSEN, 2001, p. 161-165; RÜSEN, 2007.

conhecimento histórico.<sup>2</sup> Nesse sentido, o mesmo estatuto que atribuímos à historiografia de maneira geral conferimos à história da historiografia em particular. Para utilizar uma construção de Rüsen, compreende-se a historiografia, e logo a história da historiografia, como um processo cognitivo histórico que se pretende científico. Não se trata de colocar em discussão a cientificidade ou não da história, mesmo porque em Rüsen a discussão não toma tal caminho, mas de definir a historiografia como produção rigorosa de conhecimento. Em *Cambios de experiência y cambios de método: un apunte histórico-antropológico*, Koselleck também oferece elementos que auxiliam na composição desse entendimento. Koselleck enfatiza a ideia de que a historiografia é dependente de experiências, mas também de métodos, de caminhos mínimos de investigação, pois ela está além da mera notícia.<sup>3</sup>

Em recente publicação intitulada *Para uma nova história da historiografia*, o historiador alemão Horst Walter Blanke propõe uma tipologização para esse campo de conhecimento. Blanke mostra que desde seu início, no período do Iluminismo, até os dias contemporâneos, essa disciplina se desenvolveu com a manifestação de características comuns entre as obras a ela pertencentes. Em outros termos, vislumbram-se regularidades ou similitudes entre obras de história da historiografia ao longo desses dois séculos que permitiriam sua organização em grupos. Nesse sentido, o autor propõe uma tipologização a partir das obras alemãs, mas que nos parece aplicável também a outros contextos.

Evidentemente não se propõe a construção de um retrato fidedigno; a elaboração dos tipos é uma abstração, uma ferramenta teórica que se por um lado pode esconder singularidades, por outro viabiliza uma compreensão da disciplina em quadros, em uma perspectiva macro. Para a organização desses tipos, Blanke parece levar em consideração especialmente o objeto de investigação e a perspectiva teórico-metodológica que norteia a pesquisa. Assim, constrói dez tipos de história da historiografia: história dos historiadores, história das obras, balanço geral, história da disciplina, história dos métodos, história das ideias históricas, história dos problemas, história das funções do pensamento histórico,

---

<sup>2</sup> ARAÚJO, 2006.

<sup>3</sup> KOSELLECK, 2001, p. 47-49.

história social dos historiadores e história da historiografia teoricamente orientada.<sup>4</sup>

A compreensão dessa disciplina a partir de tipologias é também o instrumento utilizado pelo historiador e editor da revista italiana *Storiografia*, Massimo Mastrogregori. Em *Historiografia e tradição das lembranças*, Mastrogregori constrói uma tipologização a partir dos métodos empregados no estudo da história da historiografia. A partir do séc. XIX a disciplina teria se desenvolvido com a utilização de seis métodos de investigação, que podem ser apresentados em ordem cronológica. O primeiro seria bibliográfico, erudito, enciclopédico; o segundo filosófico, pragmático, pedagógico; o terceiro científico. A eles sucederiam um quarto retórico e literário; um quinto sociológico e prosopográfico e por fim um sexto sintético e descritivo.<sup>5</sup>

A partir dessas duas construções tipológicas podemos apontar possíveis respostas para as questões elaboradas a partir das categorias definidas por Rüsen. Como qualquer outro campo do conhecimento histórico, pode-se identificar na história da historiografia uma íntima relação com a experiência, na medida em que trata das mais diversas formas de se escrever história. Ao mesmo tempo, ela não se configura como um relato desprendido de categorização ou de métodos. Como se pôde ver, eles são múltiplos, podem se sobrepor e gerar dificuldades de identificação, o que não se confunde com sua ausência. Resta ainda colocar à disciplina a pergunta sobre seu interesse e sua função. Em outros termos, ela pode ser percebida como necessidade, como fruto de alguma carência de orientação da vida prática? Ela teria alguma função, ofereceria alguma orientação a essa realidade?

Blanke e Mastrogregori também oferecem respostas a essas questões. Para Blanke a história da historiografia contempla três funções: afirmativa, crítica e exemplar. A primeira afirmaria a ideologia oficial, a função negativa, ao contrário, faria a crítica dos modelos tradicionais, enquanto a exemplar ofereceria material ilustrativo para a reflexão teórica.<sup>6</sup> Mastrogregori, por sua vez, sustenta que desde

---

<sup>4</sup> BLANKE, 2006, p. 29-35.

<sup>5</sup> MASTROGREGORI, 2006, p. 66-67.

<sup>6</sup> BLANKE, 2006, p. 29-35.

seu nascimento a disciplina não tem tido outra função que não ser um espelho da história-ciência, falar para uma corporação de especialistas. O historiador italiano caminha no sentido de alargar essa função, propondo uma aproximação entre a história da historiografia e a “tradição das lembranças”.<sup>7</sup> Há, portanto, nessas duas interpretações, o entendimento de que a história da historiografia parte de questões colocadas pela realidade e oferece respostas a ela. O ponto central é que a realidade, a vida prática aqui é o próprio conhecimento histórico.

A apresentação dessa discussão tem o objetivo de colocar em debate os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa em história da historiografia. Trata-se de uma discussão rápida, que não coloca todos os pontos do problema, mas que nos parece cumprir bem o papel de organizar a reflexão. Ela é utilizada aqui como uma chave para tratarmos da definição de um referencial teórico e de procedimentos metodológicos para nossa pesquisa.

Na medida em que se estrutura a partir da relação de dois historiadores franceses, Lucien Febvre e Marc Bloch, com a historiografia alemã, esse trabalho pode ser localizado em uma problemática mais ampla, qual seja, a relação das diferentes historiografias nacionais entre si. Partindo da tipologia estabelecida por Horst Walter Blanke, poderíamos dizer que se trata de uma história da historiografia do tipo história dos problemas, que,

[...] trata das diferentes áreas temáticas: a história das subdisciplinas da história, a história da relação entre as disciplinas [...], o estudo da recepção de eventos históricos individuais [...] e, finalmente, a relação das diferentes historiografias nacionais entre si (por exemplo, a imagem da França na historiografia alemã e a imagem da Alemanha na historiografia francesa).<sup>8</sup>

Também podemos tentar traçar os limites dessa investigação partindo da categorização de Mastrogregori. O historiador italiano afirma que seu último tipo, o método sintético-descritivo,

[...] consiste no fato de contar a história da historiografia sem um projeto metodológico rígido e em aplicar a uma revista de

---

<sup>7</sup> MASTROGREGORI, 2006, p. 66-68.

<sup>8</sup> BLANKE, 2006, p. 31.

história, aos congressos ou então à vida de um historiador o mesmo método que aplicaríamos a não importa que outra atividade cultural ou científica.<sup>9</sup>

A definição de Mastrogregori para esse tipo é especialmente interessante por compor um método marcado pela falta de um projeto metodológico rígido. Não se trata da ausência de método, mas da ausência de metodologia prévia à problematização do objeto. Partindo desse argumento, podemos entender que esse tipo de história da historiografia demanda a construção dos seus referenciais. Trata-se de um tipo em que o objeto não traz consigo uma metodologia definida, ao contrário, ela deve ser estruturada a partir das perguntas que o pesquisador coloca ao objeto.

Esse certamente é o nosso caso. Cada questão que lhe é colocada demanda uma direção de investigação distinta, logo, requer uma metodologia própria. Procurávamos, inicialmente, desenvolver a pesquisa nos apoiando em duas referências teóricas pré-estabelecidas. A primeira é a noção de regimes de historicidade, estabelecida por François Hartog. A partir dessa categoria, poderíamos pensar a relação dos fundadores da *Annales* com a historiografia alemã dos séculos XIX e XX por meio de aproximações, tendo em vista que ambas estariam sob o regime moderno de historicidade. Essa interpretação ajudaria a matizar as referências que enfatizam as grandes rupturas entre essas matrizes e tendem a produzir uma mitologização revolucionária. Contudo, ela se restringe ao campo teórico-conceitual, não permitindo, portanto, tratar de todas as nuances envolvidas na relação de Bloch e Febvre com a produção intelectual alemã.

Ensaíamos também articular um segundo referencial em torno da noção de paradigmas, mediado pelas contribuições de Thomas Kuhn, Jörn Rüsen e Reinhart Koselleck.<sup>10</sup> Essa perspectiva permitiria observar uma relação que se dá pela oposição de dois paradigmas, um historicista e outro anti-historicista. Sua contribuição estaria especialmente na possibilidade de visualizar a constituição, o desenvolvimento, a substituição e a sucessão de modelos, de escolas, analisando tanto suas motivações derivadas de um corpus teórico-conceitual quanto suas

---

<sup>9</sup> MASTROGREGORI, 2006, p. 67.

<sup>10</sup> KUHN, 2005; KOSELLECK, 2001; RÜSEN, 2001.

motivações encerradas na práxis, abrangendo as dimensões política, cognitiva e estética.

Essa última, especialmente por oferecer um espectro de análise mais preciso, seria uma categoria mais adequada em relação à de regimes de historicidade. Contudo, ela também nos apresentou alguns problemas. Podemos citar dois mais centrais: não temos ainda nesses anos iniciais da “escola dos *Annales*” a presença de um paradigma definido e, por outro lado, não nos parece ser possível alocar toda a multiplicidade e complexidade da historiografia alemã em único paradigma. Portanto, para o conjunto da análise, não nos parece haver outro caminho que não a construção de uma metodologia própria ao tratamento desse objeto, e derivada das perguntas que pretendemos investigar.

O caminho dessa pesquisa busca atingir dois objetivos: explorar a convivência, o contato de Lucien Febvre e Marc Bloch com as ciências históricas alemãs e investigar a crítica, o julgamento desses historiadores a respeito das ciências históricas alemãs. A estruturação da problematização agrega, então, duas direções metodológicas: identificação e análise. Pretendemos demonstrar quem são os autores alemães com os quais Bloch e Febvre se relacionaram, como funcionou essa relação, ou seja, por que vias ela se estabeleceu, que fatores nela atuaram e qual o julgamento de Bloch e Febvre sobre a ciência histórica alemã.

É importante esclarecer que a estruturação dessa direção de investigação só adquire sentido se temos como pressuposto que na relação de Lucien Febvre e Marc Bloch com a ciência histórica alemã agem questões externas à esfera estritamente teórico-conceitual, a uma lógica de interpretação internalista dos textos. Dentre muitas das possíveis atuações, que poderão ser observadas ao longo do texto, podem-se citar tradições culturais, conjunturas políticas e acadêmico-científicas, relacionamentos interpessoais e convivências intelectuais.<sup>11</sup>

A partir da prerrogativa lançada por Mastrogregori, de que a história da historiografia não é marcada por métodos exclusivos, parece-nos ser possível aproximá-la de outros campos, não muito bem definidos, mas que podem ser referenciados como história intelectual, história social do conhecimento ou mesmo história da cultura. Esforçamo-nos por construir essa ponte porque para a

---

<sup>11</sup> BURGUIÈRE, 1999; ESPAGNE; WERNER, 1987; SCHÖTTLER, 1999.

maior parte dos estudos recentes desenvolvidos nesses campos o reconhecimento de que as ideias não são desenraizadas funciona como premissa.

Não estamos fazendo coro à já desgastada polêmica da determinação social ou econômica das ideias. Trata-se aqui de uma concepção de história ou sociologia do conhecimento presente, por exemplo, nos trabalhos de Wolf Lepenies, Fritz Ringer e Pierre Bourdieu.<sup>12</sup> Entendimento presente também nas pesquisas de Peter Schöttler, Lutz Raphael e Bertrand Müller, que investigam a temática em questão neste trabalho.<sup>13</sup> O que nos parece premente para esses autores, e que pretendemos resgatar para esta pesquisa, é o fato do mundo dos intelectuais não se esgotar em conceitos e teorias, mas ser, por outro lado, marcado por muitos fatores, como: jogos de poder, lutas de classificação, lutas acadêmicas, polêmicas públicas, dimensões da vida pessoal.

Também não se pode desconsiderar que esses fatores tidos como contextuais possam ser criações de outros textos, ou mesmo um conjunto de textos, como demonstram os estudos de Reinhart Koselleck.<sup>14</sup> Nesse sentido, a exploração contextual, que aparecerá tanto na análise das macro-relações franco-germânicas, com foco na cultura, quanto na investigação das trajetórias de vida de Lucien Febvre e Marc Bloch e de suas vinculações a círculos intelectuais, se processará a partir de um conjunto de textos. Busca-se, então, afastamento de uma análise que reduz o contexto aos eventos sócio-políticos, sem vinculação expressa com a realidade observada, que funcionem apenas como pano de fundo, como cenário, e se limitem a dizer se determinados autores são ou não fruto de seu tempo.

Por outro lado, não nos parece suficiente saber que há contextos que condicionam para tensões ou aproximações nas relações franco-germânicas no período contemporâneo a Lucien Febvre e Marc Bloch. É importante que saibamos o posicionamento desses autores/atores frente a eles, é importante resgatar sua condição de agentes. Não se pode analisá-los simplesmente como indivíduos que apenas repetem um quadro de orientações. Nesse sentido, é imprescindível a análise, a interpretação de seus próprios textos. Buscaremos

---

<sup>12</sup> BOURDIEU, 1984; LEPENIES, 1996; LEPENIES, 2006; RINGER, 2000.

<sup>13</sup> MÜLLER, 2003; RAPHAEL, 1989; SCHÖTTLER, 1999.

<sup>14</sup> KOSELLECK, 2006.

aqui, então, seguir um raciocínio teórico-metodológico que comporta uma ordem, em alguma medida, circular, no qual: o quadro de orientações, o contexto, informa a leitura de Marc Bloch e Lucien Febvre, que, por sua vez, elaboram uma posição própria, distinta, que, medida em que ganhar a esfera pública, modificará o quadro anterior.

Para essa leitura, trabalhamos principalmente com dois grupos de fontes, correspondências e resenhas, às quais se associam ensaios, artigos e livros historiográficos. A escolha das correspondências trocadas entre Marc Bloch e Lucien Febvre e sobretudo das resenhas de obras alemãs escritas por eles, responde a nosso anseio de enfatizar a avaliação que tais historiadores franceses fizeram dessa produção. Trata-se, portanto, de uma proposta que não se confunde com a busca de influências teóricas germânicas sobre a historiografia desses autores. Um estudo que tivesse tal objetivo, certamente seria melhor conduzido, por exemplo, por um método hermenêutico ou mesmo de estudo de suas notas de rodapé.

A escolha dessas fontes também responde a nosso outro objetivo, o de demonstrar com que intelectuais germânicos Febvre e Bloch mantiveram contato e as formas pelas quais esse contato se efetivou. Nesse caso as resenhas exercem função subsidiária em relação às correspondências. Enquanto as resenhas são, por excelência, instrumento para apreensão da crítica, as cartas auxiliam na composição das relações interpessoais, das ligações, tanto com intelectuais de origem germânica, quanto com intelectuais franceses que em alguma medida influenciavam-nas.

Construir uma investigação a partir de resenhas e cartas implica congregar duas categorias de documentos cujos impactos em seus contextos de produção foram distintos. Enquanto as resenhas têm caráter público, as cartas circulam na esfera privada. Esse privatismo poderia conduzir o pesquisador à crença de estar diante das reais intenções, das verdadeiras interpretações daqueles que as escrevem, além de ceder espaço à excessiva afeição. É importante, portanto, que elas sejam tratadas com o mesmo distanciamento, ou ao menos sua tentativa, que se impõe a qualquer documento histórico. Cristophe Prochasson, em artigo sobre o uso dos arquivos privados e a renovação das práticas historiográficas, chama

atenção para a necessidade do tratamento da correspondência como fonte histórica. Em seus termos:

Romper a inevitável relação afetiva que se estabelece entre o historiador e seu material epistolar (do qual brotam muito mais emoções e comparações consigo próprio do que das séries estatísticas ou dos documentos administrativos) passa pela objetivação desse material, pela sua construção como fonte.<sup>15</sup>

Tratando especificamente das cartas de Lucien Febvre e Marc Bloch, podemos afirmar que apesar de seu vasto número – 530 cartas localizadas e publicadas – e do período de troca relativamente longo, de 1928 a 1943, elas apresentam muitas regularidades. A principal motivação para a escrita das cartas é a edição da revista *Annales*. Essas cartas compõem uma crônica pela qual se pode acompanhar a produção de quase todos os números da revista. Os principais temas versam sobre a seleção e revisão dos textos que seriam publicados, a busca de colaboradores, os conflitos com o editor e a distribuição da revista. A esses temas centrais associam-se outros, como as candidaturas para professor de ambos os autores ao *Collège de France*, breves relatos sobre o clima e a saúde dos familiares, além de informações sobre viagens realizadas.

Nessas cartas, são raras as discussões sobre temáticas que envolvem a esfera pública, tais como cultura, economia ou política. Os poucos momentos dedicados à esfera política concentram-se quase exclusivamente no decorrer da Segunda Guerra. A mesma raridade é verificada em relação às questões mais propriamente teórico-metodológicas do conhecimento histórico. Bloch e Febvre não fizeram desta vasta correspondência um *locus* para a discussão sobre teoria da história, tampouco para a análise crítico-reflexiva de autores e obras. Essa discussão não ocorreu sistematicamente nem mesmo nos momentos em que os correspondentes residiram em cidades distintas, o que, em princípio, poderia ter motivado a transferência para o terreno das cartas de discussões que por ventura acontecessem nas ocasiões de contato direto.

A referência à distância entre Bloch e Febvre remete-nos a outra questão central, a temporalidade das correspondências. Observa-se que a maior concentração de cartas se deu entre os anos de 1933 e 1935, quando Febvre residia

---

<sup>15</sup> PROCHASSON, 1998, p. 105.

em Paris e Bloch em Estrasburgo, o que coincide com o momento de grande fertilidade na revista *Annales d'histoire économique et sociale*. As trocas nos anos anteriores são mais ocasionais, concentrando-se especialmente em férias e recessos acadêmicos, ocasiões em que a necessidade de edição da revista e a distância física colocavam a redação das cartas como um imperativo. Finalmente, há significativa redução das correspondências a partir de 1937, uma redução motivada pela mudança de Marc Bloch para Paris e pelo contexto de guerra, que impôs dificuldades ao envio e, ao mesmo tempo, foi responsável pelo arrefecimento das publicações da revista.<sup>16</sup>

Essa estrutura das correspondências é, de certa forma, refratária à empatia acrítica. Apesar disso, buscamos realizar seu tratamento como fonte histórica definindo as questões e/ou temas sobre os quais depositaríamos maior atenção. Entre esses temas destacamos a citação de autores germânicos, referências expressas à Alemanha, tanto na esfera política quanto cultural, e referências a autores que se colocavam como mediadores entre o círculo dos *Annales* e os acadêmicos alemães.

## 2.2 A HISTORIOGRAFIA SOBRE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH

A construção de um levantamento analítico da literatura dedicada ao estudo dos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre é um importante passo para o desenvolvimento desta pesquisa, mas certamente não é tarefa fácil. Esses autores, apesar de produzirem seus trabalhos no início do séc. XX, já figuram entre os clássicos da historiografia moderna. E como todo clássico, são muito estudados. De tal forma que qualquer levantamento, por mais completo que se proponha a ser, não conseguirá englobar toda a produção acadêmica a respeito. É fundamental, portanto, construir um levantamento focado, centrado em uma temática específica. Tendo em vista que o campo de trabalho no qual se insere esta pesquisa é a história da historiografia, buscaremos resgatar as obras que estudam os historiadores franceses nessa perspectiva. Interessa-nos retratar os trabalhos que têm esses autores como o próprio objeto, procurando compreender

---

<sup>16</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994; BLOCH; FEBVRE, 2003a; BLOCH; FEBVRE, 2003b.

questões como métodos, teorias, relações sociais, relações institucionais e relevância do conjunto da obra.

Nosso objetivo é que essa revisão seja mais que mera citação de obras e descrição de seus conteúdos. Deseja-se analisá-las, organizá-las e avaliá-las criticamente. Propomos assim uma análise a partir da composição de um quadro demonstrativo, que através de uma pequena mostra de obras-chaves represente a diversidade da bibliografia. O principal critério de seleção das obras que compõem esse painel analítico é sua relevância, sua centralidade no debate acadêmico. A esse critério associam-se outros, como a possibilidade de efetivo estudo dos textos, influenciada pela disponibilidade de acesso físico e linguístico. Esse quadro será apresentado em três subitens, em três blocos que reúnem as obras a partir de nossa avaliação. O primeiro bloco se organiza pelo título *Febvre, Bloch e a Escola dos Annales*, o segundo compõe *Revisões da historiografia sobre os Annales* e o último intitula-se *Novos quadros da pesquisa sobre Bloch e Febvre*.

### **2.2.1 Febvre, Bloch e a “Escola dos Annales”**

Um volume significativo de obras historiográficas sobre Lucien Febvre e Marc Bloch investiga-os a partir de sua relação com a “Escola dos *Annales*”. Nessas obras Febvre e Bloch são apresentados como “pais fundadores” de um novo paradigma historiográfico, como promotores de uma revolução no interior da historiografia moderna. Nesse sentido, o foco é o novo programa intelectual, o “paradigma dos *Annales*”, e não os autores em si.

*A história nova*, organizado pelos historiadores franceses Jacques Le Goff, Jacques Revel e Roger Chartier, é um dos primeiros e mais importantes trabalhos que compõem esse painel.<sup>17</sup> Essa obra reúne uma série de textos publicados em 1978 e produzidos por importantes nomes da “Escola dos *Annales*”, como Michel Vovelle, André Burguière e Philippe Ariès. Os textos se dedicam a refletir sobre temas que de alguma maneira envolviam a discussão sobre os *Annales* na década de 1970, tais como longa duração, estruturas, mentalidades e imaginário. Trata-se

---

<sup>17</sup> CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005.

de uma obra organizada com o objetivo de produzir algo como o estado da arte dessa “escola”, e que, em grande medida, consolidou a vinculação do termo “história” nova com “Escola dos *Annales*”. É do próprio Jacques Le Goff um dos textos mais relevantes da obra, e que nos interessa particularmente aqui.

Com o mesmo título da coletânea, o primeiro capítulo de *A história nova* propõe um balanço da historiografia que o autor chama de “história nova”. Le Goff inicia o texto definindo sua compreensão de história nova pela associação com a ideia de história total. Assim, Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel seriam seus grandes mestres. O argumento do autor é que o projeto de história total se delinearía já em Marc Bloch e Lucien Febvre, com o lançamento da *Annales d'histoire économique et sociale*. Le Goff busca em um discurso de Febvre dos anos 1950 e na amplitude do termo “social”, presente no título da revista, a justificativa para essa designação.<sup>18</sup> Para esse autor, Febvre e Bloch possuíam como projeto construir uma nova história de âmbito internacional, projeto que, se não foi pleno, teria alcançando dimensões ocidentais.<sup>19</sup> O que se afirma, portanto, é que a história nova foi forjada pelo grupo de intelectuais organizados em torno da revista.<sup>20</sup>

Caracterizando esse grupo como promotor do “espírito da história nova” contra a história tradicional, e vislumbrando Febvre e Bloch como seus mestres, construiu-se uma imagem “revolucionária” para ambos. Entre 1924 e 1939 Bloch e Febvre teriam travado uma luta, um combate contra a história política, narrativa, dos acontecimentos. Para Le Goff, esses historiadores eram movidos pelo desejo de afirmação de duas direções inovadoras para o conhecimento histórico: a história econômica e a história social. Ainda que reconheça como fontes inspiradoras da *Annales* a *Revue Historique*, a *Revue de Synthèse*, dirigida pelo belga Henri Berr, e a *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte* - Revista Quadrimestral de História Econômica e Social, Le Goff reivindica para o trabalho de Bloch e Febvre uma originalidade sem precedentes.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005, p. 34-35.

<sup>19</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005, p. 45.

<sup>20</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005, p. 74.

<sup>21</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005, p. 38-40.

Esse mesmo esforço de apresentação de Marc Bloch e Lucien Febvre como revolucionários intelectuais, arquitetos de uma nova forma de se produzir conhecimento histórico, pode ser encontrado na obra de Peter Burke, *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*, de 1990.<sup>22</sup> Nesse texto o historiador inglês pretende fazer uma reconstrução da história dos *Annales*, oferecendo, em poucas páginas, condições para a compreensão do movimento como um todo. Burke diverge da argumentação de Le Goff ao afirmar que um novo estilo de história já se gestava a partir de trabalhos isolados; na Alemanha com Gustav Schmoller e Karl Lamprecht, na França com Henri Sée, Henri Hauser e Paul Mantoux. No entanto, como já sugere o título da obra, para Burke os *Annales* não têm precursores como um grupo, como um movimento com novas propostas para a historiografia. Os anos em que Bloch e Febvre estiveram na direção da *Annales d'Histoire Économique et Sociale* são descritos nos seguintes termos:

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1929 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos.<sup>23</sup>

Peter Burke argumenta que a revista *Annales* foi planejada, desde seu início, para ser mais que uma revista histórica comum. Ela pretendia exercer liderança intelectual nos campos da história social e econômica, sendo porta-voz da nova abordagem histórica interdisciplinar.<sup>24</sup> Assim como Le Goff,<sup>25</sup> Burke parte do relato de Lucien Febvre para afirmar que os *Annales* “começaram como uma revista de seita herética”, que pouco a pouco se converteu no centro de uma escola histórica. As transferências de Bloch e Febvre de Estrasburgo para Paris,

---

<sup>22</sup> BURKE, 1997.

<sup>23</sup> BURKE, 1997, p. 12.

<sup>24</sup> BURKE, 1997, p. 33.

<sup>25</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005.

nos anos 1930, representariam sinais evidentes do sucesso do movimento dos *Annales*.<sup>26</sup>

Entre esses textos que enfatizam a revolução intelectual produzida por Bloch e Febvre, nos parece estar também o estudo produzido por Jacques Revel. Em 1979, Revel publicou na *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations* artigo intitulado *Histoire et sciences sociales: les paradigmes des Annales*, que apesar de contemporâneo ao artigo de Le Goff, traz quanto a ele diferenças importantes.<sup>27</sup> Jacques Revel se propôs a discutir um ponto polêmico que também circundava o grupo dos *Annales* na década de 1970, a unidade desse movimento intelectual.<sup>28</sup> Seu argumento é que os *Annales* reclamam para si uma identidade coletiva, reivindicam uma preservação da origem que parece esconder verdadeiros desacordos.

No que se refere à abordagem dos primeiros anos dos *Annales*, e particularmente de Lucien Febvre e Marc Bloch, Revel segue na direção apontada pelos autores supracitados ao afirmar que a origem dos *Annales* está na ruptura fundacional de 1929, cuja matriz teórica seria a obra do sociólogo François Simiand, *Método histórico e ciência social* (1903). Contudo, Revel distancia-se, por exemplo, de Le Goff, ao admitir que a generalização “positivista” e “historicizante”, proposta por Simiand e repetida sistematicamente para falar de uma suposta história tradicional, é uma incorreção.<sup>29</sup>

Esse autor segue também a direção que Peter Burke tomará mais tarde, reconhecendo que a tentativa de organizar a produção historiográfica em torno das ciências sociais não era original, e já estava presente na *Revue de Synthèse* com Henri Berr. No entanto, Revel também se distancia de Burke na justificativa do sucesso dos *Annales*. Burke refere-se aos primeiros anos da revista como uma “guerra de guerrilhas”, que só alcançará o *establishment* historiográfico após a

---

<sup>26</sup> BURKE, 1997, p. 38-43.

<sup>27</sup> REVEL, 1979, p. 1360-1376.

<sup>28</sup> Essa discussão sobre a unidade, ou não, do movimento dos *Annales* em torno de um paradigma, proposta por Jacques Revel, encontra-se também em Stoianovich. Cf. STOIANOVICH, 1976.

<sup>29</sup> REVEL, 1979, p. 1360-1363.

Segunda Guerra.<sup>30</sup> Jacques Revel, por outro lado, sustenta que a legitimidade acadêmica faltara à *Revue de Synthèse*, que estivera às margens das instituições universitárias, mas não à *Annales*.<sup>31</sup> Enfatiza ainda que seus fundadores não eram marginais, mas historiadores reconhecidos, que se beneficiaram também do apadrinhamento prestigioso de Henri Pirenne.<sup>32</sup>

Para nossos interesses, um dos aspectos mais substantivos desse texto é a afirmação de que ainda não havia se produzido uma efetiva “história do movimento”. Segundo Revel, a maior parte dos estudos consagrados aos *Annales* parte dos discursos que os membros produziram sobre si mesmos, compondo assim estudos ideológicos e abstratos.<sup>33</sup> Esse rótulo nos parecer definir bem o texto de Jacques Le Goff, e mesmo a obra de Peter Burke, escrita mais de uma década depois. Especialmente no que se refere aos primeiros anos da *Annales d’histoire économique et sociale*, um dos recursos mais utilizados como fonte são os comentários de Lucien Febvre sobre a revista, retirados de discursos e conferências. Revel admite ser seu próprio ensaio constituído apenas por hipóteses gerais, que não são fruto de pesquisa histórica, e segue seu diagnóstico apontando que,

[...] nous ignorons presque tout de la sociologie du mouvement, de la composition des reseaux successif et sedimentés qui ont été, à un moment ou à un autre, en tout ou en partie associés aux Annales ... Cette recherche n’est pas faite.<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> BURKE, 1997, p. 11-15.

<sup>31</sup> REVEL, 1979, p. 1360-1367.

<sup>32</sup> Faz-se necessária uma observação. Em 1977, como comunicação para um encontro do Fernand Braudel Center, nos Estados Unidos, Jacques Revel produziu um texto com a mesma estrutura do texto publicado na revista *Annales* em 1979, o qual utilizamos aqui. Entre os dois textos há pouquíssimas diferenças, no entanto, uma se revela mais substantiva. Enquanto no artigo de 1979 Revel é enfático ao apresentar Febvre e Bloch como historiadores reconhecidos e não como marginais, no texto de 1977 admite exatamente o contrário, nos seguintes termos: “small marginal group of professors of the University of Strasbourg, who at the end of the 1920’s, took up arms against the citadel of the university”. Cf. REVEL, 1978, p. 10.

<sup>33</sup> REVEL, 1979, p. 1361.

<sup>34</sup> REVEL, 1979, p. 1360-1376 .

O diagnóstico de Jacques Revel sobre os estudos dedicados aos *Annales* é semelhante ao de seu colega André Burguière. Burguière, em texto também publicado na revista *Annales*, em 1979, afirmava que a escrita dos *Annales* adquirira um carisma surpreendente, transformara-se em tradição. Esse carisma motivou o aprisionamento das análises a vulgatas, sem o devido tratamento como objeto de pesquisa histórica.<sup>35</sup> Nesse sentido, novamente afirma-se a necessidade de investigação desse “movimento historiográfico”, e o próprio Burguière se propõe a iniciá-la, resgatando alguns aspectos da paisagem intelectual do nascimento dos *Annales*.

Burguière inicia suas referências a Marc Bloch e Lucien Febvre procurando afastar a ideia de que fossem autores marginais, excluídos do *establishment* historiográfico e universitário. Distanciando-se das análises de Jacques Le Goff e Peter Burke e aproximando-se de Jacques Revel, Burguière sustenta que Bloch e Febvre eram “herdeiros” de posições importantes, eram historiadores “incluídos”. O reconhecimento de ambos poderia ser visualizado no fato de publicarem em revistas importantes e lecionarem na Universidade de Estrasburgo, no momento a segunda mais importante instituição universitária da França, tanto numérica quanto simbolicamente.<sup>36</sup> Burguière insiste que a marginalidade em torno dos fundadores da *Annales* seria mais tática que real. Argumenta-se que Febvre e Bloch buscaram meios extrauniversitários não por estarem à margem da estrutura acadêmica, mas por visualizarem nesses meios um *locus* privilegiado para interpelar a comunidade de historiadores, para criticar suas certezas.

Ao que nos parece, há maior distância entre o texto de Burguière e os demais trabalhos referenciados. Esse autor afirma a presença de um projeto de hegemonia acadêmica nos anseios de Febvre e Bloch. Associado a isso, defende que não se tinha um grupo formado por orientações comuns, reunido em torno de proposições. Tratava-se, antes, de um grupo que definiu as diretrizes que recusava, particularmente a história política, mas que não traçou com a mesma ênfase propostas, parâmetros teórico-conceituais e metodológicos. Febvre e Bloch teriam feito referências ao “espírito dos *Annales*”, mas não exposto sua “linha

---

<sup>35</sup> BURGUIÈRE, 1999, p. 40.

<sup>36</sup> BURGUIÈRE, 1999, p. 42-43.

doutrinal”. Nesse raciocínio justifica-se, por exemplo, a importância da seção de resenhas para a revista *Annales*, assim como o tom de polêmica nelas empregado.<sup>37</sup>

As apresentações dos textos de Revel e Burguière como últimas referências do primeiro bloco são propositais.<sup>38</sup> Apesar de serem artigos do final da década de 1970, montados na mesma estrutura dos demais textos, eles apontam para aspectos relevantes, que nos encaminham para a organização de um segundo bloco. Revel e Burguière já retratavam a necessidade de produzir estudos propriamente históricos sobre os *Annales*, que se baseassem em pesquisa, levantamento de dados e reflexão crítica. De tal maneira que seus trabalhos podem ser pensados na transição dessas duas categorias, pois criticam o cenário historiográfico em torno dos *Annales* e reconhecem a necessidade de um novo campo de investigação, mas ao mesmo tempo não assumem essa tarefa, limitando-se, nos próprios termos de Revel, a expor hipóteses gerais.

### **2.2.2 Revisões da historiografia sobre os *Annales***

Especialmente a partir da década de 1980 assiste-se ao desenvolvimento de trabalhos que exploram os pontos sinalizados por Jacques Revel e André Burguière. Nesse sentido, buscamos reunir nesse segundo grupo obras que se aproximam por promoverem uma revisão da produção historiográfica sobre os *Annales*. Agrupamos sob esse título sobretudo as obras que se fundamentam em trabalhos de investigação específicos, que se propõem a historicizar os *Annales*. Tendo alguns temas comuns, em maior ou menor grau, eles discutem as mudanças promovidas pelo grupo, colocam em questão a fundação de um novo paradigma, questionam sua unidade e relativizam o entendimento dos primeiros anos da revista como conformadores de uma escola historiográfica.

Um dos primeiros trabalhos a reivindicar para si a proposta ensaiada por Jacques Revel e André Burguière é *A história em migalhas: dos Annales à nova*

---

<sup>37</sup> BURGUIÈRE, 1999, p. 49.

<sup>38</sup> Para outros trabalhos relevantes que estudam Marc Bloch e Lucien Febvre com perspectivas semelhantes às apresentadas nesse primeiro conjunto, Cf. MANN, 1971; MASSICOTE, 1981; REIS, 1996; REIS, 2000.

*história*, do francês François Dosse.<sup>39</sup> Publicação de 1987, essa obra tem como tema central a busca de respostas para o questionamento sobre ser ou não a “nova história” herdeira do “movimento dos *Annales*”. Busca-se, nos termos do autor, produzir a historicização do paradigma dos *Annales*, retrazar sua história em seu aspecto estratégico. A argumentação de *A história em migalhas* é de que os *Annales* seriam uma escola marcada pelo ecumenismo epistemológico e por uma estratégia de alianças, conjunção que garantiria seu sucesso. Os historiadores ligados à revista *Annales* nunca possuíram, explícita ou implicitamente, um eixo teórico claro. Sua metodologia seria a aglutinação de procedimentos e linguagens das ciências sociais vizinhas. O sucesso do grupo, nos termos do próprio Dosse, se revelaria na posição hegemônica que conquistara na produção histórica francesa, ocupando desde os laboratórios de pesquisa até os circuitos de distribuição de obras.<sup>40</sup>

Tratando do “tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre”, que nos interessa mais particularmente, Dosse caracteriza-o como um momento de deslocamento do campo político para o econômico. Febvre e Bloch fariam parte de um grupo que fundamentava sua existência na rejeição da história política. Outro ponto explorado nessa obra é a originalidade dos esforços de Bloch e Febvre. Para Dosse, com esses historiadores elaborou-se um novo discurso para a história, fundado na história-problema e na insistência da relação presente-passado como um instrumento heurístico. No entanto, não se poderia derivar desses aspectos um programa revolucionário. Há, portanto, um questionamento do diagnóstico de revolução historiográfica com os *Annales*. A argumentação de Dosse recorre à afirmação de André Burguière de que os *Annales* seriam mais originais pelas formas de afirmação de seu programa que propriamente por seu conteúdo.

*A história em migalhas* é uma obra importante no cenário de questionamentos ao “paradigma dos *Annales*” e de busca de sua historicização. Trata-se de um trabalho que investigou redes de relações em torno dos autores, analisou relações políticas e acadêmicas e buscou uma diversidade documental. Por outro lado, é também marcado por um tom provocador, que contribuiu para seu sucesso editorial e para a aglutinação de uma série de debates em seu entorno.

---

<sup>40</sup> DOSSE, 2003, p. 19-26.

Entre esses debates o mais reluzente talvez seja a querela com Jacques Le Goff. Em seu prefácio para a reedição de *A história nova*, em 1989, Le Goff reagiu à obra de Dosse, ainda que indiretamente, acusando-a de blasfemar contra os *Annales*, de seu autor ser um dos orquestradores da “crise da história”.<sup>41</sup> De fato, não se pode negar que a obra de Dosse motiva polêmicas e em certo sentido dificulta discussões menos apaixonadas.

Nessa mesma linha de investigação estão os trabalhos de Lutz Raphael. Historiador alemão que nas duas últimas décadas se dedicou à investigação da história da historiografia dos *Annales*, Lutz Raphael construiu um artigo analisando o reposicionamento da historiografia sobre os *Annales*. Intitulado *Von der wissenschaftlichen Innovation zur kulturellen Hegemonie? Die Geschichte der ‘Nouvelle Histoire’ im Spiegel neuerer Gesamtdarstellungen*<sup>42</sup> (Da inovação científica à hegemonia cultural? A história da *Nouvelle histoire* no espelho de novos estudos gerais)<sup>43</sup>, o artigo de Raphael inicia-se com a afirmação de que apesar das iniciativas desenvolvidas a partir dos anos 1980, a revista e a escola dos *Annales* não teriam sido ainda devidamente estudadas. Esse trabalho de Raphael é particularmente importante para nossa perspectiva porque aponta-nos outros três nomes que contribuem para a revisão dessa historiografia. São eles, Hervé Couteau-Bégarie, Olivier Dumoulin e Pierre Bourdieu.

O trabalho de Couteau-Bégarie<sup>44</sup> é, nos termos de Raphael, próximo ao de François Dosse. As obras desses dois autores seriam importantes, principalmente nas análises sobre Marc Bloch e Lucien Febvre, por questionarem as deficiências programáticas do que se convencionou designar como “combates pela história”. Tanto a obra de Dosse quanto a de Couteau-Bégarie, contudo, seriam ainda abstratas e arbitrarias, não fazendo efetiva análise dos contextos em que atuavam esses autores e de suas respectivas conexões.

---

<sup>41</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005, p. 5-7.

<sup>42</sup> RAPHAEL, 1989.

<sup>43</sup> Agradeço a gentil colaboração do meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata, que traduziu o texto original, viabilizando minha leitura.

<sup>44</sup> Cf. COUTEAU-BÉGARIE, 1983.

A contribuição de Olivier Dumoulin para a historiografia dos *Annales*, por sua vez, partiria de uma perspectiva distinta. O trabalho de Dumoulin <sup>45</sup> não é focado no grupo dos *Annales*, e sim na geração de historiadores franceses que viveu o período entre-guerras. Raphael aponta que a partir de um estudo prosopográfico, de uma história social e quantitativa, Dumoulin promoveu uma remontagem do contexto da historiografia francesa dos anos 1930. Essa reconstrução, que incluía Marc Bloch e Lucien Febvre, ajudaria a compreender o campo e as formas de atuação desses autores. O autor chave para o desenvolvimento das novas pesquisas sobre os *Annales*, na avaliação de Lutz Raphael, seria Pierre Bourdieu. Bourdieu, com suas pesquisas sobre sociologia da educação e da cultura e sobre a estrutura universitária na França, seria fundamental para a compreensão do desenvolvimento da “Escola dos *Annales*” desde Marc Bloch e Lucien Febvre, mas principalmente a partir da década de 1950, momento em que se deu sua institucionalização na VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, em Paris.

É importante esclarecer ainda que o próprio Lutz Raphael representa um dos mais importantes nomes da renovação dessa historiografia. *Die Erben von Bloch und Febvre. "Annales" - Geschichtsschreibung und "nouvelle histoire" in Frankreich 1945-1980* (Os herdeiros de Bloch e Febvre. A historiografia dos *Annales* e a *nouvelle histoire* na França 1945-1980) publicada em Stuttgart em 1994, é fruto de sua tese de habilitação. <sup>46</sup> O objetivo da obra era se afastar de uma história hagiográfica dos *Annales*, reconstituir em sua complexidade o campo constituído pelos historiadores franceses. Fundamentando-se na análise social do grupo e em sua produção intelectual, com marcada influência das teorias de Pierre Bourdieu, Raphael estuda os *Annales* no período pós Segunda Guerra a partir da

---

<sup>45</sup> Cf. DUMOULIN, 1983.

<sup>46</sup> É importante chamarmos atenção para a ausência de traduções dessa obra de Lutz Raphael. Trata-se de uma publicação que não passou despercebida em solo francês, sendo registrada em resenhas que inclusive reconheceram os esforços da pesquisa. Essa ausência é muito significativa tendo em vista o interesse da academia francesa da segunda metade dos séc. XX sobre a história dos *Annales*, que na maioria dos casos é sua própria história. Ao que nos parece, há aqui uma indicação de um cenário ainda resistente a interpretações críticas sobre os *Annales*, particularmente interpretações vindas de acadêmicos estrangeiros.

Desta forma, nosso acesso a essa obra é feito a partir de resenhas produzidas a seu respeito. A relevância desse trabalho nos fez adotar esse procedimento, ainda que precário. Buscando minimizar essa precariedade e evitando produzir uma leitura enviesada, exploramos mais de uma resenha e nos detivemos mais em seus aspectos descritivos e menos em seus aspectos qualitativos.

produção científica dos autores, de correspondências e outros materiais de arquivo, tendo como método a prosopografia. Nesse sentido, trata-se menos de uma história das ideias e mais de uma história social de um campo cultural.

Com essa investigação, Raphael defende algumas teses que representam uma ruptura, um distanciamento muito significativo dos demais trabalhos sobre os *Annales* referenciados aqui. Uma das linhas mestras do estudo é a demonstração da heterogeneidade e da ambiguidade do movimento dos *Annales*. Essa heterogeneidade se revelaria, por exemplo, na união de personagens com projetos intelectuais distantes um do outro, como Fernand Braudel e Ernest Labrousse, ou mesmo Marc Bloch Lucien Febvre. Para Raphael, o momento braudeliiano representou uma tentativa de esvanecer essa heterogeneidade, através da fabricação de um mito de origem que conferiria uma coerência não existente na realidade. Raphael relativiza essa própria origem, a ideia dos *Annales* como ruptura com as tradições historicistas, chegando a falar em um “historicismo no tempo das ciências sociais”. Sua tese é que se por um lado Bloch e Febvre se declaram inovadores, por outro eles se inscrevem muito fortemente nas instituições e na tradição intelectual francesa. O ano de 1929 não poderia ser visto como inauguração de um paradigma histórico, ele representaria, mais modestamente, a definição de uma prática do *métier* do historiador.

Essa obra trata ainda do processo de institucionalização e legitimação dos *Annales*. Raphael argumenta que a própria interdisciplinaridade, uma das características mais apontadas como marca dos *Annales*, não teria, na realidade, a mesma efetividade que adquirira nos discursos. Os *Annales* representariam, assim, uma hegemonia institucional, e não uma renovação intelectual. Mesmo porque não haveria ali um programa teórico, ferramentas teóricas claras e definidas, mas uma “bricolagem conceitual”. O historiador alemão sustenta que essa “escola” é marcada por uma fragilidade teórica, em grande parte resultado da tendência empiricista da história-problema.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> RAPHAEL, Apud KOTT, 1995, p. 123-127; SOLCHANY, 1996, p. 177.

### 2.2.3 Novos quadros da pesquisa sobre Bloch e Febvre

Delimitamos aqui um último bloco, composto por trabalhos que nos últimos anos se dedicam mais diretamente ao estudo de Marc Bloch e Lucien Febvre. Este bloco pode ser compreendido como uma ramificação do anterior, na medida em que os trabalhos são marcados pelo mesmo desejo de historicização, contribuem para o revisionismo da historiografia sobre os *Annales* e, por vezes, são motivados pelo desejo de melhor compreender essa “escola francesa”. No entanto, as obras que discutiremos formam também um conjunto à parte, pois seus objetos de pesquisa são construídos em torno dos dois historiadores, e não da “Escola dos *Annales*” em si. Assim, interessam-se, por exemplo, por conhecer aspectos de suas trajetórias de vida, suas relações acadêmicas, seu posicionamento no meio historiográfico francês e suas relações com outros contextos historiográficos.

Nessa direção de reconhecer Marc Bloch e Lucien Febvre como objetos de pesquisa histórica, tem-se um trabalho que não é exatamente um estudo de história da historiografia. Em 1989 a historiadora norte-americana Carole Fink, que se dedica à história contemporânea, publicou *Marc Bloch – uma vida na história*.<sup>48</sup> Trata-se de um trabalho biográfico, em que se busca recuperar a história do historiador e do cidadão francês Marc Bloch. Essa é a primeira biografia sobre Marc Bloch, cuja relevância pode ser atribuída ao texto fruto de significativo trabalho arquivístico.<sup>49</sup> Carole Fink explorou vasta documentação até aquele momento não publicada e pouco trabalhada, oferecendo assim novos caminhos de pesquisa.

Interessa-nos apreender o retrato que essa obra elabora de Marc Bloch como historiador. Carole Fink compõe análises das principais obras de Bloch relacionando-as com seu contexto de vida pessoal. A narrativa ressalta a importância do relacionamento com Lucien Febvre tanto para a vida acadêmica quanto pessoal de Marc Bloch. Com esse procedimento, são oferecidas

---

<sup>48</sup> FINK, 1997.

<sup>49</sup> A biografia de Carole Fink, originalmente publicada em inglês, tem traduções para o francês, o espanhol e o português. Para outro trabalho biográfico de Bloch, mais recente, Cf. DUMOULIN, 2000.

informações relevantes sobre o próprio Febvre, que persistem pouco exploradas. O mais interessante parece-nos ser a investigação dos estudos de formação, o resgate de algumas das leituras de Bloch, de suas relações acadêmicas e institucionais e seus diálogos com outros autores. Nesse aspecto, contudo, o texto deixa-nos à espera de maior profundidade. Carole Fink não realiza esse procedimento de recomposição de um contexto fundamental para a compreensão do Marc Bloch historiador.

Apesar de não ser seu objetivo central, *Marc Bloch – uma vida na história* parece-nos trazer contribuições também para a história da historiografia dos *Annales*. Ao analisar o papel da *Annales d'histoire économique et sociale* na vida de Marc Bloch, a obra investiga o contexto de fundação da revista, o papel de seus diretores, suas dimensões, formatações e pretensões. E as conclusões que emergem dessa investigação são, em muitos aspectos, divergentes daquelas comumente apresentadas sobre os *Annales*. Fink apresenta uma posição distinta, por exemplo, quanto ao projeto e aos objetivos da revista.

A revista representava, em considerável medida, uma estratégia conjunta, dirigida não tanto para um objetivo de “hegemonia” ou de “preeminência”, mas para uma apresentação direta das credenciais profissionais de ambos [Febvre e Bloch], que preparava o regresso de dois historiadores de talento ao local a que aspiravam.<sup>50</sup>

Há, como se pode ver, a refutação da ideia de fundação de um novo paradigma historiográfico, defendida por exemplo por Jacques Le Goff,<sup>51</sup> e também de um projeto de hegemonia por parte de Bloch e Febvre com a inauguração da revista, apresentada por André Burguière.<sup>52</sup> Carole Fink argumenta que o projeto de fundação de uma nova revista de história estava mais associado aos projetos pessoais de seus diretores – de se tornarem docentes em Paris – que a um desejo de revolucionar a escrita da história. A biógrafa de Bloch afirma ainda que as reivindicações que colocam Bloch e Febvre como fundadores

---

<sup>50</sup> FINK, 1997, p. 139.

<sup>51</sup> LE GOFF, In: CHARTIER; LE GOFF; REVEL (Org.), 2005, p. 38-40.

<sup>52</sup> BURGUIÈRE, 1999, p. 49.

de uma nova escola historiográfica conformam uma análise “mitológica” do empreendimento dos historiadores franceses em 1929.

Quando, no fim da década de 60 e nos anos 70, o sucessor dos *Annales* atingiu projeção internacional, atribuiu-se um estatuto quase lendário aos primeiros dez anos da revista. As lutas e realizações dos fundadores e também a reação dos seus opositores foram geralmente exageradas pelos que apostavam em apor um carimbo de “longa duração” à sua própria forma bem sucedida de “nova história”. [...] Com recursos e ambições limitadas, não criou séquitos nem escolas, mas fez irradiar um espírito de abertura próprio. [...] Apesar dos mitos que posteriormente se criaram, só em certa medida obtiveram reconhecimento num mundo acadêmico competitivo, com tendência a contrair-se, numa época sombria e perturbada.<sup>53</sup>

Na mesma direção de Carole Fink, de exploração da pesquisa documental,<sup>54</sup> mas com perspectivas distintas, estão os trabalhos de Bertrand Müller. O historiador suíço possui uma série de estudos sobre Lucien Febvre, tendo dentre suas publicações uma obra bibliográfica e edições críticas dos textos de Febvre. Entre essas publicações destaca-se *Lucien Febvre: lecteur et critique*, recente obra que analisa todas as resenhas publicadas por Febvre ao longo de sua carreira, interpretando a crítica e avaliando a importância desse tipo de texto no conjunto da produção do diretor da *Annales*.<sup>55</sup>

Bertrand Müller também se destaca por ser o editor, organizador e comentador da correspondência trocada entre Lucien Febvre e Marc Bloch entre 1928 e 1943.<sup>56</sup> Intitulado *Correspondance* e publicado entre 1994 e 2003, esse trabalho é sem dúvida grandioso.<sup>57</sup> Müller organizou um conjunto de 530 cartas que se encontravam dispersas, um material não integralmente datado e de difícil

---

<sup>53</sup> FINK, 1997, p. 166-167.

<sup>54</sup> Podem-se citar outros dois estudos que se dedicam à investigação sobre Marc Bloch nos termos que designamos este grupo, Cf. FRIEDMAN, 1996; MASTROGREGORI, 1995.

<sup>55</sup> MÜLLER, 2003. Esse texto é mais detalhadamente explorado nos próximos capítulos desta Dissertação.

<sup>56</sup> A organização e edição de correspondências de Marc Bloch e Lucien Febvre foi realizada também em duas outras obras, apresentando cartas trocadas com Henri Berr e Henri Pirenne, Cf. PLUET-DESPATIN, 1992; LYON, Bryce; LYON, Mary, 1991.

<sup>57</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994; BLOCH; FEBVRE, 2003a; BLOCH; FEBVRE, 2003b.

compreensão. Além do trabalho filológico, o autor compôs uma série de anotações explicativas a todas as referências citadas nas cartas, sejam elas de obras, autores, ou instituições. A correspondência trocada entre Febvre e Bloch revela informações como redes intelectuais, relações institucionais e, sobretudo, oferece um vasto campo para a compreensão da gestação e do desenvolvimento dos primeiros anos da revista *Annales*, motivo central das trocas.<sup>58</sup> *Correspondance* é um trabalho cuja relevância não se encerra no rigor e na correção do trato com a fonte, pois na medida em que disponibiliza documentação abre novas perspectivas para pesquisas sobre Febvre, Bloch, a historiografia dos *Annales* e sobre o campo intelectual francês do começo do séc. XX de maneira geral.<sup>59</sup>

Como terceiro e último exemplo de investigações que têm os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre como os próprios objetos de pesquisa, apresentamos os trabalhos de Peter Schöttler. Schöttler é um historiador alemão que trabalha em linhas de pesquisa como história social da Alemanha e transferências culturais franco-germânicas. É por essa última via, a partir da grande temática “relações franco-germânicas”, que Schöttler desenvolveu suas pesquisas sobre Bloch e Febvre. Esse autor publicou, a partir dos anos 1990, uma série de textos centrados na temática “Marc Bloch, Lucien Febvre e a Alemanha”. Trata-se de uma obra produzida a partir de pesquisas com fontes diversas, como textos teóricos dos autores, textos críticos e correspondências. Essa diversidade documental se conjuga a uma diversidade analítica. Schöttler utilizou recursos de análises múltiplos, e muitas vezes conectados, para construir sua argumentação, que transita de uma interpretação hermenêutica dos textos até a construção de redes interpessoais e métodos quantitativos.

Ao longo de seus textos, Schöttler explora essa temática a partir de vários contextos, envolvendo tanto política e cultura quanto a historiografia propriamente dita. No que se refere ao contexto historiográfico, sua principal

---

<sup>58</sup> Para mais detalhes sobre as correspondências de Marc Bloch e Lucien Febvre, Cf. seção 2.1 desta Dissertação.

<sup>59</sup> Fontes sobre Marc Bloch, seus próprios textos, como artigos, resenhas e notas, além de outros documentos referentes à sua vida e obra são encontradas também nas obras organizadas por seu filho Étienne Bloch, Cf. BLOCH, 1998; BLOCH, 2006.

contribuição nos parece ser ultrapassar as explicações que se limitam em afirmar que os fundadores dos *Annales* recusam o historicismo alemão na medida em que estariam fundando um novo paradigma alinhado às ciências sociais. Esse historiador busca investigar a estrutura da revista *Annales* e as relações em torno de Bloch e Febvre, produzindo explicações mais complexas, reconhecendo a diversidade da historiografia alemã. As conclusões de Schöttler encaminham-se para a proposição de que a influência da Alemanha e da ciência histórica alemã sempre foi marcante em Bloch e em Febvre, mesmo nos momentos em que seus discursos reclamavam afastamento e desligamento.<sup>60</sup> Há, portanto, uma aproximação entre o trabalho que se espera desenvolver aqui e a obra de Peter Schöttler. Nesse sentido, ele será um de nossos interlocutores privilegiados.

---

<sup>60</sup> SCHÖTTLER, 1999, p. 70.

### 3. VIVER E ESCREVER A ALEMANHA: A PRESENÇA GERMÂNICA NAS TRAJETÓRIAS DE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH

#### 3.1 FRANÇA E ALEMANHA (SÉC. XVIII–XX): APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

As relações entre a França e a Alemanha são, de longa data, objeto de reflexão nas esferas culturais dos dois países. Elas se encontram na geografia, na economia, na filosofia, na literatura e na história, para tratarmos apenas de algumas disciplinas acadêmicas. Pelas mais diversas motivações, e fundamentados em modelos e teorias não menos distintos, sobre esse tópico escreveram importantes nomes como Goethe no século XVIII, Alfred de Musset, Edgar Quinet, François Guizot e Saint Beuve no século XIX, Paul Valéry, Friedrich Nietzsche, Henri Berr, Henri Hauser e Émile Durkheim no século XX.

Essa multiplicidade de interpretações coloca, de antemão, a necessidade de se fazer uma escolha, de se adotar um foco para o tratamento contemporâneo da questão. Ela evidencia também que nenhuma abordagem, por mais presa à descrição factual e cronológica que se pretenda ser, poderá se furtar ao diálogo com essas construções anteriores. Nesse sentido, nossa análise toma como princípio norteador a interpretação do historiador Wolf Lepenies, que vem se debruçando sobre essa questão desde a década de 1990, com sua obra *As Três Culturas*.<sup>1</sup>

Em *The Seduction of Culture in Germany History*<sup>2</sup>, Lepenies propõe que se olhe para as relações entre a nação francesa e a nação germânica a partir da cultura, mais especificamente a partir do conceito “guerra de culturas”. Para esse autor, França e Alemanha são unidas pelo signo da hostilidade mútua entre suas culturas, por um enfrentamento que também comporta espaços de admiração e atração. A argumentação de Lepenies é de que todos os conflitos, todos os afastamentos e aproximações entre esses dois países se fundamentam nas questões que envolvem a cultura, passam necessariamente por essa esfera de extrema

---

<sup>1</sup> LEPENIES, 1996.

<sup>2</sup> LEPENIES, 2006.

relevância para as duas nações. A ideia central aqui é de que as ocorrências dos mais diversos campos, como o político e o militar, por exemplo, são elaboradas e ressignificadas na esfera cultural, seja na literatura, na história ou na filosofia.

No caso particular da Alemanha, Wolf Lepenies afirma que a valorização da cultura é uma de suas principais características. Haveria nesse país uma autoimagem dominante de “casa da cultura”, um senso de superioridade cultural. A Alemanha é apresentada como um país aficionado, que nutre obsessão pela cultura. Fascínio correspondente a uma sobreposição da cultura a outras esferas, inclusive à esfera política. De acordo com Lepenies, essa obsessão interferiu na história alemã desde fins do séc. XVIII. Dois exemplos, um dos setecentos e outro do séc. XX, ilustram bem essa argumentação.

No tempo da filosofia idealista o lançamento de uma obra como a do filósofo Fichte teria motivado uma profusão de discussões na opinião pública, muito mais que quaisquer ações políticas que lhes foram contemporâneas. Dois séculos depois, os discursos dos propagandistas do nazismo proclamavam que o ressentimento de Hitler com a invasão dos Aliados se dava menos pela derrota na guerra que pela perda dos bens culturais, do espírito artístico da Alemanha. Trata-se de uma obsessão pela cultura que não influenciou apenas a história interna do país, mas interferiu também em suas relações com outros países, especialmente Estados Unidos e França.

Entendida sob o signo da “guerra de culturas”, de admiração e enfrentamento, de aproximação e afastamento, a análise de França e Alemanha tem como marco o séc. XVIII. Os setecentos na Alemanha são marcados pela dominação linguística do francês nas cortes e pela dominação dos costumes franceses na vida aristocrática. À época de Luís XIV, as cortes alemãs viveram uma invasão da cultura francesa em seu cotidiano.<sup>3</sup> A segunda metade desse século, por outro lado, assistiu a um processo oposto, a busca pela identidade nacional alemã. Desenvolveram-se movimentos de resgate da língua germânica por filósofos e poetas. A construção do nacionalismo teve como um de seus pilares a proposta de afastar o modelo francês, dominante não só na aristocracia germânica, mas em boa parte das cortes européias.

---

<sup>3</sup> LEPENIES, 2006, p. 96.

Manifesta-se, portanto, apenas no séc. XVIII, um movimento de aproximação entre as duas culturas, pela via aristocrática, e seu afastamento pelo resgate do nacionalismo germânico nos meios intelectuais. A cultura alemã, a partir desse momento e ao longo de boa parte do séc. XIX, será marcada por um “sentimento anti-francês” que se expressa em diversas situações. Um exemplo relevante é o ataque de Goethe à língua francesa, criticando sua incapacidade de servir à ciência. Lepenies apresenta o posicionamento de Goethe nos seguintes termos:

Goethe [...] took aim at the French language for what he saw as its lack of precision and its inaptitude for grasping the essence of scientific understanding. The German poet thereby dealt the most terrible blow the enemy could possibly expect in the French-German culture wars.<sup>4</sup>

Outra janela para visualizar esse afastamento entre a cultura germânica e a cultura francesa é a recepção do Iluminismo. O movimento iluminista de origem anglo-francesa teve limitada relevância em territórios alemães, com sua intelectualidade mantendo-se afastada. A relevância da cultura e a organização interna do país contribuíram para a determinação desse contexto. Para Fritz Ringer, a academia alemã, a “elite mandarim”, distanciava-se da tendência utilitarista, da atitude vulgar da Europa Ocidental diante do conhecimento. O empiricismo é entendido como atitude radicalmente oposta à valorização germânica do conhecimento como formação cultural (*Bildung*), como crescimento espiritual do indivíduo e da cultura.

Esse afastamento, no entanto, não representaria uma objeção fundamentada apenas em argumentos filosóficos específicos, mas em questões internas. Nele estariam atuando também o confronto dos diferentes setores que compunham a sociedade germânica. De um lado, a burguesia e a elite acadêmica reconhecendo-se como espelho do verdadeiro espírito alemão, de outro, a aristocracia dominante das esferas de governo. Verifica-se assim um afrontamento, em que a burguesia não reconhece a aristocracia como portadora de

---

<sup>4</sup> LEPENIES, 2006, p. 98.

*Bildung* e *Kultur* (cultura), pois ela se identificava com os “frívolos hábitos franceses”.<sup>5</sup>

O afastamento alemão, que se revela diante do Iluminismo francês, também poderia se revelar diante de um conceito, de uma das maiores marcas da nação francesa: a ideia de liberdade fundada na Revolução de 1789. É interessante observar que esse diagnóstico parte não de autores alemães, como foram os casos de Wolf Lepenies e Fritz Ringer, citados acima, mas de um francês, Louis Dumont. Em uma coleção que reúne estudos sobre a ideologia moderna, Dumont apresenta um volume dedicado à análise das diferentes formas nacionais da ideologia moderna, e para tanto elege a nação francesa e a nação alemã.

Em sua proposta de realizar um estudo comparativo, Louis Dumont afirma o lugar da Reforma Protestante e da Revolução Francesa, sustentando ser fundamental colocá-las em paralelo quando se deseja comparar França e Alemanha. A centralidade desses eventos é resgatada a partir do que o teólogo do início do séc. XX, Ernst Troeltsch, chamou de “ideia alemã de liberdade”. Para Dumont, a elaboração de Troeltsch conduz ao entendimento de que estaríamos diante de duas formas de liberdade, uma alemã, fundamentada na Reforma, outra ocidental, ou francesa, fundada na Revolução de 1789. A liberdade no sentido alemão seria espiritual, deixando de fora os aspectos políticos, remontando a Lutero. Já a liberdade francesa, que também seria religiosa em sua origem, adotou, a partir do Iluminismo, o domínio político como seu núcleo.<sup>6</sup>

Mas para que se possa falar em relacionamento cultural franco-germânico é necessário apreender o outro lado, o posicionamento da cultura francesa ante a cultura germânica. Enquanto nos séc. XVIII e XIX há, nos territórios germânicos, distanciamento em relação à cultura francesa, no território francês observa-se um processo inverso. Esse é um momento em que a referência alemã é de fundamental importância para a constituição e a institucionalização das ciências humanas francesas.

---

<sup>5</sup> RINGER, 2000, p. 92-97. Também Norbert Elias em *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, analisa o nacionalismo alemão no séc. XIX. Sua argumentação é de que a formação do Império Alemão pós 1870 representa o momento em que as classes médias ascendem ao poder, aproximando-se também do “ethos aristocrático”. Ocorreria, nesse sentido, uma inversão do processo de recusa dos valores aristocráticos visualizados no séc. XVIII. Elias afirma tratar-se de uma troca do humanismo pelo nacionalismo. Cf. ELIAS, 1997.

<sup>6</sup> DUMONT, 1991, p. 96-94.

O período que vai de 1750 a 1914 representa, de acordo com Michel Espagne e Michäel Werner, um momento de construção de uma referência cultural alemã na França. A primeira metade do séc. XIX é um momento importante dessa construção, por exemplo, pelas aproximações da filosofia francesa com a filosofia alemã, e também dos historiadores franceses com a história produzida na Alemanha.<sup>7</sup>

É importante observarmos, contudo, que se por um lado a presença germânica foi uma referência constante no meio intelectual francês oitocentista, por outro lado essa presença não gozou de uniformidade. O relacionamento com a filosofia, com a história, e sobretudo sua recepção, é um capítulo que comporta múltiplas direções. Para ficarmos em apenas um exemplo, veja-se as diversas faces que Kant e Hegel assumiram em solo francês.

A complexidade que envolve o relacionamento francês com a cultura alemã pode ser percebida no campo do conhecimento histórico em particular. A historiografia acadêmica francesa do séc. XIX se constituiu tendo como pilares dois instrumentos, a hermenêutica e o método crítico das fontes. Essas orientações se fundamentam na tradição crítica francesa, vinda por exemplo de Mabillon, mas também se aproximam da erudição alemã. Esses princípios podem ser vislumbrados já nos historiadores românticos dos anos 1830, e, sobretudo, na chamada “geração de 1870”. Essas duas gerações conferiram à disciplina uma posição de destaque no cenário francês, ocupando-se de duas tarefas: a profissionalização da história enquanto disciplina científica e a cristalização da identidade nacional.

A partir da geração de 1830, dos trabalhos de Guizot, Thierry, Michelet, a história representará a união entre ciência do passado e ciência da nação. Há, portanto, uma clara missão patriótica dos historiadores. Essa missão ganhará novos contornos nos anos 1870, com o crescimento do sentimento nacionalista após a derrota na guerra franco-prussiana. Intelectuais como Ernest Lavisse e Fustel de Coulanges entendiam como tarefa dos historiadores revelar aos franceses seu passado, demonstrando que o inimigo não estava no interior do

---

<sup>7</sup> ESPAGNE; WERNER, 1987, p. 969-992.

território, mas era externo. Esse movimento na historiografia faz eco ao crescimento do sentimento anti-germânico nas esferas socioculturais.<sup>8</sup>

Logo, observam-se no interior da ciência histórica, entre a segunda metade do séc. XIX e os primeiros anos do séc. XX, dois processos: afastamento da Alemanha pela via da exaltação nacional e aproximação pela perspectiva metodológica. Já nas décadas de 1920 e 1930, momento com o qual esse trabalho dialoga mais diretamente, observaremos uma intensificação do processo de afastamento das ciências humanas francesas em relação à Alemanha. A Primeira Guerra, em particular, é um marco de virada nas relações entre essas duas historiografias. Como se poderá ver adiante,<sup>9</sup> há, a partir desse evento, um reposicionamento de importantes nomes ligados à historiografia francesa, como Henri Berr e Henri Pirenne, em relação à historiografia alemã.

Dois textos da segunda década do século XX produzidos por Henri Hauser e Émile Durkheim são muito representativos dessa questão. Henri Hauser, professor de história moderna e contemporânea, especialista em história econômica e colaborador da *Annales*, escreveu, entre 1901 e 1919, sobre a presença germânica nos círculos intelectuais franceses.<sup>10</sup> Hauser intitulou seu ensaio de *Comment la France jugeait l'Allemagne: histoire d'une illusion d'optique*, e nele diagnosticou a profunda influência dos alemães após a guerra de 1870. Destacou-se o fascínio que o país vencedor exercera sobre o país vencido, apontando os pontos importantes que os franceses teriam aprendido com a ciência alemã, particularmente a ciência histórica. Assim é descrita a geração de historiadores que se formava pós 1870:

[...] dans les années qui suivirent la guerre – les années où les hommes de mon âge apprenaient à lire – le sentiment de la France à l'égard de l'Allemagne fut double: un souvenir très vif et très cuisant des horreurs et des injustices subies; le désir de chercher, dans l'histoire et les institutions du vainqueur, le secret de sa victoire. [...] Institutions universitaires, institutions militaires allemandes furent proposées à notre admiration. [...] Pour

---

<sup>8</sup> DOSSE, 2001.

<sup>9</sup> Cf. seção 4.2.1 desta Dissertação.

<sup>10</sup> Esse ensaio foi impresso pela *Imprimerie A. Coueslant*. Não foi possível identificar a data exata de sua impressão; a situamos na década de 1910 a partir da referência a Henri Hauser como professor na Universidade de Dijon.

le méthode d'enseignement, surtout d'enseignement supérieure, il serait injuste et puéril de nier que nous avons gagné à nous mettre à l'école de maîtres allemands. Il est bon que nos maîtres à nous aient été assés au pied de la chair de Ranke, de Mommsen, même du Treitschke. Il nous en ont rapporté de meilleurs habitudes de travail, le goût de l'ordre et de la précision, l'art de mieux utiliser les forces, même quand elles sont médiocres. Ils ont ainsi corrigé quelques défauts charmants de l'esprit français. On peut seulement regretter qu'à leur suite d'autre aient été jusqu'à une sorte de germanomanie intellectuelle.<sup>11</sup>

Hauser desenvolve essa constatação da influência alemã sobre os franceses a partir da ideia de “ilusão de ótica”, a que se refere no título. Sua argumentação é de que os franceses estariam, por sucessivas vezes, tendo uma visão deturpada da Alemanha, não a conhecendo como realmente era. Hauser busca, então, compreender a Alemanha que não teria se revelado para seus antecessores. Sua descrição centra-se em dois conceitos: Estado e pangermanismo. Para esse autor, Estado é o conceito dominante da filosofia política alemã, que se sobreporia ao conceito de nação. Enquanto o pangermanismo, o desejo de anexação e expansão da cultura alemã, seria comum a todos os alemães, mesmo aos círculos intelectuais; à exceção de Karl Lamprecht, que faria uma crítica desse modelo. O “partido intelectual”, em sua construção, tem o mesmo ideal de dominação que o “partido industrial”. O trecho a seguir é bastante elucidativo:

[...] je crois bien que tout Allemande, même le plus pacifique, est à son insu plus ou moins imbu de l'esprit pangermaniste, plus ou moins persuade que la vertu allemande, la culture allemande sont le sel de la terre, et que le mieux que puisse arriver aux autres peuples, c'est d'être soumis à l'influence allemande.<sup>12</sup>

O texto de Durkheim, por sua vez, apresenta uma argumentação próxima à de Hauser. Intitulado “*L'Allemagne au-dessus de tout*”: *la mentalité allemande et la guerre*<sup>13</sup>, e publicado em 1915, esse texto é parte de uma coleção de livros publicados no contexto do que Peter Schöttler chamou de “combate intelectual”

---

<sup>11</sup> HAUSER, s/d, p. 2-3.

<sup>12</sup> HAUSER, s/d, p. 6.

<sup>13</sup> DURKHEIM, 1991.

durante a 1ª Guerra. Esse “combate” reuniu autores, entre os quais se encontrava Ernest Lavisse, cujo propósito era oferecer à população francesa a confiança na vitória da Guerra. Através de textos pedagógicos e panfletários, buscava-se demonstrar a fraqueza política e moral dos alemães em relação aos Aliados.<sup>14</sup>

Nesse texto, Durkheim dedicou-se a explicar a conduta alemã na Guerra a partir da noção de “mentalidade alemã”. Assim como Hauser, Durkheim atribuiu lugar central ao Estado, como uma esfera que, na Alemanha, estaria acima de todas as outras. Essa centralidade do Estado, o interesse de sua preservação e expansão, na interpretação durkheimiana, o colocava como uma esfera acima das leis internacionais, da moral e mesmo da sociedade civil. O texto de Durkheim, como bem aponta Schöttler, não é fruto de uma investigação dos elementos que compõem a mentalidade alemã. Ele parte apenas da apresentação que Heinrich von Treitschke (1834-1896), historiador de postura claramente conservadora, fizera do Estado alemão.<sup>15</sup>

Esses dois ensaios, de Hauser e Durkheim, portanto, corroboram o argumento de forte presença germânica na França no séc. XIX e sua readequação a partir de 1914. A relevância desses textos para nosso argumento não está apenas no fato de confirmarem a influência alemã na academia francesa, no caso de Hauser, e apontarem um processo de afastamento, em ambos os casos. O fator mais significativo para nossa análise é que esses textos, na medida em que buscam reafirmar a nacionalidade francesa a partir da negação da nação alemã, posicionam seus autores, tornando-os atores nesse momento de virada.

É necessário que se faça aqui, contudo, uma ressalva à noção de afastamento. Para que a utilizemos na nomeação desse quadro, certamente é necessário colocar-lhe algumas aspas, ou, ao menos, delimitá-la para os fins de nossa compreensão. É claro, e este trabalho pretende demonstrar a partir dos escritos de Lucien Febvre e Marc Bloch, que não há diminuição das referências à Alemanha, não se observará um silêncio sobre o outro lado Reno após 1914. Ocorre que as referências, que na conjuntura anterior, principalmente no campo metodológico, pareciam caminhar em uma direção colaborativa, até mesmo afirmativa, terão realçados seus aspectos críticos. A menção ao conhecimento

---

<sup>14</sup> SCHÖTTLER, 1992, p. 165.

<sup>15</sup> SCHÖTTLER, 1992, p. 165.

histórico produzido na Alemanha mantém-se, e nos arriscaríamos mesmo a dizer que se intensifica. Mas, certamente, assistem-se mais demonstrações de crítica e recusa que de colaboração e parceria.

Retomando a argumentação sobre uma tradição de hostilidades em que também se apresentam contextos de admiração e atração, poder-se-ia concluir estarmos diante de uma relação de amor e ódio. No entanto, as hostilidades que permeiam o contato entre as culturas francesas e germânicas, como sustenta Lepenies, parecem se dar mais a compreender na falta de consciência, na ausência de verdadeiro conhecimento de uma sobre outra.<sup>16</sup> Louis Dumont também caminha nessa direção ao afirmar, na introdução de sua obra *L'ideologie allemande: France-Allemagne et retour*, as dificuldades de comunicação entre a ideologia francesa e a ideologia alemã.<sup>17</sup> Dificuldades essas que, em sua proposta, só podem ser enfrentadas a partir de estudos comparativos. Portanto, ainda que usando ferramentas teóricas distintas de Lepenies, Dumont reafirma o quadro que estamos traçando, colocando as relações franco-germânicas nos seguintes termos:

La chose est due à ce que nos spécialistes voient le monde, y compris l'Allemagne, de l'intérieure des catégories françaises. (La reciproque est vraie, quoique peut-être moins absolument.) D'où la nécessité du comparatisme. Inutile sans doute, pour justifier l'entreprise, de rapeller combien les Allemands se sont imposés a notre attention en ce siècle.<sup>18</sup>

O desconhecimento motivado pela incapacidade de olhar o outro a partir de suas próprias categorias parece uma boa chave de explicação, mas certamente não contempla toda a complexidade do processo. A que fator se deve atribuir essa tradição de relações hostis entre as duas culturas que se observa do séc. XVIII a princípios do XX nos parece uma questão em aberto. Certamente a questão inequívoca na investigação da tradição de hostilidades franco-germânicas é a necessidade de compreendê-las no campo histórico-cultural e, a partir daí, considerar não uma única via de explicações, mas múltiplas.

---

<sup>16</sup> LEPENIES, 2006, p. 104.

<sup>17</sup> DUMONT, 1991.

<sup>18</sup> DUMONT, 1991, p. 8.

### 3.2 A ALEMANHA NA VIDA DOS CIDADÃOS FEBVRE E BLOCH

As trajetórias de vida de Marc Bloch e Lucien Febvre, além de se desenvolverem dentro do quadro que traçamos acima, são diretamente marcadas por relações estreitas com a cultura alemã. O envolvimento com essa cultura remonta à origem familiar dos dois autores. Lucien Febvre era um cidadão “francês do leste”, nascido e educado em Nancy, à época (década de 1880) situada a alguns quilômetros da fronteira alemã. Marc Bloch, por sua vez, nasceu em 1886 em Lyon, região central da França, e viveu a maior parte da infância e da juventude em Paris. Filho de um historiador judeu, liberal e patriota, Marc Bloch fora educado na tradição do judaísmo, mas sobretudo na tradição republicana e liberal francesa. O próprio Bloch não se considerava um judeu praticante, e afirmava reivindicar sua condição de judeu apenas diante de um anti-semita. Não vangloriava nem desprezava essa ascendência, seu orgulho real seria pertencer a uma família que por três gerações havia servido a França, combatendo por ela.<sup>19</sup>

O contato com a língua alemã, para ambos, se deu com a educação formal, nos anos do *lycée*. Febvre e Bloch viveram em uma época, como já dissemos, em que a França aproxima-se da cultura alemã. Fizeram parte de uma geração “curiosa das coisas alemãs”,<sup>20</sup> para a qual o conhecimento da língua e da cultura germânica era uma virtude, conferia status acadêmico. Assim, seguiram uma trajetória comum a muitos estudantes universitários franceses. Bloch fez sua primeira viagem à Alemanha entre 1908 e 1909, permanecendo em Leipzig e em Berlim para uma jornada de estudos. Já Febvre foi à Alemanha apenas em 1918. Nas universidades alemãs Bloch assistiu aos seminários de Max Schering, Rudolf Kotschke, próximos à história econômica, de Karl Bücher, que se dedicava à geografia histórica, e de Adolf von Harnack, teólogo e historiador do cristianismo. É provável que também tenha tido contato com a obra de Karl Lamprecht, que

---

<sup>19</sup> BLOCH, 1946, p. 6; FINK, 1997, p. 13-16; SCHÖTTLER, 1999, p. 55.

<sup>20</sup> SCHÖTTLER, 1999, p. 56.

atuava em Leipzig, e que já no começo do séc. XX produzia uma história econômica e social crítica em relação ao “método histórico alemão”.<sup>21</sup>

A formação em contato com a cultura germânica pode ser percebida no aprendizado historiográfico de Bloch e Febvre. Esses autores se formaram em uma tradição da historiografia francesa influenciada por modelos alemães, ou pelo menos em contato íntimo com ela. Bloch e Febvre são “herdeiros” da “geração de 1870”, de nomes como Ernest Lavisse, Gabriel Monod, Victor Langlois e Charles Seignobos. Foram ainda profundamente influenciados pelo teórico Henri Berr e pelo historiador Henri Pirenne, que possuíam uma trajetória de laços estreitos com o país vizinho. No que se refere a sua formação próxima à geografia e às ciências sociais, o contato com a Alemanha também se estabelece, ainda que por oposição. Basta pensar nos confrontos Durkheim *versus* Weber ou Vidal de la Blache *versus* Friedrich Ratzel.<sup>22</sup>

Um dos marcos mais relevantes dessas trajetórias de contatos com a cultura germânica certamente é a temporada em Estrasburgo, na região da Alsácia. Em 1919, Febvre e Bloch foram nomeados docentes na Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo nas disciplinas história moderna e história medieval, respectivamente. Estrasburgo é uma cidade fronteiriça que estivera desde 1870 sob domínio alemão, e que após a Primeira Guerra voltara ao domínio francês. Naquele momento, Estrasburgo consistia em um dos mais importantes símbolos da vitória francesa, o lugar escolhido para ser reconstruído e demonstrar a superioridade cultural da França ante o país vizinho. A Universidade de Estrasburgo adquiriu status de vitrine da cultura francesa, sua formatação buscava suplantar a predecessora alemã e competir com universidades instaladas do outro lado da fronteira. A composição de Estrasburgo congregou jovens e importantes acadêmicos franceses, buscando a construção de um ambiente pluridisciplinar.<sup>23</sup>

Febvre e Bloch trabalharam em Estrasburgo ao longo de toda a década de 1920, retornando a Paris somente após os anos 1930. Estavam, portanto, envolvidos em uma missão patriótica que consistia em assimilar à pátria, à língua

---

<sup>21</sup> FINK, 1997, p. 36; SCHÖTTLER, 1999, p. 56-57.

<sup>22</sup> LEPENIES, 2006, p. 105.

<sup>23</sup> DOSSE, 2003, p. 72-73; LEPENIES, 2006, p. 108.

francesa, a comunidade alsaciana, que se mantinha afastada e inclinada a movimentos autonomistas. Por outro lado, o corpo docente da universidade parecia não aderir plenamente a essa missão, e esse é certamente o caso de nossos autores. Marc Bloch, embora se empenhasse na propagação do ensino da língua francesa e se aborresse com o reavivamento da cultura germânica na comunidade local, não deixou de estar atento à produção historiográfica alemã, e incentivava seus alunos a estudarem alemão. Já Febvre, colocava-se, em sua aula inaugural na universidade, contra a oposição radical entre ciência francesa e ciência alemã. Nesse sentido, podemos visualizar esses historiadores inseridos no espírito de “elevação” da cultura francesa, mas, não lhes pode ser atribuído um espírito revanchista.<sup>24</sup>

Nos anos 1930, referindo-se a sua passagem como estudante na Alemanha, Bloch descreve o país como uma região de atmosfera particular. Sua apreensão era de que ali a erudição dos professores e a tolerância intelectual dos seminários se associava a um estado de espírito chauvinista, anti-semita e muito pouco democrático. É importante lembrar o grande conhecimento de Marc Bloch sobre a produção intelectual alemã.<sup>25</sup> Ao longo dos anos 1930, Marc Bloch ensaiou várias participações nas seleções para o Collège de France, em Paris. Deixar Estrasburgo e retornar a Paris era um projeto tanto de Bloch quanto de Febvre, mas esse último o alcançou já em 1933. Em uma dessas tentativas, Marc Bloch se dispôs até mesmo a registrar sua candidatura para uma cadeira de história da Alemanha, afirmando ter leitura suficiente para tal tarefa.

Há que se falar ainda em uma forma de contato entre esses autores e a Alemanha que envolve mais diretamente a esfera política. Bloch e Febvre atravessaram duas guerras entre França e Alemanha; Febvre combateu na primeira e Bloch em ambas. Os anos de ocupação do território francês pela Alemanha, entre 1940 e 1944, foram refletidos nos textos dos dois autores no biênio 1939-1940. Trata-se, contudo, de duas referências significativamente distintas. Bloch fará suas reflexões em busca de explicações para a derrota a partir das estruturas

---

<sup>24</sup> FINK, 1997, p. 81-105; SCHÖTTLER, 1999, p. 58.

<sup>25</sup> Essa questão é detalhada na seção 5.3 desta Dissertação.

internas da França.<sup>26</sup> Já Lucien Febvre escreverá sobre a situação entre os dois países, em outubro de 1939, no prospecto da revista *Annales*, nos seguintes termos:

Ce que nous refusions à admettre comme possible, tout en le considérant comme certain, ce que notre conscience repoussait comme les plus abominable et les plus vain des crimes, ce que nous abhorrons si fort, qu'instinctivement nous nous refusons (sic) encore à lui donner son nom – le monstrueux est devenu réel. [...] Travaillons. Et si un jour nous nous sentions prêts d'abandonner, si peu que ce soit, de nôtre objectivité – nous relirions simplement, pour nous inspirer de sa noblesse sereine, le discours de rentrée à Gand, après la guerre, de notre cher Henri Pirenne – a qui furent épargnés tant de spectacles tragiques depuis qu'il nous a quitté: "Ce que nous devons désapprendre de l'Allemagne" – c'est à aujourd'hui, la même chose qu'hier. Mais au centuple.<sup>27</sup>

Bloch e Febvre julgaram o movimento nazista que crescia na Alemanha sob a ótica de um escândalo político, um perigo ameaçador da democracia e da república. Febvre expressou sua opinião em resenha publicada na *Annales* em 1939, sobre a obra do germanista francês Edmond Vermeil intitulada *Les Doctrinaires de la Revollution Allemande*. Recusando efetivamente a proposta de Vermeil de associação do programa nazista com as formulações de grandes autores alemães como Thomas Mann e Oswald Spengler, Febvre descreveu o nazismo não como um fenômeno puramente político ou intelectual, mas sociocultural. Dessa forma, sua interpretação deveria ser buscada nas mentalidades, nas vivências dos homens das últimas décadas, nas sensibilidades, e não nas doutrinas ou teorias.<sup>28</sup>

Em 1941, Marc Bloch e Lucien Febvre viveram também o dilema de seguir ou não com a edição da *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Interromper as publicações por questões ideológicas, tal como o receio de transparecer resignação, colaboração com o invasor, ou por dificuldades materiais e financeiras, havia sido o caminho trilhado por várias revistas francesas, desde a

---

<sup>26</sup> Cf. seção 3.3 desta Dissertação.

<sup>27</sup> FEBVRE; BLOCH, 2003b, p. 68-69.

<sup>28</sup> FEBVRE, 1939, p. 426-428.

ocupação, como a *Revue de Synthèse*. A *Annales*, entretanto, continuou sendo editada, com números reduzidos tanto em volume de páginas quanto em frequência de publicação. O argumento de Lucien Febvre, utilizado inclusive para conseguir a complacência do colega de direção, era de que a continuidade da publicação seria uma forma de resistência. Pela primeira vez sem o nome de Marc Bloch na capa, sob direção única de Febvre, a revista, entre 1942 e 1944, não fará menções ao regime de Vichy, à Alemanha nazista ou à situação dos judeus. A revista, nesse momento com o título *Melanges d'histoire sociale*, não publicou estudos sobre história européia dos séculos XIX e XX. Para Bertrand Müller, esse silêncio era fruto da autocensura que se impunham.<sup>29</sup>

A situação de Marc Bloch durante a ocupação alemã foi muito mais complexa que a de Febvre, em decorrência de sua ascendência judaica. Bloch retirou-se de Paris em 1940, exilando-se com a família em sua casa de campo, na região de Clermont-Ferrand. Nesse período em que passara em Clermont-Ferrand, Bloch, distante de sua biblioteca que ficara em Paris, dedicou-se aos manuscritos do que viria a ser sua *Apologia da História*. Em carta a Febvre escrita em agosto de 1941, Bloch se refere aos escritos: “J’ai écrit un peu sur l’histoire (si vous voulez tout savoir, ces pages vos sont dédiées). Cela servira, Dieu sait quand et comment.”<sup>30</sup>

Observa-se, nesse momento, a reflexão mais sistemática de Bloch sobre a história e a profissão de historiador. Trata-se de uma questão que se observa não só nos manuscritos de *Apologia da História*, mas também em *L'étrange Defaite* e em sua correspondência. Após sair de Paris, Bloch lecionara alguns meses na Universidade de Montpellier, e afirmava-se prestador de um importante serviço à nação, já que, em seus termos, a história não era, naquele momento, a mais inútil das ciências.<sup>31</sup>

Entre 1941 e 1944, Bloch teve em mente outro projeto, o de escrever uma história do 1º Reich:

---

<sup>29</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. XXVI.

<sup>30</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. 170.

<sup>31</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. 173.

Je rêve parfois d'une histoire du Premier Reich. Je la sens assez bien, depuis longtemps. Ce serait pour la garder provisoirement en portefeuille. Là aussi, d'ailleurs, mes livres me manquent.<sup>32</sup>

Há, nesse contexto, uma questão particularmente interessante. A ocupação da França, o fortalecimento do nazismo, o afastamento de Paris e de suas principais atividades acadêmicas suscitaram em Bloch o desejo de escrever sobre a ciência histórica e sobre a história da Alemanha. Ainda que ele já se ocupasse desde o começo de sua carreira com estas questões nas resenhas que produzia, elas não haviam assumido ainda um caráter sistemático. Bloch não havia considerado, até aquele momento, uma reflexão que saltasse do modelo de um artigo ou de comentário de obra para o formato de um livro específico.

O próprio Marc Bloch nos indica essa associação estreita, quase desencadeadora, do contexto sociopolítico franco-germânico em relação ao seu livro. Na primeira dedicatória que escrevera para *Apologia da História*, e que seria a Lucien Febvre, Bloch afirma o papel da reflexão sobre a disciplina como uma forma de auxiliar a atravessar aquela situação:

Si ce livre doit un jour être publié, si de simple antidote auquel, parmi les pires douleurs et les pires anxiétés, personnelles et collectives, je demande aujourd'hui un peu d'équilibre de l'âme, il se change jamais en un vrai livre, offert pour être lu: un autre nom que le vôtre cher ami, sera alors inscrit sur la feuille de garde.<sup>33</sup>

Entre 1942 e 1943, Marc Bloch tomou parte na Resistência Francesa. A decisão vinha após dois anos de clandestinidade e após sucessivas tentativas de emigrar para os Estados Unidos. Essas tentativas não se concretizaram, ora pela burocracia francesa, ora pelo estado de saúde da mãe e da esposa, sem as quais se recusava a deixar o país. É importante esclarecer que Bloch conseguira, ainda em 1940, uma nomeação como *Associate Professor* de história medieval para a *New School for Social Research*, em Nova Iorque, com subvenções garantidas pela Fundação Rockefeller. Bloch participou dos movimentos de resistência ainda por mais de um ano, sendo preso e executado pela Gestapo em 16 de junho de 1944.

<sup>32</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. 198.

<sup>33</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. 224.

### 3.3 A ALEMANHA NA HISTORIOGRAFIA DE FEBVRE E BLOCH

O envolvimento de Lucien Febvre e Marc Bloch com a Alemanha, com a temática germânica de maneira geral, pode ser apreendido não apenas por meio de suas vidas pessoais e de suas trajetórias acadêmicas. A produção historiográfica desses autores também foi entrecruzada pelo vizinho do leste. Tratam-se de questões que podem ser investigadas em muitos de seus textos, como artigos, resenhas, relatos pessoais e obras historiográficas. A composição que se fará aqui conjugará esses dois últimos tipos, a fim de compor um painel, uma amostra da presença desse tema no conjunto da obra dos dois autores. As análises que seguem tratam dos textos *Martin Luther: un destin* e *Le Problème Historique du Rhin*, de Lucien Febvre, e *L'étrange défaite* de Marc Bloch.

*Martin Luther: un destin* compõe o quadro de obras de Lucien Febvre dedicadas à história moderna, particularmente ao séc. XVI. Publicação de 1928, Febvre se propôs a fazer nela um relato biográfico crítico, em seus próprios termos, um “juízo” sobre o principal personagem da Reforma Protestante deflagrada na Alemanha do séc. XVI. O objetivo central da obra seria tratar da relação entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social. A justificativa para essa investigação estaria na relevância histórica da questão, tendo em vista a presença do luteranismo na Alemanha e, novamente nos termos de Febvre, sua relação com a “mentalidade” dos povos germânicos. *Martin Luther* guarda ainda relevância para o problema que se quer discutir aqui pelo posicionamento de Febvre ante seu próprio texto. Apesar de se tratar de uma “obra de juventude”, Lucien Febvre segue até os últimos momentos de sua carreira, na década de 1950, afirmando sua convicção nela.<sup>34</sup>

Buscando produzir uma obra sobre Lutero de caráter distinto dos muitos trabalhos existentes tanto na esfera teológica quanto política e histórica, Lucien Febvre, no entanto, ou exatamente por isso, não se esquivou à revisão da literatura. Nesse campo, revela o conhecimento de importantes intelectuais

---

<sup>34</sup> FEBVRE, 1998a, p. 9-16.

alemães tanto do séc. XIX quanto seus contemporâneos. Aparecem em suas notas bibliográficas nomes como Leopold von Ranke, Max Lenz, Adolf von Harnack, Georg von Below e Ernst Troeltsch. A esse último, Febvre refere-se como um “homem de grande talento”. Além desses autores, Febvre cita Goethe e, mais de uma vez, recorre à explicação nietzscheana de Lutero e do luteranismo, corroborando a interpretação oferecida por Nietzsche de se tratar não apenas de processos de ordem doutrinal, mas também moral e psicológica.<sup>35</sup> Febvre sustenta todo seu texto na argumentação de que os protestos desencadeados por Lutero não têm origem teológica ou social, e sim psicológica.

Essa obra nos interessa particularmente por ser mais que um simples relato biográfico, trata-se de uma “análise psicológica” de Lutero e, ao mesmo tempo, de acordo com o método de seu autor, uma possibilidade de compreensão da “psicologia coletiva” do povo alemão. Febvre retrata a Alemanha do séc. XVI como um território de contrastes, no qual riqueza econômica se contrapunha a debilidades morais e políticas. Para Febvre, à anarquia na organização política dos principados alemães correspondia uma anarquia de concepções morais. Nesse contexto, haveria diversas manifestações indicativas de desejos de reformas. As teses de Lutero, contudo, não seriam fruto de uma análise crítica desse contexto, e sim movidas por seu fervor religioso, pelo desejo de proclamar suas “descobertas” advindas do contato íntimo com Deus. Para Febvre, Lutero era um profeta e não um lógico, e exatamente por isso, não fazendo cálculos ou ponderações, teve algum êxito na tarefa de oferecer um centro a uma Alemanha caótica.<sup>36</sup>

Embora os impulsos que movem Lutero na argumentação febvreana sejam de ordem psicológica e não social ou cultural, ela não elimina a construção de relações entre a análise da psicologia do indivíduo e da nação germânica. O Lutero de Lucien Febvre é, por todos os aspectos, um alemão, um homem plenamente inserido em sua “raça”<sup>37</sup> e em seu país, nas formas de pensar, sentir e agir. Lutero sentia à maneira alemã, com coração doce e sensível.<sup>38</sup> Pensar como

---

<sup>35</sup> FEBVRE, 1998a, p. 40, 73-75, 277-278.

<sup>36</sup> FEBVRE, 1998a, p. 95-115.

<sup>37</sup> Conceito utilizado por Lucien Febvre em seu texto.

<sup>38</sup> FEBVRE, 1998a, p. 11, 132.

um alemão consistiria em ser marcado por profundo idealismo e introspecção. Febvre assim define o espírito de Lutero com um espírito alemão,

[...] Lutero no seria el “hombre alemán” que es si no encontrara, anclado en el fondo de si mismo, un gusto un poco enfermizo por desvelar taras escondidas, la necesidad medio sensual, medio triste, de exhibirlas desnudas al sol –y, para decirlo de una vez, una preocupación obsesiva de ir a buscar, en el fondo de un amontonamiento de impurezas mostradas y removidas sin pudor, una virginidad nueva y el sentimiento liberador de una total justificación.<sup>39</sup>

No que se refere à apreensão de Febvre sobre Lutero, parece-nos que se pode tratar de uma relação empática. Por diversos momentos Febvre se revela envolvido, seduzido pela personalidade de Lutero, pelo poder encantatório de seu idealismo sobre os alemães. Mas certamente não se verifica a mesma empatia com a filosofia e a história das sociedades luteranas em geral, descritas como “mediócras”, marcadas por um “moralismo farisaico”, atadas a coisas pequenas e passivas ante as grandes.<sup>40</sup> Apesar de todo rigor da exposição, escapam do texto de Febvre julgamentos como este, mais morais que propriamente historiográficos.

Febvre irá retomar a temática germânica, por outra via, em 1931, com obra sobre o Reno, produzida em co-autoria com o geógrafo Albert Demangeon. Trata-se de uma obra dedicada a um rio, a uma região muito expressiva no cenário de relações franco-germânicas e européias de maneira geral. Dividido em duas partes, *Le Problème Historique du Rhin*, escrita por Febvre, e *Les Problèmes Économiques du Rhin*, produzida por Demangeon, o livro foi na verdade fruto de uma encomenda feita pela Associação Bancária Alsaciana. Febvre se dedicou a ele desde 1929, tanto pelo interesse no tema quanto pela compensação financeira conferida pela Associação.

Diferentemente da obra sobre Lutero, que segue sendo publicada com a anuência do autor, sem correções, duas décadas após a publicação original, este novo texto sofrerá modificações logo após sua primeira publicação. A obra adquire duas versões; a primeira formatada como uma edição comemorativa e não

---

<sup>39</sup> FEBVRE, 1998a, p. 184.

<sup>40</sup> FEBVRE, 1998a, p. 226, 233.

comercial, distribuída a um público limitado, e outra, de 1935, formatada segundo um modelo mais acadêmico, apesar de manter o tom ensaístico.<sup>41</sup> Para a segunda versão, intitulada *Le Rhin: problème d'histoire et d'économie*, Febvre alterou a conclusão e inseriu um novo capítulo, intitulado *Como se faz e se desfaz uma fronteira*, em seus próprios termos, buscando demonstrar de que forma a fronteira do Reno carregou-se de ódios e paixões.<sup>42</sup>

O Reno tem importante papel histórico, político e geográfico no contexto das relações franco-germânicas. Por essa relevância, a região esteve cercada de relatos mistificadores e ideológicos, desenvolvidos nas duas margens do rio. O objetivo de Febvre com essa obra seria se desprender desses relatos, compor uma história do Reno sem vinculações nacionais apriorísticas.

O mito do Reno como uma fronteira entre duas civilizações, que teria se estabelecido desde a antiguidade, desenvolveu-se na história e na literatura francesa e alemã entre os séculos XVIII e XIX. Em território francês, o rio passou a ser significado como fronteira natural do país, separando-o da “barbárie germânica”. Por sua vez, em territórios germânicos o Reno foi incorporado como um rio alemão. O texto de Febvre se afasta desse tipo de relato por retirar de sua argumentação a tendência naturalizante. Febvre insiste que a história do Reno não pode ser contada como uma história natural, mas como história humana. A ideia defendida na obra é de que o rio, enquanto fronteira, é uma criação humana e não natural.<sup>43</sup>

O questionamento às posições que reforçam a imagem do rio como separação se faz também a partir do ataque a um dos principais elementos que buscavam justificá-la, a noção de raça. Para esse autor, as tentativas de ancorar a “barreira” que o Reno supostamente representaria a partir da ideia da raça são desprovidas de fundamentos. Reivindicar as diferenças entre uma raça germânica e uma raça francesa, ou céltica, é, para Febvre, despropositado. Em seus termos,

---

<sup>41</sup> SCHÖTTLER, 1994, p. 73-75; SCHÖTTLER, In: FEBVRE, 2000, p. 9-13.

<sup>42</sup> Utilizamos aqui a versão de 1935, reproduzida na edição organizada por Peter Schöttler, intitulada *O Reno: história, mitos e realidades*. Agradeço a gentil colaboração do meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata, que fotocopiou a versão original da obra, encontrada na Biblioteca Estatal de Berlim.

<sup>43</sup> FEBVRE, 2000, p. 71-85; SCHÖTTLER, 1997, p. 64-65; SCHÖTTLER, In: FEBVRE, 2000, p. 26.

“raça” não passaria de um nome, uma miragem sem nenhuma representação na realidade concreta.<sup>44</sup>

Já contra a formulação do Reno como uma fronteira entre civilizações justificada pela história, desde as conquistas romanas, Febvre mobiliza outra tradição. Busca retomar a tradição de apreensão do Reno como um traço de união. Sua tese é de que esta concepção de fronteira predestinada não resistiria ao estudo do passado tampouco ao estudo do presente.<sup>45</sup> A visão do Reno-fronteira, símbolo do conflito entre duas civilizações, seria um marco da história moderna, e não uma longuíssima tradição como apontava a literatura corrente sobre o tema. Os enfrentamentos, “uma história de sangue e pensamentos”, de duas nações para distinguirem-se uma da outra, na interpretação febvreana, começam com a Reforma no séc. XVI, e atravessam os séculos XVII, XVIII e XIX.<sup>46</sup> O desenvolvimento do Reno, nesse sentido, se transformara de uma história das cidades, de muitas nações convivendo em seu entorno, para tornar-se a história de um rio em jogo entre duas nações.

O ensaio de Febvre reivindica, assim, uma abordagem cosmopolita tanto para a história pregressa do Reno quanto para suas futuras apropriações. Para o historiador francês a verdadeira tradição do Reno, a história que remonta à antiguidade, não é a de um rio francês, tampouco alemão, mas livre e internacional. A conclusão de seu estudo é de que a questão do Reno não pode ser pensada no terreno político das mentalidades nacionais. A imagem que a obra deixa para a história européia em geral, e particularmente das relações franco-germânicas, é a de que “o Reno permanece sendo o Rio que reúne, apesar dos ódios políticos e dos conflitos. Hoje mesmo, na verdade, qual o Estado que poderia reivindicá-lo para si?”<sup>47</sup>

Embora seja, portanto, mais o cosmopolitismo e menos o nacionalismo a marca dessa “nova história renana”, o sentimento nacional não é ausente aqui.

---

<sup>44</sup> É importante ressaltar aqui que apesar desse posicionamento contra o conceito “raça”, Febvre utilizara-o em seu texto sobre Lutero, referindo-se à “raça germânica”.

<sup>45</sup> FEBVRE, 2000, p. 237.

<sup>46</sup> FEBVRE, 2000, p. 86-93, 189-205.

<sup>47</sup> FEBVRE, 2000, p. 231, 237.

Essa argumentação pode ser visualizada em vários aspectos. Pesquisando para a composição desse livro, Febvre relata em carta a Henri Pirenne e Henri Berr, escrita em 1929 para retratar sua viagem pelo Reno, ter visto o crescimento do orgulho germânico, caracterizando-o como um orgulho perigoso.<sup>48</sup> Nesse momento a Alemanha vivia a República de Weimar, seu primeiro governo republicano e democrático. A República foi marcada pelo crescimento do sentimento nacionalista na opinião pública e nas esferas intelectuais, e pela tendência de associação do novo regime com as potências ocidentais. A preocupação republicana e a recusa do nacionalismo exacerbado nesse cenário era uma característica comum a poucos nomes, como Thomas Mann, Ernst Troeltsch e Friedrich Meinecke.<sup>49</sup> Nesse contexto, as regiões renanas, antes anexadas aos territórios germânicos, estavam sob ocupação francesa, como consequência do Tratado de Versalhes. Essas foram, nesse sentido, um dos palcos importantes do acirramento do “orgulho nacional” alemão referido por Febvre.

O sentimento nacional de Lucien Febvre que aparece nessa correspondência pode ser observado também no próprio corpo do texto. Ao resgatar a tradição de liberdade do Reno, Febvre recorre à França como portadora dessa liberdade, contra a opressão alemã.

O Reno, rio alemão? Ou antes, rio da Europa central: traço-de-união colossal entre o mar do Norte e os mares asiáticos.

Sonhos – mas que se transformaram em realidade. E que tendo como suporte um Reno “fabricado”, dominado, rodeado pela Alemanha, desmoronaram no dia em que a França, reinstalando-se no Reno, livrou o velho rio de sua servidão, fazendo-o outra vez livre e internacional, e quebrou – de acordo com suas tradições – um monopólio de opressão e exploração.<sup>50</sup>

Não se trata apenas de “elogio de si”, mas também de crítica ao outro. Crítica que se verifica também em sua descrição da Prússia. A Prússia aparece como uma potência bárbara, naturalmente associada ao irracionalismo, ao

---

<sup>48</sup> SCHÖTTLER, In: FEBVRE, 2000, p. 18-19.

<sup>49</sup> KITCHEN, 2006; MOMMSEN, 2002, p. 32-33.

<sup>50</sup> FEBVRE, 2000, p. 231.

protestantismo e à agressividade.<sup>51</sup> Outro trecho comparativo da cultura francesa com a cultura alemã na segunda metade do séc. XVIII evidencia claramente essa perspectiva:

Contra uma França que proclamava na face do mundo sua fé na Fraternidade fundada na Razão – que uma jovem, uma nova Alemanha, opondo ao Humano o Nacional e recusando com desesperada energia o torniquete de um espírito cujo hálito sutil e diluente ela sentia a seu redor e sobre ela; que uma Alemanha feroz em suas resoluções tenha se retraído até tocar o ódio no fundo de si mesma e se alegrar com isso -, pois o ódio, para ela, era a afirmação exasperada daquilo que ela buscava com paixão e finalmente reencontrava com delícia: o sentimento de um eu distinto, irreduzível e gozando assustadoramente com suas afirmações mais carregadas de ingratidão e de brutal selvageria – ficam livres para se mostrarem penalizados os doces sonhadores; a lógica da história aí está para nos dar a chave de uma tal revolução.<sup>52</sup>

Essa não é, portanto, uma obra isenta de qualquer sentimento nacional. Nos termos de Peter Schöttler, trata-se de um livro sóbrio e racional, mas não desprovido de preconceitos.<sup>53</sup> Parece-nos ocorrer também aqui o que verificamos no texto sobre Lutero. Por vezes, a preocupação do pesquisador, do historiador crítico diante de seu objeto e das ideologias que o rodeiam, cede espaço ao cidadão francês, patriota e envolvido com as discussões sobre seu país, convencido de que estava no “campo dos justos”.<sup>54</sup>

É importante observarmos também que essa obra, contemporânea à atuação de Marc Bloch e Lucien Febvre como diretores da *Annales d'histoire économique et sociale*, foi comentada neste periódico. A edição de 1931 foi resenhada por Marc Bloch e pelo colaborador Henri Baulig, em 1933. Já a edição de 1935

---

<sup>51</sup> SCHÖTTLER, In: FEBVRE, 2000, p. 18-19, 40.

<sup>52</sup> FEBVRE, 2000, p. 205.

<sup>53</sup> SCHÖTTLER, In: FEBVRE, 2000, p. 41.

<sup>54</sup> Lucien Febvre retomou o tema da nação em uma série de aulas ministradas no Collège de France entre 1945 e 1947. Motivado pelos acontecimentos da Segunda Guerra, Febvre se propôs a discutir os conceitos de honra e pátria, que compreendia como as duas fontes do sentimento nacional na França. O objetivo de suas preleções era refletir sobre a história desses conceitos, buscando compreender seus significados e seus poderes de mobilização. As notas dessas aulas foram organizadas por Brigitte Mazon e Thérèse Charmasson e publicadas em 1996, tendo ganhado edição brasileira em 1998, Cf. FEBVRE, 1998b.

ganhou, no mesmo ano, uma nota escrita por Bloch. Concentrando-nos na análise de Bloch, observamos que o livro é apresentado com grande receptividade. Nas duas edições Marc Bloch ressaltou a capacidade de seu colega em tratar com imparcialidade uma temática cercada de tantos mitos e ideologias. Elogiou também o afastamento das argumentações naturalistas, deterministas, a capacidade de congregar o estudo dos aspectos físicos, das paisagens, com a vida das coisas e dos homens. Não há, nas avaliações de Marc Bloch, nenhuma referência aos posicionamentos de Febvre quanto à Alemanha, nos termos citados acima.<sup>55</sup>

A temática germânica está presente também na obra de Marc Bloch, em mais de um texto.<sup>56</sup> A opção por observá-la em *L'étrange défaite* (1946), uma obra que não é propriamente historiográfica, definida pelo próprio autor como um relato pessoal, está centrada na relevância do texto e na perspectiva crítica que ele comporta. A Alemanha aparece nessa obra por vias indiretas, pois seu foco é a França, as razões pelas quais a França fora derrotada pela Alemanha em 1939-1940. Trata-se, nesse sentido, de um texto distinto no conjunto da obra de Marc Bloch. Um relato nos termos da história política e militar contemporânea, produzido por um historiador que se dedicava à história medieval, particularmente à história agrária. Contudo, ele não é desconectado de suas reflexões, principalmente de suas reflexões teóricas. A análise psicológica do indivíduo e das coletividades é uma preocupação de Bloch desde sua obra *Os Reis Taumaturgos* (1924), e esse é exatamente o princípio empregado na composição de *L'étrange défaite*.<sup>57</sup>

Bloch escreveu esse texto em 1940, logo após seu retorno da guerra, entre julho e setembro. A publicação, contudo, só ocorreu em 1946, após sua morte e após a desocupação da França. O próprio Bloch não havia produzido um texto destinado à publicação imediata; chamou-lhe de trabalho “platônico, destinado a manter-se escondido nos seus arquivos até que a França voltasse a ser livre e os

---

<sup>55</sup> BLOCH, 1933, p. 83-85; BLOCH, 1935, p. 505-506.

<sup>56</sup> Além das muitas resenhas de obras alemãs, Bloch publicou, por exemplo, artigo sobre a Alemanha e o Sacro Império Romano, Cf. FINK, 1997, p. 351.

<sup>57</sup> FINK, 1997, p. 244.

seus cidadãos pudessem examinar as razões para o colapso terrível”.<sup>58</sup> Trata-se de uma análise das motivações, das “culpas” da derrota francesa que se estrutura em três eixos: o depoimento pessoal do autor, a avaliação dos setores militares e, por fim, a avaliação da política e da sociedade francesa.

Uma das características mais marcantes e interessantes de *L'étrange défaite* é, como diz o título de seu último capítulo, o fato de se tratar de um “exame de consciência”. Em um momento de conturbação política, em que a sociedade francesa via-se dilacerar pelas forças de ocupação nazistas, Bloch não se centra nos horrores promovidos pelo inimigo, e sim constrói um relato crítico sobre seu próprio país. Não deixa de criticar os horrores implantados pelo regime nazista, mas também não cria rótulos degenerativos para a nação germânica como um todo. O “exame de consciência” avalia o lado militar da derrota, mas seu objetivo é demonstrar como ela apenas reflete a estrutura de toda a sociedade francesa. No relato de Bloch todos os setores da sociedade - soldados, professores, sindicatos, intelectuais, empresários, políticos, comandos militares - têm, em maior ou menor grau, sua parcela de culpa. Essa culpa é atribuída com mais ênfase aos setores das elites, especialmente no que se refere aos quadros militares. Bloch cria oposições categóricas entre a honra e a valentia da massa de soldados e as “escleroses mentais” dos comandantes.<sup>59</sup>

Boa parte da análise se concentra em uma perspectiva específica de temporalidade histórica, nas noções de progresso e desenvolvimento. A todo momento recorre-se à explicação de que a França estava em uma condição de defasagem frente à Alemanha. Não se tratava apenas de defasagem tecnológica, mas da própria apreensão e elaboração do tempo. Para Bloch o séc. XX marcava uma virada na história das sociedades modernas, em que o tempo tornara-se acelerado, impondo também uma nova concepção de distâncias, e esse era um processo que a França, contrariamente à Alemanha, parecia não acompanhar:

Les Allemands ont fait une guerre d'aujourd'hui, sous le signe de la vitesse. Nous n'avons pas seulement tenté de faire, pour notre part, une guerre de la veille ou de l'avant-veille. Au

---

<sup>58</sup> FINK, 1997, p. 241.

<sup>59</sup> BLOCH, 1946, p. 81-108.

moment même où nous voyons les Allemands mener la leur, nous n'avons pas su ou pas voulu en comprendre le rythme, accordé aux vibrations accélérées d'une ère nouvelle. Si bien qu'au vrai, ce furent deux adversaires appartenant chacun à un âge différent de l'humanité qui se heurtèrent sur nos champs de bataille. Nous avons en somme renouvelé les combats, familiers à notre histoire coloniale, de la sagaie contre le fusil. Mais c'est nous, cette fois, qui jouions les primitifs.<sup>60</sup>

Compreendendo, nesses termos, a derrota como fruto da obsolência das técnicas francesas, como uma diferença de temporalidades, Bloch aponta que a França, antes de qualquer outra coisa, havia perdido uma “guerra intelectual”. Essa era, em seu entendimento, uma perda ainda mais grave. Bloch aproxima-se aqui do conceito de “guerra de culturas”, resgatando a ideia de que a vitória militar alemã poderia ser representada também como vitória da cultura alemã sobre a cultura francesa.<sup>61</sup> As faltas intelectuais, para Bloch, não haviam sido cometidas apenas nos setores militares, mas na sociedade como um todo. A nação se acomodou, se contentou com conhecimentos incompletos e ideias insuficientes. O historiador retrata essa acomodação nas décadas de 1920 e 1930 por diversas perspectivas, sendo particularmente crítico com sua própria geração. Após os anos turbulentos de 1914-1918, essa geração teria “vendido a alma”, confiado o poder a dirigentes incompetentes em troca de descanso e liberdade intelectual.<sup>62</sup> Ao longo de *L'étrange défaite* a imagem que Bloch compõe de seus coetâneos é a de homens que assistiram passivamente ao crescimento de regimes autoritários e à destruição da Europa. De tal forma, que não acredita em remissões vindas dessa geração, atribuindo a tarefa de libertação da França e reconstrução da Europa às gerações futuras.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> BLOCH, 1946, p. 55-57.

<sup>61</sup> LEPENIES, 2006, p. 114-116.

<sup>62</sup> FINK, 1997, p. 213.

<sup>63</sup> BLOCH, 1946, p. 81-108.

## 4. A CONVIVÊNCIA COM AS CIÊNCIAS HISTÓRICAS ALEMÃS

### 4.1 O POLIMORFISMO DOS CONTATOS

A recepção da historiografia alemã na academia francesa e os contatos culturais entre os dois países vêm de longa data. Essa é uma relação marcada por atentos olhares mútuos, seja na construção de aproximações ou de distanciamentos.<sup>1</sup> Na primeira metade do séc. XX, a Alemanha ainda se configurava como um dos mais importantes centros produtores e difusores do conhecimento histórico, mantendo o status conquistado no século anterior. O impacto dessa historiografia manifestava-se em centros importantes, tais como França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos. No caso particular da França, a repercussão da literatura alemã nesse momento está associada a diversos fatores, além dos já retratados no âmbito das macro-relações político-culturais.

Trataremos aqui de situações expressas no comportamento de instituições e de pessoas, sobretudo das universidades e dos círculos intelectuais. A análise do relacionamento de Lucien Febvre e Marc Bloch com as ciências históricas alemãs e sua crítica dessas comporta questões associadas à disponibilidade de acesso às obras alemãs, ao intercâmbio e aos encontros internacionais de pesquisadores e, sobretudo, a redes de pessoas, ligadas tanto por laços pessoais quanto por laços intelectuais. É buscando explorar cada um desses fatores, com ênfase para o último, que os próximos tópicos do presente capítulo são estruturados.

A rede de distribuição de livros e periódicos entre França e Alemanha, existente desde pelo menos o séc. XVII e já bastante amadurecida no início do século XX,<sup>2</sup> certamente influenciou o acompanhamento que os historiadores e cientistas sociais franceses fizeram da pesquisa no país vizinho. Essa influência se verifica, por exemplo, na observação de que as avaliações bibliográficas publicadas nas revistas francesas são reduzidas a partir das dificuldades de acesso ao mercado editorial alemão na segunda metade da década de 1930. Trata-se de

---

<sup>1</sup> Cf. seção 3 desta Dissertação.

<sup>2</sup> ESPAGNE; WENER, 1987, p. 969-992.

uma distribuição que se processava por pelo menos três meios, a compra direta, o acesso a partir de bibliotecas e o acesso por periódicos especializados.

As bibliotecas e os institutos de pesquisas, dos dois lados do Reno, funcionaram como importantes instrumentos de troca intelectual, na medida em que disponibilizavam aos leitores largo volume de publicações estrangeiras. No caso da revista *Annales*, por exemplo, Marc Bloch relata sua assinatura pela Biblioteca Nacional da Alemanha, em Berlim, desde o primeiro ano da publicação.<sup>3</sup> Os periódicos, por outro lado, também atuavam de forma relevante nesse acesso, tanto pelas políticas de permuta que mantinham entre si quanto pela divulgação de obras estrangeiras. Novamente no caso da *Annales*, observa-se esse regime de troca com a revista alemã *Hansische Geschichtsblätter* – Revista de História Hanseática; além de seus editores serem assinantes da também alemã *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte* – Revista *Quadrimestral de História Econômica e Social*.<sup>4</sup>

Outra prática comum ao meio das revistas acadêmicas era o recebimento, por envio direto das editoras ou dos autores, de livros e periódicos para serem comentados. Essa disponibilidade das revistas em noticiar e resenhar funcionava como um dos mais importantes meios de divulgação da produção estrangeira, contribuindo para o intercâmbio das obras. Os periódicos acadêmicos prestavam, assim, o serviço de informar as comunidades locais sobre o desenvolvimento da pesquisa histórica em outras nações. O recebimento de obras para publicação de resenhas foi comum a diversos periódicos franceses, e no caso da revista dirigida por Marc Bloch e Lucien Febvre não foi diferente. A correspondência entre os dois autores demonstra como esse processo se dava com a intermediação da Armand Colin, casa que editava a revista *Annales*.<sup>5</sup>

Igualmente importante no acompanhamento dos desenvolvimentos de academias estrangeiras foi o trânsito de estudantes e pesquisadores. Particularmente no caso das relações entre França e Alemanha, esse é um fator fundamental. O movimento, especialmente de estudantes franceses em direção à

---

<sup>3</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 218.

<sup>4</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 130, 255.

<sup>5</sup> MÜLLER In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXI, XXXV.

Alemanha, ocorreu de forma efetiva desde o séc. XIX. O próprio Marc Bloch cumprira sua jornada de estudos na Alemanha entre 1908 e 1909. Ao longo dos anos 1920 e 1930, momento que nos interessa mais diretamente, continua-se a observar esse trânsito, ainda que marcado por circunstâncias políticas e culturais inteiramente distintas.

Trata-se de um tipo de intercâmbio que contribuiu para a atualização da pesquisa e das publicações historiográficas alemãs em solo francês. Exemplo desse movimento é o ex-aluno de Febvre e Bloch na Universidade de Estrasburgo e posteriormente colaborador da *Annales* nos assuntos relativos à Alemanha, Henri Brunschwig. Brunschwig, sob orientação de Marc Bloch, estudou a crise do estado prussiano e a gênese das ideias românticas no Instituto Francês de Berlim.<sup>6</sup> Ressalta-se o fato do próprio Instituto ser um marco desse intercâmbio, oferecendo bolsas para estudantes franceses desenvolverem pesquisas na Alemanha.

Certamente, outro fator importante para o contato entre as historiografias do solo europeu foram os Congressos Internacionais de Ciências Históricas. Desde sua primeira realização, em Paris, no ano de 1900, o Congresso definia como objetivos o intercâmbio das reflexões e a busca pela superação das vinculações nacionais em nome de uma comunidade global de historiadores. Entre 1928 e 1944, Febvre e Bloch participaram de dois Congressos Internacionais de História, em 1923 e em 1928, respectivamente os eventos de número cinco e seis na história dos encontros.

O Congresso de 1923 se realizou em Bruxelas, na Bélgica. Aquele era o primeiro grande evento internacional que reunia historiadores em solo europeu após a 1ª Guerra. No encontro, os jovens historiadores franceses compartilharam experiências com colegas das mais representativas comunidades historiográficas, como norte-americanos, ingleses, italianos, holandeses, húngaros e russos. Apenas duas nações, Alemanha e Áustria, não foram representadas nesta edição, em decorrência das dificuldades diplomáticas que ainda persistiam principalmente entre Bélgica e França, de um lado, e Alemanha, de outro. Esta ausência reforça o entendimento de que nos primeiros anos da década de 1920 assistia-se não só a

---

<sup>6</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 156.

uma reconstrução política das relações entre França e Alemanha, mas também a uma reconstrução dos laços intelectuais.<sup>7</sup>

O Congresso Internacional de História de 1928, por sua vez, realizou-se em Oslo, na Noruega, tendo como figura principal de sua organização o também norueguês Haldvan Koht. Esse evento, em que apenas Bloch participou,<sup>8</sup> foi marcado pela superação dos entraves nacionalistas que haviam dado a tônica da edição anterior. A expressiva participação dos alemães demonstrava tanto as boas relações que seu país mantinha com o país anfitrião, quanto seu novo posicionamento no cenário europeu, especialmente a reaproximação com a França. O predomínio da comunidade de historiadores franceses ainda se fazia sentir em Oslo, haja vista o fato de 52% das comunicações serem em língua francesa. Contudo, a segunda língua mais representada foi o alemão, compondo 27,7% das comunicações, ao que se seguiram textos em inglês, 14,7%, e italiano, 5,5%.<sup>9</sup>

Enquanto no Congresso de 1923 Lucien Febvre lançara seu projeto de edição de uma revista internacional de história, que não se concretizou,<sup>10</sup> em 1928 o encontro foi utilizado como um momento de divulgação da revista *Annales*, cujo primeiro número seria lançado no ano seguinte. Ainda às vésperas da realização do VI Congresso, Febvre e Bloch apontavam-no como um meio adequado para recrutarem artigos e promessas de colaborações para a revista.<sup>11</sup> Durante o encontro, Bloch distribuiu entre os participantes prospectos da nova revista e fez seu anúncio formal na seção em que apresentava sua comunicação, dedicada à história econômica. Em seu anúncio, Bloch apresentou a *Annales d'Histoire Économique et Sociale* como uma “revista nacional de espírito internacional”. É importante que se observe, como salienta Karl Erdmann, que o anúncio dessa

---

<sup>7</sup> ERDMANN, 2005, p. 71-95.

<sup>8</sup> Lucien Febvre recusara o convite de participação no VI Congresso em razão do estado de saúde de sua esposa Suzanne Febvre. Cf. BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 48

<sup>9</sup> ERDMANN, 2005, p. 122.

<sup>10</sup> Para mais detalhes sobre o projeto de 1923, Cf. seção 5.1 desta Dissertação.

<sup>11</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 26.

revista que adquirirá centralidade na historiografia do séc. XX, passou relativamente despercebido em Oslo.<sup>12</sup>

A interlocução promovida pelos Congressos Internacionais de História manifestava seus frutos mesmo após o encerramento dos eventos. Bloch escreveu no número de lançamento da *Annales* sobre o Congresso de 1928, chamando atenção para a necessidade de se reorganizar as comunicações em eixos temáticos, centrados nas problematizações das pesquisas. Já sobre o Congresso de Varsóvia de 1933, no qual nenhum dos dois autores participou, a nota crítica foi redigida por Charles Edmond Perrin. Publicada em 1934 com um *post scriptum* de Lucien Febvre, nela retomou-se a questão da necessidade de reorganização das seções do Congresso.

Como se poderá observar nas próximas seções, esses eventos foram marcos importantes para Marc Bloch e Lucien Febvre tanto como um momento para dialogar com autores conhecidos, tais como Henri Pirenne, Henri Berr e Alfons Dopsch, quanto para fazer novos contatos. Um interessante exemplo é o encontro de Marc Bloch com Hermann Aubin (1885-1969). Professor de história econômica medieval, o alemão Hermann Aubin havia sido aluno de Georg von Below e o sucedera na direção da *Revista Quadrimestral de História Econômica e Social*. Em correspondência a Lucien Febvre, enviada de Estocolmo, na Suécia, poucos dias após o término do Congresso de 1928, Bloch declarou que conhecera o historiador alemão e que ele teria aprovado o projeto da *Annales*.<sup>13</sup> Esse parece ter sido, todavia, um encontro isolado. Apesar das similaridades entre a *Annales* e a *Revista Quadrimestral de História Econômica e Social* e entre os objetos de pesquisa de Bloch e Aubin, não encontramos registros na correspondência analisada que apontem no sentido de uma continuidade de contatos entre os dois autores.

A estratégia dos colegas de Estrasburgo de utilizar os Congressos Internacionais como um meio de propagação de seus projetos é, ao que nos parece, clara demonstração da importância desses encontros como multiplicadores de ideias, de sua exposição em vários círculos acadêmicos e de sua capacidade de

---

<sup>12</sup> ERDMANN, 2005, p. 128; BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 50.

<sup>13</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 50.

suscitar encontros entre nomes que despontavam em academias estrangeiras, ou mesmo impulsionar novas alianças intelectuais. Bloch referenda essa afirmação em 1935, quando escreve a Febvre sobre o convite que recebera do Comitê Internacional de Ciências Históricas para participar do próximo Congresso, que se realizaria em 1938, em Zurique, na Suíça. Bloch demonstra incerteza quanto à sua participação, já fazendo alusão ao novo quadro político que se desenhava na Europa, mas afirma a importância do Congresso Internacional comparativamente a outros congressos locais, ressaltando a possibilidade de se estabelecer novos contatos: “on peut y établir des contacts utiles, pour les Annales notamment”.<sup>14</sup>

#### 4.2 OS CONTATOS INTERPESSOAIS

A convivência de Lucien Febvre e Marc Bloch com a produção historiográfica alemã, assim como as críticas que fizeram a respeito dela, não são, em nenhum sentido, isoladas. Ao contrário, como se tem tentado demonstrar aqui, essa relação se constrói por diversos fatores que atuam associadamente: a tradição cultural de contatos entre França e Alemanha, as contigências políticas entre os dois países, a circulação de obras e pessoas pelas fronteiras, os encontros proporcionados pelos Congressos Internacionais. A esses fatores, parece-nos ser importante acrescentar uma questão fundamental, as relações que Bloch e Febvre estabeleceram com as ciências históricas alemãs a partir de pessoas, de personagens específicos. Nessa relação contemplamos tanto o envolvimento direto com intelectuais germânicos quanto seu envolvimento através de parceiros franceses familiarizados com a academia alemã.

Ao propor tal interpretação, ao chamar atenção para a importância desses contatos e de suas respectivas críticas para o posicionamento de Febvre e Bloch, estamos mobilizando a noção de redes interpessoais. Dentro dos limites deste trabalho, a exploração desse conceito não comporta todos os pontos fundamentais para uma análise tal qual se faz na sociologia, e, mais proximamente ao nosso caso, na sociologia do conhecimento.<sup>15</sup> Faltam-nos, entre outros, elementos como

---

<sup>14</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 358.

<sup>15</sup> Cf. BOISSEVAN, 1974.

a definição exata do tamanho dessas redes e os níveis de interação entre os indivíduos externamente ao núcleo. Uma pesquisa detalhada que tenha como foco as relações entre essas pessoas que circundavam o meio intelectual de Bloch e Febvre provavelmente avançará nessa direção.

Ainda que não tenhamos, portanto, a possibilidade de utilizar o conceito de redes em um sentido pleno, acreditamos que essa abordagem pode vir a ser produtiva para o tratamento do objeto em questão. Pretendemos resgatar principalmente dois aspectos da definição de redes sociais, e mais especificamente de redes interpessoais. Por um lado, a ideia de que a rede social que envolve um indivíduo pressiona e exerce influência sobre seu comportamento, mas ao mesmo tempo o indivíduo pode pressionar e afetar o comportamento de outras pessoas da rede.<sup>16</sup> Por outro, o entendimento de que a compreensão das redes interpessoais passa pela metáfora “amigos dos amigos”. Ou seja, uma pessoa não se relaciona apenas com aqueles que conhece, mas também com os contatos daqueles que conhece pessoalmente.<sup>17</sup>

O principal aspecto que pretendemos resgatar é a dimensão de que as relações interpessoais, ainda que sustentadas apenas por envolvimento profissionais, promovem influências que não podem ser descartadas. Em outros termos, mesmo não corroborando as leituras ou não ratificando o posicionamento do autor A ou B, com os quais se relacionam, Lucien Febvre e Marc Bloch sofrem suas interferências. É para essas interferências que gostaríamos de chamar atenção, para o fato de elas funcionarem como um elemento a mais, e talvez dos mais significativos, na complexa teia que envolve a crítica e o posicionamento de Febvre e Bloch em relação à historiografia além Reno.

A rede que construímos tem como núcleo dois personagens, Lucien Febvre e Marc Bloch. A análise a seguir enfatiza apenas as ligações do núcleo com cada um dos “pontos” a ele conectados, nesse caso: acadêmicos franceses e germânicos. Apesar de ser evidente que elas tenham existido, não se investiga as interações dos pontos entre si independentemente do núcleo. Nossa análise contempla também apenas uma única direção de influência da rede, qual seja, a contribuição vinda das arestas, de historiadores franceses e alemães, para a

---

<sup>16</sup> BOISSEVAN, 1974, p. 27.

<sup>17</sup> BOISSEVAN, 1974, p. 24-26.

formação do posicionamento do núcleo. Novamente sem negar sua existência, desconsideramos, para fins de análise, a direção contrária, ou seja, a influência de Febvre e Bloch sobre os demais componentes da rede.

Para essa exploração, organizamos os membros da rede externos ao núcleo em dois grupos de relações, ou em duas direções. A primeira direção congrega os contatos de Febvre e Bloch com a ciência alemã a partir de parceiros franceses familiarizados com esta tradição, e que mantinham suas próprias relações com ela. O segundo grupo compreende as ligações que o núcleo estabelece diretamente com as ciências históricas alemãs, representadas por alguns de seus historiadores, economistas e sociólogos. Esse primeiro grupo congrega intelectuais reconhecidos tanto pela historiografia sobre Bloch e Febvre quanto por eles próprios como seus mestres, nomeadamente Henri Berr e Henri Pirenne. Contemplamos ainda nesse grupo alguns frequentes colaboradores de Bloch e Febvre na revista *Annales*, aos quais chamamos aqui de “círculo *Annaliste*”. O segundo grupo, por sua vez, também se constrói a partir da revista *Annales* e é interpretado a partir de duas categorias: historiadores alemães e historiadores austríacos.

#### **4.2.1 Leituras e contatos dos parceiros franceses**

##### 4.2.1.1 As lições dos mestres: Henri Berr e Henri Pirenne

Os belgas Henri Berr e Henri Pirenne são incontestadamente apontados pelos estudiosos da historiografia de Marc Bloch e Lucien Febvre como dois de seus principais mestres. Trata-se de um lugar de destaque, que por si só tornaria indispensável sua presença nessa dissertação. No entanto, Berr e Pirenne são contemplados aqui não apenas por serem mestres de Bloch e Febvre, mas por serem os mestres cujas trajetórias pessoais e acadêmicas foram atravessadas pelas ligações com a Alemanha e com sua historiografia, e cuja proximidade com os “herdeiros” extrapolou uma influência teórica, constituindo-se efetivamente em uma relação interpessoal direta.

Henri Pirenne (1862-1935), historiador medievalista, alcançou notoriedade com sua *Histoire de la Belgique*, publicada em sete volumes entre 1902 e 1932.

A obra de Pirenne proclamava o sentimento nacional em seu país, buscava resgatar a perspectiva de unidade de uma nação dividida por particularismos linguísticos e regionais. Com teses audaciosas, marcadas pela perspectiva da síntese histórica, Pirenne abriu novas possibilidades de pesquisa, sobretudo em história econômica e social, influenciando toda uma geração de historiadores.<sup>18</sup> Seu reconhecimento internacional ganhou novas proporções após a 1ª Guerra, após sua resistência junto às tropas belgas e sua prisão na Alemanha. Em 1919 foi eleito o primeiro Presidente da União Acadêmica Internacional, foi o organizador e presidente do Congresso Internacional de História de 1923 e foi um dos nomes centrais do mesmo evento em 1928.<sup>19</sup>

O encontro de Pirenne com Marc Bloch e Lucien Febvre deu-se em 1920, em Estrasburgo, onde o belga proferia conferências. A partir de então, se constituirá uma relação duradoura entre os três historiadores, que se manterá até a morte de Pirenne em 1935. Ainda no começo da década de 1920, os jovens professores de Estrasburgo aproximaram-se do renomado medievalista com o objetivo de, sob seu patrocínio, fundarem uma revista internacional de história. O projeto, não concretizado, tomou novas formas com o lançamento da *Annales* em 1929, mas a presença de Pirenne permanecia tutelar. Pirenne era o único estrangeiro a figurar no corpo editorial da *Annales* e, mais que isso, era considerado por Bloch e Febvre o único membro a quem realmente era importante consultar, a única presença da qual faziam questão em seus encontros.

Mais que descrever os caminhos da pesquisa de Pirenne e os detalhes de sua relação com Bloch e Febvre, gostaríamos de ressaltar seu papel como um mediador entre os historiadores franceses e diversos outros grupos intelectuais. Bertrand Müller ressalta essa atuação de Pirenne desde o começo da década de 1920:

[...] les contacts pris alors fourniront aux *Annales* certains de leur premiers collaborateurs. Enfin, L. Febvre et Marc Bloch ont établie avec H. Pirenne une relation d'amitié et d'échanges

---

<sup>18</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 520.

<sup>19</sup> ERDMANN, 2005, p. 71, 75-76, 129.

intellectuels privilégiés et durables qui se révélèrent très utiles au cours des premières années d'existence des *Annales*.<sup>20</sup>

Entre esses contatos que Pirenne estabelecera e as trocas intelectuais que suscitara, a historiografia alemã certamente ocupou um lugar privilegiado. O contato do historiador belga com a Alemanha processou-se desde muito cedo e por diversos caminhos. Pirenne estudou em Berlim e em Leipzig, onde se aproximou de Karl Lamprecht, e foi também um dos editores da *Revista Quadrimestral de História Econômica e Social*. Profundo conhecedor da cultura alemã e de sua historiografia em particular, dono de contatos diretos com alguns de seus mais expressivos nomes, Pirenne colocava-se, em território franco-belga, como uma eminência em questões relacionadas à academia alemã.

Nessa rede de personagens que conectaram Lucien Febvre e Marc Bloch com as ciências históricas alemãs, Pirenne nos parece um dos mais centrais. Como se disse, ele foi responsável por ajudar a compor a rede de colaboradores da *Annales*, e muitas de suas indicações foram exatamente de pesquisadores germânicos, ou ainda de estrangeiros conhecedores da Alemanha que poderiam compor as seções da revista dedicadas ao país.

Outro personagem central nessa rede, por ser muito próximo a Bloch e Febvre e por possuir ligação incontestada com a academia alemã, foi o historiador e filósofo belga Henri Berr (1863-1954). Berr, contudo, parece-nos exercer um papel distinto de Pirenne no interior dessa rede. A influência que exercera sobre os editores da *Annales*, avaliada especialmente a partir das cartas trocadas entre ambos, foi mais no sentido de estabelecer discussões com as ciências históricas alemãs, de debruçar-se sobre os “problemas alemães”, que propriamente de mediar novos contatos, indicar e colocá-los em relação direta com os pesquisadores germânicos.

O envolvimento de Henri Berr com Lucien Febvre e Marc Bloch também se estabeleceu cedo, principalmente no caso do primeiro. Febvre iniciou suas publicações na *Revue de Synthèse*, fundada em 1900 e dirigida por Berr, ainda em 1905, quando tinha apenas 27 anos, e publicou nela cerca de 280 textos, sobretudo

---

<sup>20</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 1994, p. XXIII.

resenhas.<sup>21</sup> Febvre foi ainda parceiro de Henri Berr na criação do *Centre International de Synthèse* e publicou três de seus livros na coleção *L'évolution de l'humanité*, que havia sido concebida por Berr, e que posteriormente seria dirigida pelo próprio Febvre.

A Alemanha foi uma das preocupações centrais do intelectual belga, estando presente em muitos de seus trabalhos.<sup>22</sup> De acordo com Peter Schöttler, Berr pode ser descrito como um obcecado pelo problema da Alemanha, dos alemães e das relações franco-alemãs.<sup>23</sup> Na *Revue de Synthèse*, que se singularizava por promover a construção de reflexões teóricas e metodológicas sobre a história,<sup>24</sup> Berr revela seu contato com as discussões estabelecidas na Alemanha, particularmente no campo da teoria da história. Em seus números, publicou trabalhos de importantes historiadores e teóricos alemães, como Friedrich Meinecke, Ernst Troeltsch, Kurt Breysig, Heinrich Rickert e Karl Lamprecht. Com esse último manteve, inclusive, boas relações pessoais.<sup>25</sup>

A partir das Guerras de 1914 e 1939, Berr travou verdadeiras batalhas contra os alemães, identificando nesses uma “psicopatologia”, uma “mentalidade anormal”. Retratou em termos maniqueístas a história franco-alemã, opondo um espírito francês de luzes ao espírito alemão bárbaro e primitivo, entendendo o germanismo como uma ameaça. O que esse autor procede em sua análise da Alemanha e do povo alemão é exatamente o oposto de suas recomendações para a

---

<sup>21</sup> No desenvolvimento desta pesquisa, atentamos para o fato de que as resenhas publicadas por Marc Bloch e Lucien Febvre na *Revue de Synthèse* seriam de grande relevância para o tratamento desse objeto. Não nos foi possível, contudo, incluí-la, devido ao acesso aos números e ao tempo disponível para análise de um conjunto de fontes que já se mostrava suficientemente extenso.

<sup>22</sup> Entre 1919 e 1950 Berr produziu pelo menos cinco livros com a temática germânica: *Le Germanisme contre l'esprit français. Essai de psychologie historique* (1919) ; *Les Allemandes. Réflexions sur la guerre et sur la paix - 1918-1939* (1939) ; *Machiavel et l'Allemagne* (1940) ; *Le Mal de la jeunesse allemande* (1946) ; *Allemagne. Le contre et le pour* (1950).

<sup>23</sup> SCHÖTLER, 1997, p. 189

<sup>24</sup> É interessante observar, a esse respeito, a crítica de Martin Fugler a uma historiografia que insiste em considerar a *Revue de Synthèse Historique* como uma pré-história teórica dos *Annales*, a exemplo de André Burguière. Fugler sustenta uma identidade própria para a revista, reclamando sua importância como uma revista histórica, e não como uma revista de filosofia em que colaboravam historiadores. A *Revue de Synthèse Historique*, para Martin Fluguer, era “une revue historique reconnue pour ses travaux historiques, pour ses études synthétiques de l'histoire, pour sa pratique historique.” Cf. FUGLER, 1997, p. 187.

<sup>25</sup> SCHÖTLER, 1994, p. 143-154.

análise histórica e sociológica. Nessas interpretações, vislumbra-se seu forte sentimento nacionalista. Peter Schöttler arrisca a hipótese de que esse patriotismo, associado à sua origem judaica e alsaciana e ao crescimento do anti-germanismo na opinião pública francesa, o impediram de manifestar, ao contrário, seu verdadeiro fascínio pela Alemanha e pela ciência alemã.<sup>26</sup>

Discutindo os mestres de Lucien Febvre e Marc Bloch, é necessário que dediquemos algumas palavras, ainda que rápidas, a outros nomes que certamente também estiveram nessa categoria, como o sociólogo Émile Durkheim e o geógrafo Vidal de la Blache. Tanto Durkheim quanto Vidal de la Blache não conviveram tão diretamente com esses historiadores, tal qual Henri Berr e Henri Pirenne. No entanto, foram seus professores e exerceram importante influência em sua historiografia. Gostaríamos de resgatar aqui, correndo o risco de simplificá-las ao extremo, as relações desses acadêmicos com as ciências históricas alemãs a partir da oposição sociologia e geografia francesas versus sociologia e geografia alemãs.

O período que contemplamos aqui, a primeira metade do séc. XX, é o momento de formação da sociologia, em que Émile Durkheim e Max Weber constituem dois de seus nomes mais importantes. Apesar de se dedicarem à mesma recém-fundada disciplina e de serem contemporâneos, esses autores não se frequentaram. A relação entre eles é marcada pelo distanciamento mútuo, o que, para intérpretes como Lepenies, se configuraria como um enigma na história da sociologia. Durkheim foi enfático, não apenas na recusa da sociologia weberiana, mas de toda a sociologia alemã. A visão de Durkheim sobre as ciências sociais alemãs era de que não passavam de “pseudociências”. O verdadeiro conhecimento para uma abordagem universal seria oferecido pela sociologia francesa.<sup>27</sup>

Vidal de la Blache, por sua vez, foi o mais importante geógrafo francês entre os séc. XIX e XX. Construindo uma metodologia para o estudo da geografia centrada em conceitos como “região” e “gênero de vida”, Vidal de la Blache formou uma geração de jovens pesquisadores, que, concentrada especialmente em estudos monográficos, constituiu o que se convencionou chamar de “escola

---

<sup>26</sup> SCHÖTTLER, 1997.

<sup>27</sup> O engajamento de Durkheim na propaganda francesa e seu julgamento da cultura alemã na obra *L'Allemagne au dessous de tout* é analisado na seção 3.1 desta Dissertação.

vidalina”. Essa proposta geográfica de Vidal de la Blache encontrava seu contramodelo, seu antagonista, na geografia produzida na Alemanha por Friederich Ratzel e seus seguidores.

A importância da geografia vidalina para a *Annales* é muito clara; a própria revista possuía forte relação com a geografia, disciplina para a qual reservava seções de artigos e resenhava grande número de publicações. No que se refere à sua influência sobre as obras de Bloch e Febvre, ela também não é menor. Em seus textos sobre história agrária, por exemplo, Marc Bloch procura pensar uma geografia historicizada, e mesmo a importância que atribui à história comparada tem bases nas discussões sobre gênero de vida da escola vidalina.<sup>28</sup>

Mais significativa, contudo, é a manifestação dessa perspectiva na obra de Lucien Febvre de 1922, *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*.<sup>29</sup> Nessa obra, Febvre demonstra dominar a literatura geográfica produzida na Alemanha, desde Alexander von Humboldt e Gerhard Ritter até Friederich Ratzel. Construindo uma discussão teórica que não será frequente em suas obras posteriores, Febvre estabelece um verdadeiro enfrentamento em relação a Ratzel, ao qual critica duramente. Em contraposição ao modelo alemão de Ratzel, Febvre propõe uma aproximação da história com a geografia a partir do modelo francês, das definições de Vidal de la Blache e também das categorias durkheimianas.

#### 4.2.1.2 As leituras do “círculo *Annaliste*”

Identificar quais eram os historiadores mais próximos a Marc Bloch e Lucien Febvre é tarefa árdua. Em primeiro lugar porque esses autores se relacionavam com um universo amplo de intelectuais, em segundo, porque essas relações se faziam, desfaziam e refaziam rapidamente. Nossa investigação caminha para o entendimento de que nem Bloch, tampouco Febvre, possuíram um círculo de historiadores aos quais se ligaram e foram fiéis ao longo de toda sua carreira. Esse não nos parece, contudo, um complicador para nossa proposta de

---

<sup>28</sup> Cf. BLOCH, 2001b.

<sup>29</sup> Cf. FEBVRE, 1970.

trabalho, já que não nos propusemos a fazer um levantamento tão minucioso. Nosso trabalho parte exclusivamente dos dois principais conjuntos documentais que estudamos, ou seja, a correspondência trocada pelos dois autores e as resenhas publicadas principalmente na revista *Annales*. Nossa proposta é identificar os autores próximos aos diretores da *Annales* que mantinham ligações mais estreitas com a ciência histórica alemã, demonstrando as principais características dessa relação de familiaridade.

A análise desse conjunto de fontes encaminhou-nos para a observação do que chamamos de “círculo *Annaliste*”: um conjunto de autores que mantiveram contato com Febvre e Bloch a partir da revista *Annales*, ou seja, foram seus colaboradores. Evitamos tratá-lo como uma dimensão de grupo unido pelos mesmos propósitos, inclusive historiográficos. Em nenhum momento nossa pesquisa nos permite considerar essas pessoas como um grupo unido em busca de uma revolução historiográfica, como quer certa interpretação da historiografia dos *Annales*. Não se identificam claros sinais de coesão, discussões de projetos ou orquestramento de ações, não se podendo desenhar algo como a “1ª Geração dos *Annales*”. Mas essa discussão não é nossa proposta central.

É importante esclarecer também que esse “círculo *Annaliste*” não é constituído apenas por historiadores, e não se confunde com seu comitê editorial, que, aliás, ao longo da década de 1930 não atuou efetivamente como tal. Bertrand Müller apresenta uma passagem, em sua interpretação das correspondências, que ajuda a compreender bem essa relação entre Bloch, Febvre e seus colaboradores:

Les collaborateurs ... ils ne forment pas un groupe homogène. Ce qui frappe à la première lecture de la correspondance, c'est l'étonnante diversité des milieux sociaux et intellectuels qui sont sollicités en France comme à l'étranger. Le réseau qui font se défait autour de la revue débordement largement les frontières de la discipline et celles du petit monde académique, touchant même de milieux que l'on pensait plutôt hostiles aux *Annales* comme les chartistes ou les milieux juridiques.<sup>30</sup>

Tendo em consideração essas questões, a composição do “círculo *Annaliste*” agrega profissionais que, ao longo dos anos 1930, publicam com

---

<sup>30</sup> MÜLLER, In. BLOCH; FEBVRE, 1994, p. XXXVIII.

frequência na *Annales*, são mais solicitados e consultados por Bloch e Febvre e recebem desses considerável grau de aprovação. Tratando especificamente de nomes que escreviam na *Annales* comentando publicações alemãs, podemos citar Georges Lefebvre, presença frequente entre 1931 e 1938, ou ainda Albert Demangeon, George Espinas, André Sayous, Charles Edmond Perrin e Henri Hauser. Hauser, em particular, foi membro do comitê editorial e assíduo colaborador da revista, importante conhecedor da historiografia alemã e da cultura germânica de maneira geral, mas não publicou regularmente sobre essa temática na *Annales*. Desse “círculo *Annaliste*”, gostaríamos de destacar dois nomes: Maurice Baumont e Henri Brunschwig<sup>31</sup>.

Maurice Baumont e Henri Brunschwig têm uma condição distinta entre esses “intermediários” de Bloch e Febvre com a ciência histórica alemã. Eles não estão contemplados aqui por uma reflexão teórico-metodológica específica sobre autores importantes, como é o caso de Maurice Halbwachs, e também de André Sayous.<sup>32</sup> Baumont e Brunschwig tinham como foco de suas contribuições para a *Annales* as questões alemãs. Havia, nesse sentido, o reconhecimento dos editores de que seu periódico deveria tratar das questões alemãs, reservando-se inclusive seções especiais e especialistas. É importante que se diga, contudo, que isso não era privilégio da Alemanha. Bloch e Febvre, desde o primeiro ano da revista *Annales*, também se preocuparam em criar esses espaços e conseguir colaboradores para outras regiões, como América Latina, Inglaterra e União Soviética.

Maurice Baumont (1892-1981), diplomata, funcionário da Liga das Nações, foi indicado por Henri Hauser como colaborador nas questões sobre história da Alemanha contemporânea, particularmente sobre história econômica, ainda em 1928. Baumont havia exercido suas funções diplomáticas até 1928 em

---

<sup>31</sup> Privilegiamos esses dois autores nesta seção pela posição distinta que ocuparam na revista, mas também pelo relativo desconhecimento da história da historiografia dos *Annales* a respeito de sua participação.

<sup>32</sup> As importantes contribuições das análises de André Sayous (1873-1940), que publicou artigos e resenhas na *Annales* até 1939, sobre economia política alemã, particularmente sobre Werner Sombart, são demonstradas no próximo capítulo. Neste capítulo também se apresentarão as contribuições de Maurice Halbwachs (1877-1945), um precursor da recepção da obra de Max Weber na França, importante conhecedor da Alemanha, onde também estudara. Halbwachs fora colega de Marc Bloch e Lucien Febvre em Estrasburgo, onde atuava como Professor de Sociologia desde 1923.

território alemão, transferindo-se posteriormente para a Suíça. Entre a década de 1920 e 1930, colocava-se como um dos maiores especialistas franceses na temática “Alemanha contemporânea”. Sua primeira contribuição para a *Annales* foi feita já no número de lançamento, com o artigo *L’activité industrielle de l’Allemagne depuis la dernière guerre*. Foi na produção de resenhas de obras germânicas, contudo, que concentrara sua participação.

Mais, que demonstrar a convivência com especialistas em história da Alemanha, e, conseqüentemente, em historiografia alemã, interessa-nos chamar atenção para o fato de Baumont ter sido efetivamente reconhecido como um “mediador”. Febvre e Bloch o viam como um intelectual sintonizado com a literatura produzida na Alemanha, como um colaborador que poderia tanto atualizar o desenvolvimento dessas pesquisas no seio da revista, quanto indicar colaboradores no país vizinho. Em carta a Febvre, em 1929, Bloch coloca a questão nos seguintes termos:

Il faudra, je crois, sans tarder, écrire à Baumont. Il a entre les mains tout un lot des livres sur l’Allemagne. Vou pourriez lui indiquer (ou je le puis, si vous le désirez, mais répondez-moi, je vous prie, tout de suite) de les utiliser, non pour de comptes rendus separees, mais pour une revue générale “Problème d’économie allemande”, groupé par problèmes.<sup>33</sup>

O papel de “germanista” na *Annales* será, a partir de 1934, desempenhado por Henri Brunschwig (1904-1989), ex-aluno de Bloch e Febvre na Universidade de Estrasburgo. Baumont parece ter se afastado da revista naturalmente, já que com seu trabalho da Liga das Nações não conseguia enviar textos com frequência. Familiar à cultura alemã, Brunschwig orientou suas pesquisas para história da Alemanha e em 1931 foi contemplado com uma bolsa para o Instituto Francês de Berlim.<sup>34</sup> Tendo Marc Bloch como orientador, o jovem pesquisador buscava

---

<sup>33</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 203.

<sup>34</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 156.

investigar a crise do estado prussiano e a gênese das ideias românticas.<sup>35</sup> Henri Brunschwig também trabalhou em parceria com Lucien Febvre fora do âmbito da *Annales*. Por convite de Febvre, que naquele momento também dirigia a Enciclopédia Francesa, ele escreveu artigos para o volume sobre a Alemanha.

Assim como no caso de Baumont, há, na correspondência analisada, demonstrações de que Brunschwig tenha atuado como um mediador entre acadêmicos alemães e Marc Bloch e Lucien Febvre. Em 1936, quando o regime nazista aprofundava o fosso entre as duas nações, Brunschwig buscava articular um possível colaborador alemão para a *Annales*.<sup>36</sup> É interessante assinalar também que o ex-aluno de Bloch construirá interpretações sobre os eventos contemporâneos, caminhando no sentido de associar o nazismo à mentalidade alemã. O próprio Brunschwig foi uma das vítimas da invasão nazista, tendo sido preso em Lübeck, onde também esteve preso Fernand Braudel e onde ambos se conheceram.<sup>37</sup> A trajetória de Henri Brunschwig, contudo, sofrerá sensível modificação após a 2ª Guerra. De historiador da Alemanha contemporânea passará a especialista em história africana.<sup>38</sup>

É importante registrar, contudo, que apesar da relevância atribuída à necessidade de se ter um “germanista” na revista e da avaliação, no geral positiva, de Baumont e mesmo de Brunschwig, Bloch e Febvre não se eximiram dessa crítica. Como faziam com praticamente todos seus colaboradores, os editores enviaram livros solicitando resenhas e fizeram sugestões de modificações nos textos. Além do que, continuaram produzindo, por si mesmos, notas críticas sobre a temática e principalmente sobre a historiografia germânica.

---

<sup>35</sup> Também um orientando de Lucien Febvre, François-Georges Pariset (1904-1980), conseguiu uma bolsa de estudos em Berlim, para produzir uma tese sobre Georges de la Tour.

<sup>36</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 395-396.

<sup>37</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. 191.

<sup>38</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 525.

## 4.2.2 Convivência com os intelectuais germânicos

### 4.2.2.1 A colaboração dos alemães na *Annales*: Brinkmann, Vogel e Rörig

Em suas pesquisas sobre a historiografia francesa das primeiras décadas do séc. XX, Olivier Dumoulin demonstrou como a *Annales d'Histoire Économique et Sociale* desfrutrou de uma rede de colaboradores internacionais (36% do total dos textos) muito mais significativa que as demais revistas francesas de história, como a *Revue Historique* (17,5%) ou a *Revue d'Histoire Moderne*.<sup>39</sup> Por outro lado, o recrutamento desses colaboradores foi marcado por dificuldades, instabilidades e diferenças entre as nações. Em países como Grã-Bretanha, Estados Unidos, Itália e Alemanha, Bloch e Febvre encontraram dificuldades de manter colaboradores. Ao longo dos anos 1930, parte significativa dos colaboradores estrangeiros, 17 do conjunto de 66, eram francófonos de origem belga.<sup>40</sup>

O comitê de redação da *Annales* formado em 1928 é um espelho do caráter tipicamente francês da revista e do maior estreitamento de laços de seus diretores com essa comunidade que com qualquer outra. Todos os nomes que a compõem, são, como se pode ver, atuantes nos territórios franceses e belga: Albert Demangeon - Professor de Geografia Humana na Sorbonne, Georges Espinas - Arquivista do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Maurice Halbwachs - Professor de Sociologia na Universidade de Estrasburgo, Henri Hauser - Professor de História Econômica na Sorbonne, André Piganiol - Professor de História Romana na Universidade de Estrasburgo, Henri Pirenne - Professor de História na Universidade de Gand, Charles Rist - Professor de Economia Política na Faculdade de Direito de Paris e André Siegfried - Professor na Escola de Ciências Políticas de Paris.

No que se refere à colaboração dos autores alemães, entre 1929 e 1944, a *Annales* contou apenas com três nomes: Carl Brinkmann, Fritz Rörig e Walther Vogel. Há que se dizer, contudo, que alguns outros nomes, como Bruno Kuske

---

<sup>39</sup> DUMOULIN, 1992. Apud MÜLLER, In. BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXIV.

<sup>40</sup> MÜLLER, In. BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXIV.

(1876-1964), professor de história econômica na Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais de Colônia desde 1917, antigo aluno de Friedrich Ratzel e de Karl Lamprecht, foram convidados, mas não chegaram a participar da revista.<sup>41</sup>

Carl Brinkmann (1885-1954), sociólogo, historiador e teórico da economia, professor nas Universidades de Heidelberg, Berlim e Tübingen, um egresso da escola de Gustav Schmoller, é o único alemão que aparece na primeira lista de colaboradores, entre uma maioria de franceses e belgas, e outros poucos italianos, ingleses, espanhóis e noruegueses.<sup>42</sup> Brinkmann é apontado por Bertrand Müller como uma personalidade influente na academia alemã.<sup>43</sup> Seu contato com Bloch e Febvre se deu ainda em 1928, quando aceitou colaborar na *Annales*. As primeiras solicitações dos editores foram textos para a seção de história contemporânea, sobre o ensino de história econômica e sobre estatística na Alemanha. O artigo que aparecerá na *Annales* será apenas sobre o segundo tema, publicado no último número de 1929 e intitulado *Les nouvelles sources de la statistique dans l'Allemagne d'après guerres*.

A colaboração de Brinkmann, contudo, foi restrita, sendo esse seu único texto na *Annales*. As referências a esse autor nas cartas de Marc Bloch aparecem apenas até o ano de 1933. A manifestação mais interessante sobre Carl Brinkmann é feita por Bloch em uma resenha de 1930, publicada na *Annales*, sobre seu texto de 1927, *Wirtschafts- und Sozialgeschichte*. Bloch aponta que a obra é uma história econômica e social que o autor dedicou a seus mestres, Gustav Schmoller e Paul Vinogradoff. Ela seria menos uma obra histórica, no sentido corrente do termo, que uma obra de considerações históricas. Assim, seria mais recomendada a historiadores profissionais que a estudantes. A avaliação de Bloch sobre Brinkmann ressalta sua capacidade de estabelecer ligações entre fenômenos aparentemente distintos, mas que nem sempre estariam bem localizadas e iluminadas. Bloch destaca ainda que a obra do alemão teria “incertezas”, lacunas no que se refere às “coisas francesas”, o que, em seus termos, demonstraria a

---

<sup>41</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 57, 86.

<sup>42</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 44-45.

<sup>43</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 19.

necessidade de se fornecer aos pesquisadores estrangeiros essas informações sobre a França e sobre a historiografia francesa.

Fritz Rörig (1882-1952) foi um dos casos cujo contato direto com a *Annales* se estabeleceu a partir da mediação de Henri Pirenne.<sup>44</sup> Professor de história medieval e moderna nas universidades de Kiel e de Berlim, especialista em história da Hansa, aliança de cidades mercantis que se estabeleceu no norte da Europa e na região do mar Báltico entre os séculos XIII e XVII, ele estava entre os interesses de Marc Bloch. Rörig publicou um único artigo na *Annales*, exatamente sobre essa temática, e, apesar da restrita colaboração na revista, trocou cartas com Marc Bloch entre 1928 e 1932.

O contexto que envolve a publicação do artigo de Fritz Rörig é particularmente interessante. Ao contrário de Carl Brinkmann, cujo artigo foi solicitado pelos editores, a iniciativa dessa publicação partiu de Rörig. Em 1930, o historiador alemão escreveu a Marc Bloch solicitando que a *Annales* publicasse a conferência que fizera em Hamburgo e que havia sido publicada em uma revista local.<sup>45</sup> Bloch, diante do pedido, consultou Febvre sobre a resposta que a *Annales* enviaria, já manifestando seus receios quanto à aceitação. A resposta de Lucien Febvre, por sua vez, não só mostra que ambos não nutriam grande admiração por Rörig como oferece um exemplo de como as relações com as demais comunidades historiográficas eram vistas como estratégicas para os editores da revista. Febvre responde a Bloch nos seguintes termos:

Non, nous ne pouvons pas refuser l'offre de Rörig. Il nous faut des appuis en Allemagne. Ce qu'il donnera sera toujours instructif pour le lecteur français. Ne surfaisons pas les connaissances de ces professeurs de lycées à qui nous devons songer. Ils ont tout à apprendre, dans le domaine que nous avons entrepris d'exploiter. Soyons plus severes pour les Français que pour les étrangers – meme mediocre, ou malhabile, ceux-ci nous apportent un peu de renouveau – et ouvrent des horizons que les Sée et le Boissonnade s'emploient à murer.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 20.

<sup>45</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 156.

<sup>46</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 160.

Febvre manifesta aqui, portanto, a importância dos contatos estrangeiros e particularmente da Alemanha para a revista, manifestando inclusive o intento de não se condicionar a manutenção das parcerias à qualidade das produções. E essa provável importância de Rörig para os *Annales* se mostra logo após esse episódio. Em 1930, Bloch escreve ao historiador alemão agradecendo-o por ter conseguido novas assinaturas para a revista em seu país. Bloch afirma: “Je suis très heureux des deux abonnements que vous voulez bien m’annoncer et que nous vous devons. Nous tenons beaucoup à être lus en Allemagne et à y voir notre effort apprécié.”<sup>47</sup>

O artigo de Rörig aparecerá, após correções dos editores, no último número de 1930, com o título *Les raisons d’une suprématie commerciale: la Hanse*.<sup>48</sup> A partir de então, não há mais referências ao autor na correspondência de Bloch e Febvre, à exceção de uma rápida passagem em 1938, em carta na qual, diante da instabilidade da revista, Bloch propõe a Febvre a retomada do sentido de campanha, de busca por colaboradores que a *Annales* congregaria em seus primeiros anos e que teria se perdido.<sup>49</sup> A presença de Rörig na *Annales* a partir de 1930 se fará sentir apenas nas resenhas publicadas sobre suas obras.

Walther Vogel (1880-1938), por sua vez, é um nome que reafirma o papel dos Congressos Internacionais de História como propulsores de trocas intelectuais. Professor de história e de geografia histórica na Universidade de Berlim, Vogel encontrara-se com Marc Bloch no Congresso de Oslo, em 1928. O historiador alemão, interferindo na divulgação da *Annales*, informara a Bloch que esperava de sua nova revista a disponibilização aos pesquisadores internacionais de informações sobre os arquivos franceses, particularmente os arquivos de plantas geográficas. Bloch relata esse episódio a Lucien Febvre, condicionando a possibilidade de contemplar a solicitação de Walther Vogel à adoção da mesma postura por parte dos alemães.

---

<sup>47</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 246.

<sup>48</sup> Cf. RÖRIG, 1930.

<sup>49</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003b, p. 18-19.

Peut-être conviendrait-il de s'inspirer de ce propos. D'une part je puis, si vous le désirez, écrire à W. Vogel pour lui dire: "Nous vous remercions; mais en retour envoyez-nous une note pour nous dire 1) dans quels dépôts sont conservés en Allem[agne] les dits plans; 2) ou ils sont publiés, et si d'une façon sûre (Martiny a montré que les publications de Meitzen ne sont pas toujours exactes).<sup>50</sup>

Este episódio, que à primeira vista pode parecer desimportante, parece-nos revelar uma tendência conflituosa entre a ciência histórica alemã e a ciência histórica francesa. Tem-se aqui, em ambos os lados, uma insinuação de que informações importantes para o estudo do país vizinho, como a disponibilidade da documentação, são, em alguma medida, omitidas.

A contribuição de Walter Vogel na *Annales*, assim como Fritz Rörig e Carl Brinkmann, se dará com apenas um artigo. Vogel escreve, no segundo número da revista, um artigo sobre os "*plans parcellaires*" na Alemanha, temática da geografia histórica. O artigo sucedia o que Marc Bloch havia publicado no primeiro número da revista tratando da situação dessas plantas na França. Observe-se, portanto, como as interlocuções iniciadas na Noruega revelam seus desdobramentos logo nos primeiros números da *Annales*. Em oposição à sua participação com apenas um texto, Walter Vogel continua a ser referenciado na *Annales* por meio de resenhas. Os comentários partem principalmente de Bloch e versam sobre geografia histórica, ressaltando as contribuições que o trabalho desse historiador trazia para a disciplina.

A descrição da participação desses três historiadores, Carl Brinkmann, Fritz Rörig e Walter Vogel, indica que além da restrição quantitativa, a colaboração de historiadores alemães na *Annales* foi limitada também em sua duração. Como se pôde ver, a atuação dos três é concentrada nos anos iniciais da revista, entre 1930 e 1932. A explicação para essa confluência no começo da década de 1930 não é oferecida facilmente na correspondência de Bloch e Febvre, pois o "desaparecimento" desses autores não é anunciado. Nossa hipótese, contudo, é de que ela está associada à situação imposta aos intelectuais alemães pela nova conjuntura política instalada a partir de 1933. Para essa questão parecem-nos concorrer também os encaminhamentos que Febvre e Bloch dão para

---

<sup>50</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 82-83.

a revista. A busca por colaboradores estrangeiros que marcara sua pré-produção e seus primeiros anos será progressivamente abandonada com a fixação de alguns parceiros franceses. Essa é uma questão constatada pelo próprio Bloch em 1938, quando questiona o abandono do “espírito de campanha” que havia sido marca da revista.

Analisando esse reduzido número de colaboradores alemães na *Annales*, Peter Schöttler, em seu artigo *Marc Bloch e Lucien Febvre face à l'Allemagne nazie*, faz uma observação que merece ser discutida. Schöttler afirma que “... n'est pas sans un certain étonnement que nous constatons aujourd'hui combien rares étaient ceux qui, du côté allemande, acceptèrent de contribuer à une entreprise aussi hétérodoxe”.<sup>51</sup> Ao que nos parece, esse intérprete, ao se afirmar “admirado” coloca a questão em termos que contribuem para construir equívocos. A pequena participação dos alemães, em nosso entendimento, não destoa do projeto da *Annales*, que desde 1928 afirmava-se como uma revista francesa de conteúdo internacional. Por outro lado, a afirmação de que poucos alemães aceitaram colaborar para a revista não nos parece ainda suficientemente fundamentada. Para colocar a questão em tais termos, é necessário investigar se mais autores alemães foram convidados. Acompanhado esse processo pela correspondência entre Bloch e Febvre, não parece ter sido esse o caso. Como apontamos acima, não há grande distância entre os nomes convidados e aqueles que efetivamente se tornaram colaboradores.

#### 4.2.2.2 O círculo austríaco: Alfons Dopsch, Lucie Varga e Franz Borkenau

Entre meados dos anos 1930 e começo da década de 1940 a colaboração alemã na *Annales* torna-se ainda mais rara, se não completamente inexistente. Naquele momento, no entanto, observa-se a presença de três personagens austríacos que, além de publicarem na revista, relacionam-se diretamente com seus diretores. Trata-se de Franz Borkenau e, sobretudo, de Lucie Varga e Alfons Dopsch. Apesar de não possuírem nacionalidade alemã, esses intelectuais

---

<sup>51</sup> SCHÖTTLER, 1995, p. 79.

integram o quadro de relações que estamos desenhando por estarem inseridos em uma comunidade historiográfica ambientada no mundo germânico. Além do que, a historiografia austríaca e a historiografia alemã mantinham-se ligadas por laços estreitos, haja vista a ausência de participação dos historiadores austríacos no Congresso Internacional de 1923 em solidariedade aos colegas alemães que não haviam sido convidados.<sup>52</sup>

Alfons Dopsch (1868-1952) foi professor de história econômica na Universidade de Viena e dedicou seus estudos ao período medieval. Desde o começo da década de 1920 já possuía lugar de destaque na academia austríaca. A primeira referência a Dopsch na correspondência de Marc Bloch e Lucien Febvre é feita ainda em 1928, quando Bloch trata do Congresso de Oslo. Nesse congresso Dopsch apresentou uma crítica a diversas teorias de estágios de desenvolvimento econômico. Defendendo o argumento de que os pagamentos por diversas formas de moeda sempre coexistiram, variando apenas seus níveis de interação, Dopsch colocava-se contra importantes teses de história econômica, como as de Karl Bücher, Werner Sombart e Henri Pirenne. Com esse trabalho, Dopsch mostrara-se para a historiografia internacional, sendo, ao lado de Pirenne, um dos autores mais comentados do Congresso.<sup>53</sup>

Bloch fez várias críticas a seus trabalhos, e, em 1934, apontava-os como característicos de uma “pobreza de análise”. Nesse mesmo ano, fez uma associação entre Alfons Dopsch e Karl Lamprecht. Dopsch e seus alunos teriam uma formação deficitária nas questões jurídicas, uma falta apontada também por Febvre. Essa questão, contudo, seria apenas a demonstração de um problema maior, o de que, assim como Lamprecht, Dopsch promovia a crítica à erudição e ao jurisdicismo reinantes na historiografia, mas não o fazia com o devido espírito cético. Para Bloch, esses autores elaboravam críticas sem colocar a dúvida como um “parapeito”, afastando-se do que seria uma postura necessária e cultivada pelos franceses.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> ERDMANN, 2005, p. 80, 130.

<sup>53</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 62.

<sup>54</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 102-106.

Bloch também chamou atenção para a eloquência de Dopsch, outra característica que seria compartilhada com Lamprecht e com os demais acadêmicos alemães. Bloch assim descreve a habilidade que os historiadores alemães teriam com a oratória:

Et j'ai, comme vous, pu admirer le talent de parole et de diction de cet excellent Dopsch. Dommage que dans ses écrits il ait passé si peu de tout cela. Mais quand on la vu et qu'on a cause avec lui, on comprend mieux son succès auprès de jeunes gens – surtout quand on se rememore les autres exemplaires qu'on a pu rencontrer de la race professorale allemande ... et autres. Lamprecht – fort différent pourtant – donnait, à cet égard, une impression analogue. Celle d'un être humain, en somme, - non d'ordinaire Geheimrat.<sup>55</sup>

Observe-se que há aspectos extremamente interessantes nessa avaliação de Marc Bloch. Primeiro, a reafirmação da proximidade de Lamprecht e Dopsch, que já aparecia em seu comentário anterior. Segue-se a isso a associação de Dopsch, historiador austríaco, aos padrões da historiografia alemã. O que confirma, então, a necessidade de contemplarmos os austríacos nessa pesquisa. Com essa associação, Bloch adota uma posição que se repetirá em diversas outras análises que faz de autores alemães, a de tratá-los em um sentido de conjunto.<sup>56</sup> Por mais que busque afirmar as singularidades daqueles que analisa, Bloch não abandona o tratamento genérico, não deixa de afirmar características que seriam próprias dos alemães.

Há ainda, nesse comentário, um caráter ambivalente que nos salta aos olhos. Se por um lado o historiador francês elogia o que seria uma habilidade dos alemães – o poder de articulação das palavras – em seu pano de fundo parece-nos estar também uma crítica. Ao vincular essa habilidade ao sucesso que os alemães fariam entre os jovens, e à ausência do mesmo poder de articulação na escrita, Bloch parece denunciar algo como o poder encantatório, ludibriador da historiografia alemã. Essa questão não nos parece, em nenhum sentido, irrelevante. Não se pode desconsiderar, que, para qualquer cientista, mesmo para o historiador, a ênfase na capacidade de comunicação da pesquisa e não no

<sup>55</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 232.

<sup>56</sup> Cf. próximo capítulo desta Dissertação.

desenvolvimento do conteúdo propriamente dito, aproxima-se mais da crítica que do elogio.

Apesar dessa perspectiva crítica face à obra de Dopsch, tanto Febvre quanto Bloch mantiveram boas relações com o austríaco. Schöttler assim descreve a relação de Bloch com Dopsch: “il est intéressant de voir que Bloch reste toujours très critique vis-à-vis de Dopsch, tandis que ses rapports personnels avec le savant viennois semblent avoir été parfaitement chaleureux.”<sup>57</sup> Na correspondência dos historiadores franceses, observa-se, por exemplo, sua preocupação com as condições que a difusão do nazismo impunham a Dopsch. A informação fora repassada a Lucien Febvre por Lucie Varga, que a relata a Bloch:

M<sup>me</sup> Varga revient, plus navré que jamais, de sont doux paix. Elle a notamment vu ce pauvre Dopsch, complètement brisé et anéanti, fini. C’est un vieux “liberal” au seins “quarantehuitard” du mot; déjà, il avait vu son fils et la douce Fraülein Patzelt, passer armes et bagages au nazisme; il avait vu son séminaire détruit pratiquement, la moitié de ses ouailles manquant, au jour dit, parce qu’emprisonnées comme Sozial-D[emokraten] [...]<sup>58</sup>

Alguns meses após essa referência, já em 1935, Febvre comunicará a aposentadoria compulsória de Dopsch, citando seu pedido de ajuda aos franceses e a vã tentativa de mobilização de Henri Pirenne.

Le pauvre vieux Dopsch a écrit des lettres navrantes, pour savoir “si en France, tout de même, on ne pourrait pas protester”. Il nous connaît bien. Quelqu’un a été très bien là-dedans, c’est, me dit-on, le père Pirenne qui a écrit en faveur de D[opsch] mais vainement.<sup>59</sup>

Diante da notícia do afastamento de Dopsch, Bloch e Febvre debatem sobre a possibilidade de a *Annales* oferecer-lhe um espaço para manifestação de sua condição e dos demais historiadores austríacos, além de uma publicação de seus textos. A resposta de Marc Bloch à questão é particularmente interessante. Afirmado sua crença de que Dopsch era realmente um historiador que honrava a

---

<sup>57</sup> SCHÖTTLER, 1999, p. 64.

<sup>58</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 134.

<sup>59</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 218.

Universidade de Viena, Bloch corrobora a ideia de ceder o espaço da revista para sua publicação. Contudo, uma publicação sobre história medieval, sobre a formação do estado austríaco, que Dopsch conheceria muito bem. Não se trataria, portanto, da questão política contemporânea, pois, nos termos de Bloch, “Le biais proprement politique n’est pas le nôtre”.<sup>60</sup>

A publicação do artigo de Dopsch na *Annales*, entretanto, não se concretizará. O austríaco produzirá sim um texto dedicado à Áustria medieval, intitulado *La naissance et la formation de l’État autrichien*, mas que foi recusado por Bloch e Febvre. Na avaliação dos editores, Dopsch teria construído um texto que, além do marxismo, apontado por Febvre como um problema menor, havia cedido a uma interpretação racialista inaceitável. A solução dada à questão foi sua publicação na *Revue Historique*, feita com intermediação de Febvre e Bloch.<sup>61</sup> A julgar pela correspondência desses historiadores, esse fora o último contato com Dopsch.

Lucie Varga (1904-1941), jovem historiadora, não teve na academia austríaca a mesma relevância de Alfons Dopsch, de quem fora aluna, tampouco produziu obras de importância comparável. Lucie Varga formara-se na Áustria, mas possuía nacionalidade húngara e ascendência judaica. Sua produção historiográfica volta-se para a história moderna e medieval, no campo da história da arte e da psicologia histórica. Sua presença no âmbito da rede de Bloch e Febvre que definimos como “círculo austríaco” não se deve a sua representatividade historiográfica, mas a sua participação na *Annales* e ao importante papel que exerceu, especialmente em relação a Lucien Febvre.

A jovem austríaca adentrou o universo da *Annales* após deixar a Áustria em fins de 1933, motivada pelas circunstâncias políticas que assolaram o país, e exilar-se em Paris. O contato de Lucie Varga com Febvre e Bloch foi mediado por Alfons Dopsch. A partir de 1934 ela se tornou assistente pessoal de Febvre, tornando-se uma “lectrice” que produzia fichas sobre as obras, principalmente as alemãs, que o historiador não conseguia tempo para ler, mas deveria usar tanto em

---

<sup>60</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 224.

<sup>61</sup> Cf. DOPSCH, 1936.

resenhas quantos em seus trabalhos sobre o séc. XVI.<sup>62</sup> Febvre demonstra-nos essa atividade de Lucie Varga ao relatá-la a Bloch:

Pour l'Allemagne - je fait ce que peux. Je viend d'envoyer à l'impression un compte rendu (une note) d'un volume bizarre de philosophie naziste sur l'Autarkie que j'ai fait faire sous mon controle par M<sup>me</sup> Varga. C'est une bonne formule, ou plutôt, c'en serait une... si j'avais des journées de quarante huit heures e et le moyen de faire faire des travaux de ces genre en y participant directement, comme je l'ai fait. Je pense qu'il est sot de ne pas employer cette "main-d'ouvre" des emigrés, en la canalisant et en la réglemant.<sup>63</sup>

Lucie Varga se tornará muito próxima a Lucien Febvre. Apesar de não ser explicitado em sua correspondência, ela teria vivido com ele um relacionamento amoroso.<sup>64</sup> Febvre se tornou um impulsionador da carreira de Lucie Varga, um "patrocinador intelectual". Buscou colocações profissionais, solicitou a correção de Marc Bloch sobre seus textos que transitavam no campo da história medieval e sua recomendação à Fundação Rockefeller.

A presença de Lucie Varga na *Annales* foi além de secretariar Lucien Febvre. Ela escreveu artigos, traduções e resenhas de livros alemães para o periódico, e também publicou na *Revue de Synthèse*. Além disso, Lucie Varga exerceu um papel de mediadora de Bloch e Febvre com essa historiografia. Indicou-lhe nomes de autores como o austríaco Karl Jelusic, o alemão Ulrich Noack, que havia sido aluno de Meinecke, o também alemão Heinrich Sproemberg, cuja colaboração havia sido recusada por Marc Bloch, além de seu marido, o austríaco Franz Borkenau. Tratou-se, contudo, de uma presença que certamente influenciou as leituras de Febvre, mas que não parece ter sido marcante para Bloch.<sup>65</sup> Esse contato foi interrompido com a morte prematura de Lucie Varga, decorrida de uma complicação de saúde.

<sup>62</sup> MÜLLER, In. BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XLV.

<sup>63</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 92.

<sup>64</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 528.

<sup>65</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 105-114.

O nome de Franz Borkenau (1900-1957) nesse círculo, por sua vez, também não se deve diretamente a seus atributos historiográficos. Historiador e filósofo, Borkenau era um austríaco com ascendência alemã e judaica. Doutorado em Leipzig em 1924, suas preocupações e seus trabalhos nos anos 1930 giravam em torno de questões mais políticas que propriamente acadêmicas. Seu primeiro contato com Marc Bloch e Lucien Febvre se deu em 1934, como se disse, a partir da mediação de Lucie Varga, com quem havia se casado em 1933, em Viena, e com que se exilou em Paris. A presença de Borkenau no meio *annaliste* também não foi duradoura, pois ele se transferiu para Londres. Mas, neste curto tempo, se mostrou significativa.

Borkenau publicou três artigos na *Annales* entre 1934 e 1935. O primeiro, “*Fascisme et syndicalisme*”,<sup>66</sup> foi traduzido pelo próprio Lucien Febvre, que ressaltou sua capacidade de tratar com inteligência um grave problema da atualidade.<sup>67</sup> A segunda proposta de Borkenau para a *Annales* foi um estudo sobre a Áustria. Intitulado *Partis, traditions et structure sociale en Autriche*,<sup>68</sup> esse artigo ganhou claramente mais aprovação de Marc Bloch que o primeiro, mas também passou por meticulosa correção editorial.<sup>69</sup> Já no terceiro artigo, *Un essai d’analyse historique: la crise des partis socialistes dans l’Europe contemporaine*, Borkenau retomou as questões políticas que havia contemplado no primeiro.

Além de um colaborador para as “questões alemãs”, Bloch e Febvre também vislumbram em Franz Borkenau um mediador para novos contatos com intelectuais austríacos e germânicos, sobretudo a partir de sua transferência para a Inglaterra:

Pour les “Enquetes”, j’avais eu la même idée que vous – et j’ai prié Borkenau, déjà nommé, de s’enquérir pour savoir s’il ne nous trouverait pas un article sur la noblesse autrichienne, ou la noblesse allemande. Il vient de partir à Londres travailler au British, il verra là-bas des émigrés – qui sont, en fait,

---

<sup>66</sup> Cf. BORKENAU, 1934.

<sup>67</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 86.

<sup>68</sup> Cf. BORKENAU, 1935.

<sup>69</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 155, 168.

l'aristocratie des émigrés, et peut-être aurons-nous quelques chose? Je suis l'idée.<sup>70</sup>

Essa indicação de novos autores, contudo, a julgar pelo acompanhamento das correspondências, não ocorreu. A participação de Borkenau na *Annales* encerra-se assim em 1935, observando-se apenas a permanência de resenhas sobre suas obras, escritas principalmente por Marc Bloch.

---

<sup>70</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 92.

## 5. A HISTORIOGRAFIA ALEMÃ NA CRÍTICA DE LUCIEN FEBVRE E MARC BLOCH

### 5.1 O PAPEL DA CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

Uma das definições mais recorrentes para o conceito de crítica no campo da historiografia é a que se refere à crítica documental, ao método que determina a relação do historiador com suas fontes. Os fundamentos dessa crítica remontam ao séc. XVII, com os trabalhos de eruditos como Paperbroeck e Mabillon, desenvolvendo-se plenamente no séc. XIX. Nos termos de Marc Bloch, esse foi o momento em que historiadores da escola alemã e franceses como Ernest Renan e Fustel de Coulanges reconduziram o historiador à mesa de trabalho, reafirmaram a necessidade da erudição e do método na escrita da história. Em sua “Apologia da história”, Bloch afirma que o método crítico, ou a crítica do testemunho, foi instrumento primordial para o distanciamento entre a historiografia e a verborragia, a falsificação, e seu conseqüente desenvolvimento como disciplina científica.<sup>1</sup>

A crítica aplicada ao conhecimento histórico também é associada à crítica bibliográfica, à revisão da literatura, à reflexão sobre o campo. Assim como a primeira, essa forma de compreensão envolve os diversos momentos da pesquisa, desde a seleção do tema até o confronto das conclusões do estudo com a literatura pré-existente. Nesse sentido, ela também orienta a relação do historiador com seu objeto e com suas fontes, muitas vezes compondo um referencial teórico. Esse trabalho de revisão na historiografia não é, contudo, exclusivo à pesquisa. O desenvolvimento da história como disciplina científica trouxe consigo a publicização da crítica aos pares. Em outros termos, a profissionalização da história promoveu um tipo de texto dedicado a comentar os trabalhos produzidos no interior da disciplina. Trata-se de resenhas, notas e comentários críticos sobre textos de história e de disciplinas vizinhas publicados em periódicos especializados.

O crescimento de uma produção desse tipo, que se propõe a divulgar novos textos para um grupo de especialistas e eruditos, mas que principalmente

---

<sup>1</sup> BLOCH, 2001a.

promove um diálogo entre os pares, é evidência de uma disciplina que alcançou certo estágio de maturação. De longa data instrumento corrente no âmbito da literatura, inclusive em jornais de circulação ampla, a crítica bibliográfica atravessa a ciência histórica a partir do séc. XIX e ganha dimensões mais expressivas na primeira metade do séc. XX. A produção desses textos representava um esforço de reflexão sobre a disciplina, seja sobre seus aspectos teóricos e metodológicos seja sobre questões políticas, de posicionamento do corpo de pesquisadores.<sup>2</sup>

É esse caráter multifacetado da crítica como produção textual que se destina a comentar o trabalho dos pares e refletir sobre o campo que pretendemos explorar. De tal forma, que a utilização não referenciada do termo daqui por diante deve ser compreendida nesse sentido. Nas próximas linhas espera-se demonstrar a avaliação de Marc Bloch e Lucien Febvre, e do grupo de historiadores mais diretamente ligado a eles, sobre o papel dessa modalidade de crítica na historiografia e, ainda, a presença desses textos em sua produção historiográfica.

A crítica bibliográfica e a avaliação do campo historiográfico são vistos por Marc Bloch e Lucien Febvre como mecanismos de desenvolvimento da ciência histórica, assim como a crítica documental o fora a partir do séc. XVII.<sup>3</sup> A produção dessa crítica no caso dos dois historiadores se materializou na escrita de resenhas. As resenhas foram um dos principais instrumentos utilizados por ambos para a proposição de novas diretrizes para a historiografia. As ações a que se propunham, às quais Lucien Febvre chamou “combates pela História”, foram, em parcela significativa, dirigidas pela construção dessa crítica.<sup>4</sup> Especialmente no caso de Bloch, essa compreensão da crítica relaciona-se também com sua postura pessoal; em seus próprios termos, um posicionamento reflexivo sobre o ofício de historiador e sobre a justificação desse ofício.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> MÜLLER, 2003, p. 26-36.

<sup>3</sup> BLOCH, 1998, p. 283.

<sup>4</sup> Cf. MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXVII-XXXVIII; BURGUIÈRE, 1999, p. 42.

<sup>5</sup> BLOCH, 1998, p. 107.

A relevância atribuída por Bloch e Febvre à crítica bibliográfica é sentida quantitativamente. Em sua tese de doutoramento, Bertrand Müller analisou o conjunto de todas as resenhas produzidas por Lucien Febvre e demonstrou que a escrita de resenhas foi a principal forma de expressão e de atuação desse autor. As estatísticas elaboradas por Müller apontam que no universo de todos os textos produzidos por Febvre aproximadamente quatro em cada cinco são resenhas.<sup>6</sup> Entre 1905 e 1961 Lucien Febvre escrevera, em diversas revistas, 1.946 resenhas. Desse total, 1.459 apenas na revista *Annales*, entre 1929 e 1961.<sup>7</sup> Sobre a produção de Marc Bloch não dispomos de dados absolutos, mas sua atividade nesse campo não foi menor comparativamente a Febvre. De acordo com Peter Schöttler, exclusivamente no caso de textos de língua alemã, Bloch resenhara mais de 500 títulos.<sup>8</sup>

Na primeira década da revista *Annales* observa-se o predomínio de Bloch e Febvre em relação aos demais membros do corpo editorial e em relação aos colaboradores. Em parceria com Paul Leuilliot, secretário da revista, Bloch e Febvre assinaram três de cada cinco resenhas publicadas entre 1929 e 1945.<sup>9</sup> Evidenciada a dedicação desses autores à escrita de resenhas, é necessário ressaltar que essa atividade não se restringiu à revista que dirigiam. Como os dados acima revelam, e como se poderá observar na análise das críticas individuais, ambos, mesmo após o surgimento da *Annales*, seguiram publicando esse e outros formatos textuais em diversos periódicos franceses, tais como a *Revue Historique* e a *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> MÜLLER, 2003, p. 14.

<sup>7</sup> MÜLLER, 2003, p. 459-464.

<sup>8</sup> SCHÖTTLER, 1995, p. 78.

<sup>9</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXII.

<sup>10</sup> Ao que nos parece, há aqui um dado fundamental para o campo de estudo da história da historiografia dos *Annales*. A investigação da presença de Bloch e Febvre nesses periódicos oferece um contraponto importante às teses sustentadas por estudiosos renomados como Jacques Le Goff ou Peter Burke, que visualizaram os dois historiadores como porta-vozes de um movimento radicalmente novo, isolados do *establishment* historiográfico, com esfera de atuação limitada, tal qual uma seita herética. O que observamos nessas publicações é, portanto, uma situação bastante distinta, em que se reconhece um desejo de marcar posições, mas que em nenhum momento se confundiu com isolamento, motivado ou imposto, tampouco com afirmação de novidade absoluta das práticas historiográficas.

A expressividade das resenhas na produção dos historiadores franceses é afirmada não apenas em seus papéis de autores, mas também em suas atuações como editores de um periódico historiográfico. Nos anos em que foi editada por Bloch e Febvre, entre 1929 e 1944, a revista *Annales* concedeu lugar especial às resenhas e notas. Esse tipo textual preenchia mais da metade do total de páginas e, em muitos números, ocupou mais de dois terços da revista. As resenhas detinham, portanto, espaço privilegiado em relação aos demais formatos de texto. A presença dos editores é clara mesmo nas resenhas escritas por colaboradores, e se manifestava já no processo de pré-produção. Febvre e Bloch selecionavam pessoalmente comentadores para os textos recebidos pela revista, como demonstra toda a correspondência trocada entre eles.<sup>11</sup>

O trabalho de edição das resenhas era de tal forma importante, que apesar do exaustivo número de textos que compunham a seção, ambos dividiam a tarefa de avaliar todos antes da publicação. Em muitos casos essa avaliação era seguida de sugestões de alteração ou mesmo de recusa de publicação. Essa tarefa, que por vezes se concentrava mais em Febvre que em Bloch, não raro suscitou conflitos. A distância física entre os editores na primeira metade dos anos 1930, pois Febvre havia se transferido para Paris e Bloch permanecera em Estrasburgo, além das várias atividades que Febvre acumulava, como a direção da Enciclopédia Francesa, colocava obstáculos a um trabalho feito plenamente em conjunto. Os questionamentos quanto à revisão das resenhas partiam principalmente de Marc Bloch, distante da sede da revista em Paris, nem sempre conseguia rever todos os textos antes da publicação. Bloch insistia que o trabalho efetivamente coletivo era a garantia de que a *Annales* não se tornaria um periódico menor, uma “revista de secretários”.<sup>12</sup>

Revela-se, portanto, extremo cuidado com um conjunto de textos que, a olhares desavisados, poderia se apresentar como uma produção menor. Trata-se de uma questão que ultrapassa o caráter quantitativo para ocupar o simbólico, já que a presença das resenhas concorre para a definição da identidade do título. Nas muitas cartas em que trocavam no processo de edição da *Annales*, Marc Bloch e

---

<sup>11</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 81.

<sup>12</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXX; BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 14, 33; MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 1994, p. XLI-XLIII.

sobretudo Lucien Febvre expressaram sua convicção de que as seções de resenhas e notas críticas compunham a parte mais relevante da revista, chegando a apontá-las como as únicas realmente interessantes. Duas afirmações de Febvre, de 1929, dão conta dessa relevância: “ ‘La vie scientifique’. C’est la partie la plus riche et la seule originale de notre revue [...]”. “ ‘À travers les livres’ ... les seules choses lisibles sont là.”<sup>13</sup>

O envolvimento de Marc Bloch e Lucien Febvre com a crítica bibliográfica se evidencia ainda por meio de suas relações com periódicos que reservavam espaço significativo a esse tipo de texto. Nesse campo destaca-se a revista francesa *Année Sociologique*. Fundada por Émile Durkheim em 1898, a *Année Sociologique* publicava as pesquisas desenvolvidas na recente sociologia francesa, e se destacava por seu grande número de resenhas e pelo tom combativo desses textos. O periódico durkheimiano, onde também escreviam nomes importantes como Marcel Mauss e François Simiand, se consagrou pela deflagração de polêmicas contra as ciências humanas tradicionais. Os questionamentos se dirigiam também ao que designaram de história historicizante, visualizados na famosa definição de Simiand contra os idólatras da política, do individual e da cronologia.<sup>14</sup>

Combinando crítica e combate pela afirmação de uma nova disciplina científica, a revista *Année Sociologique* - AS foi um dos modelos para Lucien Febvre e Marc Bloch em seu desejo de editar uma revista que representasse renovação na historiografia francesa. Da AS a revista fundada em 1929 guardará especialmente o tom polêmico de suas resenhas, como bem retrataram André Burguière, ainda na década de 1970, e Bertrand Müller, mais recentemente.<sup>15</sup> Febvre e Bloch não hesitaram em publicar resenhas questionadoras, provocativas, a textos que julgavam ratificadores de uma historiografia tradicionalista,

---

<sup>13</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 1994, p. XLI – LXIII; BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 81, 132, 174, 188. É importante dizer que, como nos informa o editor Bertrand Müller, a última frase dessa citação, que aparece em uma carta de Febvre a Bloch em setembro de 1929, encontra-se com dois grifos no original, feitos pelo próprio Febvre.

<sup>14</sup> SIMIAND, 2003.

<sup>15</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXI; BURGUIÈRE, 1999, p. 42.

ultrapassada pelas novas pesquisas, por exemplo, no campo da história comparada, da geografia histórica e da história econômica.

O projeto dos historiadores franceses também teve inspiração em outro periódico que conferia centralidade à crítica bibliográfica, a *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica*, fundada em 1903. Essa revista, sediada na Alemanha, se destacou no cenário da historiografia internacional e se configurou como um modelo importante para Marc Bloch e Lucien Febvre não apenas pelo apreço à crítica. A *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica* se singularizava pela dedicação exclusiva à história econômica e social, áreas que, nesse momento, comparativamente à história política e à história intelectual, ainda ocupavam espaço bastante reduzido nos demais periódicos de história. Max Weber, já em 1895, demonstrava como a economia começa a alcançar uma posição mais relevante nas ciências humanas, particularmente na história:

Avança em todos os domínios o modo econômico de considerar os problemas. Política social no lugar da política, relações de poder econômicas no lugar de relações jurídicas, história da cultura e da economia no lugar da história política passam para o primeiro plano das considerações.<sup>16</sup>

Decisivo para os historiadores franceses foi principalmente o caráter internacionalista da *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica*, expresso nas publicações de estudos de diversas regiões e em seu corpo editorial. Além dos alemães Stephen Bauer, Georg von Below e Ludo Moritz Hartmann, o corpo editorial dessa revista incluía importantes historiadores estrangeiros, como o francês Georges Espinas, o italiano Giuseppe Salvioli, o belga Henri Pirenne e o inglês Paul Vinogradoff.<sup>17</sup>

Desde 1923, quando Febvre apresentou, com a concordância de Bloch, o projeto de edição de uma nova revista de história no Congresso Internacional de Ciências Históricas, em Bruxelas, é na *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica* que identificava o modelo mais próximo. Mais especificamente, o

---

<sup>16</sup> WEBER, 1991, Apud MATA, 2005, p. 156.

<sup>17</sup> ERDMANN, 2005, p. 92-93.

projeto dos historiadores franceses era criar uma revista que superasse a alemã, que, na leitura de Febvre, ainda seria muito marcada pelo componente nacional. Em seus próprios termos, o objetivo era editar uma revista que fosse “efetivamente internacional”, dirigida por uma geração de jovens historiadores, em contraposição ao “tradicionalismo” da revista alemã.

É interessante observar uma crítica a esse posicionamento elaborada por Karl Erdmann em sua pesquisa sobre os Congressos Internacionais de História. Segundo Erdmann, a imagem da *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica* construída por Febvre era uma distorção da realidade, que poderia ser atribuída à mentalidade do imediato pós-guerra. Para esse estudioso, apesar de sediada na Alemanha, a *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica* se fazia efetivamente internacional, e não poderia ser acusada de possuir excessiva marca alemã.<sup>18</sup>

O projeto de Lucien Febvre e Marc Bloch de 1923 não saiu do papel, não encontrando o apoio e o espaço que necessitava no Congresso de Bruxelas. As verdadeiras razões para o declínio da proposta, de acordo com Bertrand Müller, ainda são ignoradas. Karl Erdmann, por sua vez, oferece algumas possibilidades de explicação que nos parecem interessantes. Entre elas estaria o fato do belga Henri Pirenne, figura central no Congresso, inicialmente entusiasta da ideia e convidado a ser o primeiro diretor da revista, ter declinado em assumir a tarefa.

O que nos chama atenção, contudo, é a associação desse insucesso ao contexto político-cultural. A proposta apresentada por Febvre, apesar do anunciado objetivo internacionalista, na prática excluía os alemães, pois limitava os futuros participantes aos países presentes em Bruxelas. Essa limitação teria sido uma barreira importante, já que foi contestada pela comunidade de historiadores, principalmente por holandeses e americanos, que insistiam em apoiar apenas uma cooperação completamente internacional. De acordo com Erdmann, essa condição, na medida em que abria a possibilidade da inclusão de alemães no corpo de editores da futura revista, foi significativa para o declínio do projeto. Em sua análise, da qual compartilhamos, tratava-se de uma condição que não corresponderia à realidade política e cultural, tampouco às intenções da

---

<sup>18</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 1994, p. XXII, XXX; ERDMANN, 2005, p. 92-93.

iniciativa de Febvre e Bloch.<sup>19</sup> Ao que nos parece, pode-se avançar essa interpretação do projeto de 1923 com a afirmação de que havia sim um projeto internacionalista, mas, escamoteada, haveria também uma pretensão de preeminência franco-belga.

O novo projeto que se materializará em 1929 com a *Annales d'histoire économique et sociale* se distinguirá especialmente por ser muito menos ambicioso e audacioso que o anterior. Já os prospectos da revista, divulgados no Congresso Internacional de Oslo, Noruega, em 1928, revelavam o abandono do caráter internacionalista da direção e do corpo editorial, deixando clara a composição de uma revista francesa. Nesse sentido, Febvre e Bloch se distanciaram de seu desejo de superação da *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica*, mas mantiveram em seu horizonte ao menos duas características importantes desse periódico, a orientação internacional com a cobertura das mais diversas regiões e a promoção do debate intelectual através das resenhas.

É certo, portanto, que a crítica historiográfica foi muito cara a Marc Bloch e Lucien Febvre, e também ao círculo de pesquisadores que compunham o comitê editorial da revista *Annales*. A sustentação desse argumento, tal como se fez aqui, nos conduz a finalizar essa discussão com uma proposição que nos parece consequente. É claro, no campo da história da historiografia, que esses historiadores não produziram manuais metodológicos ou grandes textos de reflexão teórica sobre o conhecimento histórico. Essa acertada constatação poderia ser associada à afirmação de que se tratou de um grupo avesso à discussão teórica.<sup>20</sup> Contudo, a relevância das resenhas para esse grupo e seu simbolismo em um esforço de demarcação de posições no contexto de crise institucional e intelectual da disciplina não corrobora tal afirmação.<sup>21</sup>

Para esses historiadores, a avaliação dos profissionais e dos textos que compõem o meio historiográfico, em nossa avaliação, foi substitutiva da elaboração de uma reflexão sistematizada sobre a história. Os estudos sobre teoria,

---

<sup>19</sup> ERDMANN, 2005, p. 93.

<sup>20</sup> Cf. RICOEUR, 1994.

<sup>21</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXVII.

método e linguagem historiográfica que não se encontram organizados em volumes específicos, em uma teoria elaborada, estão pulverizados nas apreciações particulares. Utilizando os termos de Paul Leuilliot, secretário da *Annales* em sua primeira década, a revista não se traduzia por uma estratégia teórica, mas por várias modalidades de intervenção.<sup>22</sup> Nesse sentido, não nos parece que esse seja um momento de ausência de reflexão teórico-metodológica, e sim um momento em que essa discussão se deu em suportes diferentes dos tradicionalmente estabelecidos.

## 5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PRESENÇA DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ

A leitura dos textos produzidos na academia alemã, tanto para Marc Bloch quanto para Lucien Febvre, constituiu-se em um exercício intelectual no desenvolvimento das pesquisas individuais e em um exercício editorial na supervisão de resenhas para publicação na *Annales*. Como editores de uma revista que se dedicava à história econômica e social e como pesquisadores de história moderna e medieval, respectivamente, Febvre e Bloch desenvolveram suas leituras particulares das publicações germânicas no espaço público. Como já mostramos, mesmo após a criação da *Annales* esses historiadores seguiram publicando suas resenhas em outros periódicos, e essa situação não será diferente no que se refere às publicações de origem germânica. Nossa avaliação aqui observa duas revistas em particular, a *Annales d'histoire Économique et Sociale* e a *Revue Historique*, por sua representatividade na academia francesa e pelo volume de resenhas dos dois autores que contêm.<sup>23</sup>

Iniciando a análise pelo número de resenhas de textos escritos em alemão publicadas ao longo de suas trajetórias acadêmicas, em periódicos franceses e estrangeiros, observa-se o importante lugar que essa historiografia ocupou nos textos de Lucien Febvre e sobretudo de Marc Bloch. No caso de Febvre, visualiza-se um predomínio absoluto de textos escritos em francês, 1.740

---

<sup>22</sup> MÜLLER, In: BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. XXXVII.

<sup>23</sup> Essa escolha também considerou o acesso online facultado por ambas.

resenhas, ou seja, 89,4% do total de 1.946 produzidas entre os anos de 1905 e 1961. A fração de 10,6% de resenhas de publicações estrangeiras é, por sua vez, composta de textos em alemão (120), inglês (47), italiano (22) e outras línguas (17).<sup>24</sup> Há, portanto, uma presença destacada de resenhas de obras em alemão; apesar de constituírem apenas 6,2% do total, elas têm a primeira posição no universo das línguas estrangeiras, representando mais que o dobro das obras em inglês. Quanto às resenhas publicadas por Marc Bloch não dispomos de um levantamento completo que permita estabelecer uma comparação com as demais línguas, mas Peter Schöttler afirma que entre 1912 e 1943 Bloch teria produzido resenhas de mais de 500 títulos alemães.<sup>25</sup> Em relação a Lucien Febvre, trata-se de um volume de textos quase cinco vezes superior, o que reforça a apresentação de Marc Bloch como um pesquisador particularmente atento à historiografia produzida na Alemanha.

Entre os anos de 1929 e 1942, sob sua assinatura original, e entre 1943 e 1944, sob o pseudônimo Fougères, observamos que Bloch escreveu, na *Annales* aproximadamente 93 resenhas de textos de origem germânica, entre alemães e austríacos<sup>26</sup>, enquanto Febvre publicara, segundo Bertran Müller<sup>27</sup>, 90 resenhas de texto de língua alemã. Como se disse, as seções de resenhas representavam, para os próprios diretores, a parte mais relevante da revista, sendo supervisionada pessoalmente por ambos. Nesse sentido, não é irrelevante chamar atenção também para as resenhas de obras germânicas elaboradas por outros colaboradores da *Annales*. Ainda que em menor número comparativamente a Bloch e Febvre, há efetiva participação nessas publicações de nomes como Maurice Baumont, Maurice Halbwachs, George Espinas, Albert Demangeon, Georges Lefebvre, Charles Edmond Perrin e André Sayous.

Para tratar da presença da historiografia germânica nas resenhas de Bloch e Febvre é importante também que, além de números, se estabeleça o momento

---

<sup>24</sup> MÜLLER, 2003, p. 459-464.

<sup>25</sup> SCHÖTTLER, 1995, p. 78.

<sup>26</sup> Esses valores são aproximados, pois não dispomos de todos os números da revista *Annales* para verificação dos valores reais. A avaliação não contou com 11 dos 70 números publicados no período analisado (1929-1944); faltam os números 42 e 48 de 1937; 1, 2 e 3 de 1939; 1, 3 e 4 de 1940; 3-4 de 1941; 1 e 2 de 1942.

<sup>27</sup> MÜLLER, 2003, p. 459-464

dessa historiografia que se acompanhava. Essa é uma característica facilmente acessada, que se apresenta já nas primeiras análises. As obras germânicas analisadas pelos historiadores franceses são, em sua maioria, textos contemporâneos, publicados nas três primeiras décadas do séc. XX, ou, no mais avançar, nas duas últimas décadas do séc. XIX. Trata-se de uma atualidade derivada do próprio tipo textual que estamos investigando. A resenha, por sua própria natureza, dialoga com o que lhe é contemporâneo, tem como característica a resposta, frequentemente rápida, a uma questão nova, ou, no máximo, ao retorno de uma questão velha que, em outro contexto, se torna também nova. Mas essa exploração da historiografia recente, ao que nos parece, é também fruto de um posicionamento intelectual dos editores da *Annales*. Em carta a Marc Bloch em dezembro de 1934, Febvre expressa suas convicções e o posicionamento que apregoa para a *Annales* em relação aos contemporâneos e aos “homens do passado”:

On doit être dur (sic) pour les gens en place, en situation, influents, puissants, etc., etc. On doit être infiniment aimable, gentil, indulgent pour les vieilles gens qui ont trouvé une religion et qui la vont prêchant par le monde avec cette maladresse exquise qui frappé tous les amis du bon Commandant (c'est rituel, et on vous dit toujours, en baissant la voix: “Il est si maladroit ... mais si charmant!”). – Bref, j'ai de vieilles idées: on ne se bat pas em duel avec un vieux Monsieur. Avec son fils, soit. Et il faut avoir l'horreur, la sainte horreur du professionnalisme didactique. Nous en crevons. C'est la raideur étroite et bornée des “savants” qui livre le public à la stupidité.<sup>28</sup>

Associado ao momento de produção de obras germânicas está a frequência de publicação das resenhas. A investigação da *Annales* e da *Revue Historique* demonstra que o regime de publicações sofreu sensíveis modificações ao longo dos anos 1930 e 1940, particularmente influenciado por conjunturas políticas. Com o crescimento do regime nazista e, a partir de 1940, com o estado de guerra entre França e Alemanha, o acesso aos textos foi dificultado, já que se tornaram escassas as publicações germânicas disponíveis em solo francês.<sup>29</sup> Há que se

---

<sup>28</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 194.

<sup>29</sup> De acordo com Peter Schöttler, entre 1929 e 1940 observa-se uma redução de 50% das resenhas de língua alemã, incluindo as publicações suíças e austríacas, publicadas na *Annales*. Enquanto,

observar ainda que esse foi um período não só de dificuldade de acesso por países estrangeiros, mas de redução das pesquisas e das publicações na própria Alemanha e nos demais países ocupados.<sup>30</sup>

A redução da disponibilidade de publicações e os constrangimentos impostos à pesquisa histórica na Alemanha são noticiados, por exemplo, por Bloch em 1935, quando relata o não recebimento da *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica*, ou já em 1934 quando discute com Febvre a situação de ameaça imposta pelo nazismo à revista *Hansische Geschichtsblätter - Revista de História Hanseática*.<sup>31</sup> Também Febvre, em 1934, expressando suas dificuldades em organizar a seção de resenhas, atenta para uma redução de publicações, especialmente na Alemanha. Particularmente a partir de 1937 observa-se sensível redução das resenhas de textos germânicos. Nesse ano não há resenha de texto germânico produzido por Bloch ou Febvre na *Annales* e, à exceção de 1938, que registra dez apresentações de Bloch, os anos seguintes terão uma média de duas resenhas por ano, restringindo-se quase unicamente a resenhas de Bloch.<sup>32</sup> Essa situação também será refletida no boletim histórico dedicado à Alemanha, publicado por Bloch na *Revue Historique*. O último boletim foi editado em 1938, mas apresenta apenas obras recebidas antes de janeiro de 1936.<sup>33</sup>

Outra questão relevante para se caracterizar a presença da historiografia alemã nas resenhas de Lucien Febvre e Marc Bloch é a identificação das revistas alemãs mais frequentemente acompanhadas. Essa análise é viabilizada pela observação do suporte de publicação dos muitos artigos resenhados. Nosso mapeamento dos números da *Annales* publicados entre 1929 e 1943 destaca três periódicos alemães, presentes particularmente nos escritos de Marc Bloch; os

---

por exemplo, em 1930 os textos de língua alemã representavam 24% do total de resenhas, em 1940 essa participação será de apenas 8%. SCHÖTTLER, 1999, p. 61.

<sup>30</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 113.

<sup>31</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 130, 134, 255.

<sup>32</sup> Novamente trata-se de números aproximados, cf. nota 26.

<sup>33</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 405.

*Hansische Geschichtsblätter*, a *Historische Zeitschrift* e a *Vierteljahrschrift für Social- und Wirtschaftsgeschichte*.

A *Hansische Geschichtsblätter* – *Revista de História Hanseática*, fundados em 1891, era publicada pela *Hansische Geschichtsverein* - Sociedade de História Hanseática, e dedicava-se à história da Hansa ou Liga Hanseática. Já a *Historische Zeitschrift* – *Revista Histórica* é o mais ilustre dos três periódicos alemães. Fundada em 1859 por Heinrich Sybel, ela foi por muito tempo considerada a mais famosa revista de história dentro e fora da Alemanha. Em seus números constam textos de nomes como Leopold von Ranke, Heinrich von Treitschke, Johann Gustav Droysen, Georg von Below e Friedrich Meinecke, seu editor entre 1896 e 1935. A *Revista Histórica*, além de mais ilustre, certamente era a mais representativa do *establishment* historiográfico alemão, do tradicionalismo historicista. Suas publicações recobriam desde a antiguidade até o mundo contemporâneo, com claro predomínio da história política. A frequência da *Revista Histórica* na seção de resenhas da *Annales* é, em comparação com a *Vierteljahrschrift für Social- und Wirtschaftsgeschichte* – *Revista Quadrimestral de História Social e Econômica* e com a *Revista de História Hanseática*, sensivelmente menor.

A investigação do conteúdo, a avaliação dos temas e dos marcos temporais do conjunto de todas as resenhas publicadas na *Annales* é ainda um estudo por se fazer. Para as publicadas por Lucien Febvre, essas análises foram recentemente realizadas por Bertrand Müller.<sup>34</sup> Especificamente no caso de resenhas de obras germânicas, publicadas entre 1929 e 1944 por Bloch e Febvre, nossa investigação aponta para um predomínio da história econômica, da história social e também da geografia histórica. Nesse campo destacam-se estudos sobre mercantilismo, formação do capitalismo, história do comércio, história dos preços. Já nos textos relativos à história social e à geografia histórica, observam-se estudos sobre instituições, povoamento, paisagem agrária e história rural. Não é, contudo, desprezível, o volume de resenhas ligadas à história intelectual, ou das ideias, à história cultural e mesmo à geopolítica. Essas últimas são mais frequentemente produzidas por Febvre que por Bloch, e versam sobre questões como germanismo e relações entre França e Alemanha.

---

<sup>34</sup> MÜLLER, 2003.

No que se refere à temporalidade, não há muita divergência das áreas de atuação dos resenhistas. Marc Bloch dedica a maior parte de suas análises à história medieval, enquanto Febvre concentra-se nos estudos relativos aos séculos XV e XVI. Observa-se também, nos dois historiadores, substantivo número de resenhas de textos que versam sobre questões contemporâneas, sobre história do tempo presente. Mas não se trata de uma divisão rígida; encontra-se, por exemplo, avaliações de Febvre sobre história hanseática e de Marc Bloch sobre o capitalismo no séc. XVI. Pode-se dizer que havia uma espécie de consenso entre os dois diretores na escolha do crítico para um texto a partir de sua especialidade. Essa situação se verificava na distribuição dos textos recebidos tanto entre os dois quanto para os demais colaboradores. Em relação aos textos resenhados pelos pesquisadores independentemente de seu envio à revista, há, evidentemente, uma tendência natural de se noticiar textos relativos aos domínios de pesquisa particulares.

Investigar as preocupações e os projetos de Lucien Febvre e Marc Bloch a partir de resenhas nos parece ser, como já se disse, uma boa estratégia de pesquisa, pelo lugar que ocupam na produção de ambos e por ser um campo ainda pouco explorado. Mas é importante também que se estabeleça uma relação com as demais seções da *Annales*, principalmente a seção de artigos. François Dosse, analisando a trajetória da “Escola dos *Annales*”, apresenta uma estatística dos temas e dos períodos retratados nos artigos da revista em relação à *Revue Historique* e à *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*. Sua avaliação afirma o predomínio incontestado da história social e sobretudo da história econômica, a quase ausência da história política e o largo espaço dedicado à história do tempo presente, comparativamente às demais publicações historiográficas, por exemplo à *Revue Historique*.<sup>35</sup>

A comparação das seções demonstra, portanto, algumas convergências, principalmente no que se refere à abordagem socioeconômica e à preocupação com a história contemporânea. Tratando especificamente das resenhas de obras germânicas, mas em conexão com as demais publicações, é importante incorporar a esse quadro que concorre para a definição da identidade da revista *Annales* a

---

<sup>35</sup> DOSSE, 2003, p. 79-83.

presença da geografia histórica. Os estudos de questões como paisagens e ocupação tratadas sob uma perspectiva histórica, para ficarmos em poucos exemplos, são recorrentes nas resenhas de Lucien Febvre e sobretudo de Marc Bloch. É importante destacar também uma divergência nas duas análises. Enquanto Dosse fala em quase ausência do político nos artigos, não vemos a questão se reproduzir nas resenhas. Como se disse, a geopolítica, especialmente das relações franco-germânicas, não é uma questão menor para o conjunto de textos aqui analisados, tampouco a história intelectual ou a história cultural, reconhecidas como marcas do historicismo.

A avaliação da historiografia alemã diretamente vinculada à pesquisa individual, que está presente na *Annales*, será mais evidente nos textos de Bloch. Entre 1928 e 1938 Bloch assinou uma seção destinada à História da Alemanha Medieval na *Revue Historique*. Tratava-se de um espaço dedicado à revisão da literatura sobre o tema, em que se apresentava o “estado da arte” e se produzia comentários críticos. A seção intitulada *Bulletin Historique* foi publicada em oito números, em 1928, 1930, 1932, 1937 e 1938, em seus três últimos números com a colaboração de Charles-Edmond Perrin, colega de Bloch na Sorbonne.

É interessante inicialmente refletir sobre a própria significação do Boletim de História Alemã Medieval. Essa era uma seção corrente da *Revue Historique* antes de 1914, mas que não havia sido retomada após o fim da 1ª Guerra. Seu reaparecimento se dará apenas em 1928, sob responsabilidade de Bloch.<sup>36</sup> Há no periódico, portanto, uma demonstração simbólica das relações políticas e culturais no imediato pós-guerra e sua reorganização no fim dos anos 1920. Bloch se coloca, nesse sentido, como porta-voz do momento de reaproximação, ou pelos menos de retomada do diálogo entre as duas historiografias.

O Boletim de Bloch recebeu já em sua primeira edição o elogio da academia francesa. Nas palavras de Lucien Febvre, o manual seria “denso, preciso e pessoal”.<sup>37</sup> A seção apresentava resenhas de textos de diversas nacionalidades, franceses, ingleses, mas com claro predomínio dos germânicos. Nesses boletins, Marc Bloch apresenta desde textos de historiadores com os quais estabelecera

---

<sup>36</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 59; BLOCH, 1928, p. 108.

<sup>37</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 59.

contato pessoal e intelectual como Alfons Dopsch e Fritz Rörig, passando por muitos pesquisadores em início de carreira, até nomes consagrados como Heinrich Brunner, Theodor Mommsen, Gustav Schmoller, Georg von Below, Hermann Aubin e Ernst Kantorowicz. Desses últimos, Below é o nome mais presente em todos os boletins.

O estudo das resenhas de Marc Bloch e Lucien Febvre, desde seus primeiros desenvolvimentos, chamou nossa atenção para o aspecto quantitativo, para o monumental número de publicações, ainda que se restringisse ao contexto germânico. Tal monumentalidade colocou a essa pesquisa a necessidade de se perguntar sobre as condições de possibilidade de se produzir tanto. E a resposta a essa questão, a nosso ver, só se constrói pela associação com outras características desse conjunto de textos. Trata-se de características que são fundamentais não apenas para o entendimento das resenhas de textos em alemão, mas para a compreensão da dinâmica de produção do conjunto de resenhas de Febvre e Bloch, com foco naquelas publicadas na *Annales*, mas que também se reproduz na *Revue Historique*. Nossa interpretação ressalta três dessas características: o suporte físico das publicações, o status profissional e intelectual dos autores resenhados e a profundidade da análise.

Os textos resenhados na *Annales* têm os mais diversos suportes, são monografias, teses de doutoramento, artigos publicados em revistas renomadas e também em revistas de atuação restrita, atlas históricos, atlas geográficos, anuários de congressos, bibliografias organizadas e livros de pequena ou ampla circulação. É importante esclarecer que não se trata de uma organização irrefletida, ou de uma situação específica da *Annales*, mas de uma opção, que, ao que nos parece, é fruto de um posicionamento intelectual de Bloch e Febvre. Em seu Boletim na *Revue Historique*, Marc Bloch deixa claro sua posição sobre as publicações dignas de serem comentadas:

Le recensement d'une littérature historique demeure aujourd'hui incomplet s'il ne comprend, avec les livres, les principaux articles de revue; tel court mémoire, paru dans un périodique, marque souvent dans l'historiographie une date plus considérable que beaucoup de gros volumes.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> BLOCH, 1928, p. 108.

Associado a essa opção pela publicação de tantos tipos de texto e dela causa, ou consequência, estão os nomes dos autores resenhados. A seção de resenhas da *Annales* é repleta de nomes que não ocupavam o panteão das ciências. A maioria dos presentes são jovens estudiosos, recém doutores, ou intelectuais que gozavam de reconhecimento no começo do século XX, mas que se tornaram ilustres desconhecidos para a maior parte da historiografia que nos é contemporânea. Também o Boletim de História Medieval de Marc Bloch caminha nessa direção, já que apesar de apresentar nomes importantes como Georg von Below e Heinrich Brunner, dedica amplo espaço a pesquisadores de menor prestígio internacional.

Por fim, mas não menos importante, as resenhas publicadas não representavam sempre críticas fruto de interpretação rigorosa. Evidentemente muitas se constituíam em um inventário completo da obra tratada e uma opinião construída e expressa em pormenores, mas um espaço considerável dessa seção é preenchido por notas rápidas, que apenas dão notícias da publicação ou comentam *en passant*, marcando o posicionamento do autor e da revista sem se preocupar em fundamentá-lo com uma argumentação sistemática. Esse tipo de resenha foi frequente sobretudo na *Annales*, e não fez exceção dos textos de origem germânica.

### 5.3 A CRÍTICA DOS CLÁSSICOS DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ

Como se pôde observar, a crítica é compreendida por Lucien Febvre e Marc Bloch como um instrumento fundamental para o desenvolvimento da ciência histórica. Trata-se de uma significação que se revela não apenas na reflexão teórica, mas na própria produção acadêmica. No contexto desses textos, ressaltou-se também o lugar marcante da produção historiográfica de origem alemã contemporânea aos dois autores. Nesse terceiro e último tópico dedicado à relação entre crítica e ciências históricas alemãs em Febvre e Bloch, pretende-se analisar algumas de suas avaliações individuais, de alguns nomes que produziram suas obras entre as últimas décadas do séc. XIX e as primeiras décadas do séc.

XX. Espera-se explorar a crítica àqueles que ocupavam o panteão das ciências históricas no começo do século e o atravessaram com expressivo reconhecimento. Analisar-se-ão as reflexões críticas sobre obras de Werner Sombart, Max Weber, Georg von Below, Ernst Kantorowicz, Karl Lamprecht e Friederich Meinecke.

Comparativamente à análise de perfil mais quantitativo apresentada na seção anterior, a análise construída aqui lança mão de um número relativamente pequeno de textos, o que possibilita uma análise individualizada. Como se demonstrou, um dos aspectos que essa pesquisa das fontes revelou é o fato de Lucien Febvre e Marc Bloch não dedicarem amplo espaço aos grandes autores. Ao contrário, esses comentários se diluem entre as inúmeras resenhas de autores de reconhecimento e atuação restrita. Nesse sentido, a análise desse conjunto de autores por meio de poucos textos não é aleatória, trata-se de uma seleção condicionada pela própria fonte. O lugar de destaque que atribuímos a esse conjunto é, portanto, fruto de seu aspecto qualitativo, da significação teórico-metodológica que os textos revelam.

A construção empreendida nas próximas linhas é fruto de uma leitura que privilegiou algumas características derivadas da forma, do estilo lingüístico, outras que remetem ao contexto e ainda aquelas associadas ao conteúdo. Quanto às questões contextuais, contemplou-se especialmente a data, o suporte de publicação do texto, sua inserção no conjunto de outras críticas dirigidas ao mesmo tema e/ou autor, bem como seu diálogo com elas. No que se refere à forma e ao estilo, atentou-se para a apresentação do tamanho do texto, sua fluência, para o fato de ser uma linguagem rigorosa ou não, manter-se em um terreno relativamente neutro ou mobilizar um estilo combativo. O conteúdo, por sua vez, ocupa o lugar central. Buscou-se apontar a trajetória de pesquisa dos autores citados, os temas aos quais os textos comentados se referem, a separação ou não entre crítica ao texto, crítica ao autor e crítica nacional, e a relação das pesquisas comentadas com as pesquisas dos próprios comentadores. Do conjunto desses fatores buscou-se ainda, sempre que possível, elaborar uma síntese que indicasse distanciamento ou aproximação, negação ou afirmação de Bloch ou Febvre em relação aos autores alemães.

Antes que se inicie efetivamente essa análise são necessários alguns esclarecimentos. O primeiro refere-se à utilização de fontes não apenas de Marc

Bloch e Lucien Febvre, mas também de alguns historiadores e sociólogos que formam o que se convencionou chamar de “círculo *annaliste*”.<sup>39</sup> Essa escolha é assentada na relevância dos autores que aparecem nas críticas no contexto da academia alemã e no pequeno número de análises que dispomos feitas exclusivamente por Bloch e Febvre. Utilizam-se aqui textos de historiadores que compunham o corpo editorial da revista *Annales* em sua primeira década e que em alguns casos mantinham contatos tanto profissionais quanto pessoais com os diretores da revista. Nomes como André Sayous, Henri Hauser, Georges Lefebvre e Maurice Halbwachs.

Com esse procedimento não queremos resgatar a tese de que esses anos iniciais da revista *Annales* conformam efetivamente uma escola ou um paradigma historiográfico. Não se pretende afirmar tampouco que as críticas e apreensões de um comentador podem ser livremente transpostas para outro. Há divergências no meio *annaliste* que não podem ser desconsideradas, como claramente demonstram as cartas trocadas entre Bloch e Febvre.<sup>40</sup> Contudo, insiste-se na construção de uma interpretação a partir da leitura do grupo. Como se pretende demonstrar ao longo dessa exposição, há nessa perspectiva um potencial de enriquecimento e sofisticação da análise em história da historiografia.

A utilização da expressão “textos”, e não apenas “resenhas”, como procedemos na seção anterior, também demanda um esclarecimento. Toda a trajetória de nossa pesquisa se deu em torno de correspondências e principalmente de resenhas, de forma que a seleção dos autores se deu a partir desse último tipo. Contudo, a análise que construímos também dispõe de outras fontes como prefácios, apresentações da vida e da obra de determinados autores, e outras seções específicas de periódicos. Apesar dessa diversidade, trabalhamos aqui com formatos de textos que se aproximam das resenhas, que apesar de serem construídos em formatos distintos compartilham com elas dois de seus principais objetivos, ou seja, anunciar e avaliar criticamente a produção historiográfica.

O último esclarecimento refere-se à divisão dos autores alemães analisados em blocos. A divisão de quaisquer intelectuais expressivos em blocos, sua

---

<sup>39</sup> Sobre o círculo *annaliste*, cf. seção 4.2 desta Dissertação.

<sup>40</sup> Um importante exemplo dessas divergências, como se verá adiante, é a recepção da obra de Max Weber, que teve grande aceitação de Maurice Halbwachs e desprezo de Febvre e Bloch.

compartimentação, é certamente uma árdua tarefa para qualquer meio acadêmico. No caso da academia alemã entre os séculos XIX e XX essa dificuldade é ampliada, haja vista os vários temas e interesses a que se dedicava um só pesquisador. No entanto, algum tipo de classificação é fundamental para os objetivos de nossa análise, para que ela não se perca em descrições exaustivas feitas individualmente e, ao mesmo tempo, para que se permita certo grau de comparação e de generalização. A divisão que se estabelece aqui não é de todo arbitrária, ela parte da leitura dos próprios comentadores, parte do lugar em que esses colocavam as obras e autores que analisavam. Nesse sentido, não se espera propor alguma categorização geral, mas sim oferecer maior adequação ao objeto estudado.

### **5.3.1 Estudiosos do capitalismo moderno**

#### **5.3.1.1 Werner Sombart**

Werner Sombart (1863-1941) foi um dos cientistas sociais alemães do começo do séc. XX mais conhecidos e mais influentes dentro e fora de seu país. A obra e a figura de Sombart são marcadas por sua repercussão em espaços além dos restritos círculos universitários berlinenses, atraindo audiência de diversos círculos intelectuais. Doutorando-se em 1888 sob orientação de Gustav Schmoller, Sombart alcançou cargos importantes na academia alemã, como uma cátedra na Universidade de Berlim e a co-direção, com Max Weber, da *Archiv für Sozial-wissenschaft und Sozialpolitik*, importante periódico dedicado à ciência social.<sup>41</sup>

A trajetória acadêmica de Sombart está associada à escola histórica alemã, ou escola histórica de economia política, ao marxismo e, já nos seus últimos anos, ao nacionalismo alemão. Sombart é um egresso da escola histórica que tinha em Schmoller um de seus mais importantes nomes, e com ela compartilhará uma compreensão da investigação econômica associada à história. Em contraposição à

---

<sup>41</sup> STEHR; GRUNDMANN, 2001, p. IX, XII-XIV.

busca de formulações gerais e atemporais para a economia empreendida pela economia clássica, cuja matriz de pensamento estava na Inglaterra, essa escola alemã propõe uma investigação que valoriza os contextos históricos na investigação econômica. Em linhas gerais, a princípio Sombart compartilhava uma visão da economia que se produz com métodos históricos. É nessa perspectiva que se observará em suas obras o estabelecimento de relações causais limitadas no tempo e no espaço, ou seja, pertencentes a um contexto histórico específico e não confundidas com leis naturais.<sup>42</sup>

O marxismo marcou o jovem Sombart, que começou sua carreira como defensor fervoroso dessa causa e do movimento socialista. Essa vinculação, no entanto, foi se desgastando e cedendo espaço a uma postura nacionalista em torno dos anos 1910. Nesse segundo momento, a “questão alemã” passa a ser o núcleo de seu pensamento, culminando com sua filiação política ao nazismo a partir dos anos 1930. Embora abandonando a causa socialista, Sombart manteve-se com uma postura ressentida com o capitalismo. Sua postura aproxima-o de um “modernista-reacionário”, ou mesmo de um anti-modernista, saudosista de uma sociedade heróica em uma época pré-industrial.<sup>43</sup>

Feitas essas considerações, podemos adentrar o terreno das obras de Werner Sombart que serão retratadas no meio *annaliste*. As mais expressivas obras são aquelas em que o autor se dedicou a estudar o desenvolvimento do capitalismo moderno e o papel da tecnologia na sociedade e na cultura. Nesse campo destacou-se *Der moderne Kapitalismus – O Capitalismo Moderno*, obra publicada em três volumes, dois em 1902, com reedições em 1916, e o terceiro em 1927. Nesse trabalho de proporções monumentais, Sombart se propôs a investigar as origens e a natureza do capitalismo moderno.

É com *O Capitalismo Moderno* que Sombart adentra a academia francesa e, particularmente, o círculo de historiadores ligados a Bloch e Febvre. Entre 1928 e 1937 seus textos foram analisados por Lucien Febvre, André Sayous, Henri Hauser, Maurice Halbwachs, Georges Lefebvre e Paul Leuilliot, tanto na *Annales* como em outras revistas, tais como a *Revue Critique d’Histoire et Littérature* e a

---

<sup>42</sup> STEHR; GRUNDMANN, 2001.

<sup>43</sup> STEHR; GRUNDMANN, 2001, p. XVIII, XXXI.

*Revue d'Histoire Économique et Sociale*. Embora as resenhas produzidas no círculo *annaliste* se iniciem com um texto de Febvre, é importante esclarecer que Sombart já era um velho conhecido dos historiadores franceses, principalmente dos historiadores econômicos. Sua leitura se revela, por exemplo, nas referências bibliográficas e no corpo da análise nas obras de Henri Sée e Henri Hauser sobre as origens do capitalismo, respectivamente de 1926 e 1927.<sup>44</sup>

O primeiro comentário da obra de Sombart no círculo *annaliste* foi publicado por Lucien Febvre na *Revue Critique d'Histoire et Littérature*, em 1928. Nesse texto Febvre apresenta e avalia a terceira edição de *O Capitalismo Moderno*, publicada em 1927. Febvre inicia a exploração do terreno das fragilidades pela bibliografia da obra. Apesar de vasta, a seleção de obras estudadas por Sombart apresentaria lacunas importantes, que seriam percebidas especialmente em relação à bibliografia francesa sobre história econômica. Aqui é interessante observar que Febvre responsabiliza também os autores franceses por essa lacuna, por não se fazerem conhecer no exterior. Associada à frágil bibliografia estaria o que Febvre chamou de “brica-braque ideológico e técnico”. Ou seja, a ausência de sistematização, a ausência de definição rigorosa da teoria e dos métodos pelos quais a pesquisa se desenvolve. No texto do acadêmico alemão haveria uma coexistência não organizada de diferentes tendências.

A avaliação, por outro lado, reconhece e elogia o esforço de Sombart em resgatar o homem em meio ao sistema econômico, de resgatar as mentalidades, ou seja, de se propor a estudar a “psicologia do capitalismo”. A importância dessa investigação sobre o capitalismo também estaria, segundo Febvre, em sua capacidade de partir do real e não de dogmas, como seria comum à economia política e à história econômica. Febvre elogia ainda a conclusão de Sombart de que diferentes formas econômicas conviveriam no mundo contemporâneo. De maneira geral, pode-se dizer que o tom do texto de Febvre é de reconhecimento. Em seus termos, essa seria uma obra que inspira respeito, apesar de se imporem algumas reservas. Particularmente entre os historiadores, Febvre sugere que a obra de Sombart seja estudada como uma provocação, um desafio para novos estudos e para a reflexão comparativa.

---

<sup>44</sup> Cf. SÉE, 1926 e HAUSER, 1927.

A temática de *O Capitalismo Moderno* retorna ao círculo *annaliste* em 1931 com um texto de André Sayous, historiador da economia e frequente colaborador da *Annales*, publicado na *Revue d'Histoire Économique et Sociale*. Como indica seu título, *Der moderne Kapitalismus de Werner Sombart et Gênes aux XII e XIII siècles*, Sayous oferece uma contraposição à tese de Sombart relativa às origens do capitalismo moderno estudando o caso de Gênova nos séculos XII e XIII. A partir da investigação da situação genovesa, Sayous afirma que essa cidade do baixo Mediterrâneo foi uma das primeiras, ao lado por exemplo de Veneza, a dar formas modernas a suas operações comerciais. Como Sombart produzira uma obra em que a gênese do capitalismo só pode ser visualizada entre os séc. XVI e XVIII, o historiador francês refuta os principais pontos de sua obra.

Sayous define como inversamente proporcionais o caráter monumental e sedutor da obra de Sombart e seu rigor e objetividade no campo da história econômica.<sup>45</sup> *Der moderne Kapitalismus* seria uma obra envolvente, marcada por um compasso de leitura tal qual o do romance, mas careceria, por exemplo, de um acompanhamento mais expressivo do progresso das pesquisas no campo da história econômica. O historiador francês sintetiza as falhas de Sombart em dois pontos: utilização superficial da documentação; e fantasia, sedução por concepções novas e vibrantes.<sup>46</sup> É importante observar ainda que Sayous se apóia em três importantes críticos da obra de Sombart na academia alemã para a construção de sua própria crítica; são eles Gustav Schmoller, de quem o historiador francês se diz aluno e reconhece como “verdadeiro mestre”, Hans Delbrück e Georg von Below.<sup>47</sup>

Observa-se, portanto, estreitas conexões entre a avaliação da obra de Sombart construída por Lucien Febvre e a crítica de André Sayous produzida três anos depois. Essa aproximação será referendada pelo próprio Lucien Febvre em resenha publicada na *Annales* em 1932. Febvre intitula *Une critique utile: les origines du capitalisme a Gênes e W. Sombart*. Seu texto busca chamar atenção e

---

<sup>45</sup> SAYOUS, 1931, p. 427.

<sup>46</sup> SAYOUS, 1931, p. 429, 444.

<sup>47</sup> SAYOUS, 1931, p. 428.

registrar a utilidade do trabalho de Sayous como uma contraposição às teses de Sombart. O trabalho de André Sayous parece ser, para Febvre, ainda que não afirme claramente, um dos primeiros esforços de responder aos desafios que o texto de Sombart impunha, tal como expusera em sua crítica de 1928. Em que pese, portanto, o desejo de Febvre em divulgar as investigações de André Sayous, a resenha concentra-se em avaliar o texto de Sombart. E aqui nos parece haver uma inflexão na crítica febvrea, ela se revela mais ácida que a avaliação de 1928. Febvre retoma sua crítica à bibliografia de *Der moderne Kapitalismus*, caracterizando-a como lacunar, ultrapassada e por vezes inútil. Trata ainda do acadêmico Werner Sombart, definindo-o como um sedutor, um divertidor, mas ao mesmo tempo brilhante, dono de ideias engenhosas, problematizador de questões ordinárias e abalador de dogmas e preconceitos.<sup>48</sup>

No corpo de resenhas da revista *Annales* encontraremos ainda duas notas sobre a obra de Sombart, uma em 1931, escrita por Georg Lefebvre, e outra em 1932, de autoria de Maurice Halbwachs. O texto de Lefebvre é na realidade uma apresentação da pesquisa do historiador italiano C. Barbagallo, que se propôs, estudando as origens da indústria de grande porte, reagir à metodologia de Sombart. Lefebvre elogia o esforço do historiador italiano em explorar os aspectos que a obra de Sombart não contemplaria, em oferecer à história do capitalismo uma abordagem de âmbito nacional e mais marcada por circunstâncias propriamente históricas. Essa crítica a Sombart não é, contudo, depreciativa. Lefebvre afirma crer na possibilidade de uma síntese entre a obra de Sombart, que trata do desenvolvimento do capitalismo em uma abordagem generalista, e os estudos de casos particulares; uma síntese que estaria por se fazer. O texto do sociólogo Halbwachs, por sua vez, é uma rápida apresentação do livro em que Sombart explorou as grandes correntes da pesquisa econômica desde suas origens, intitulado *Die drei Nationalökonomien. Geschichte und System der Lehre von der Wirtschaft* (1930).

Os dois estudos mais extensos de apreciação da vida e da obra de Sombart no meio *annaliste* foram produzidos por Henri Hauser e por André Sayous. Em 1932, Hauser apresentou Sombart na seção de economistas estrangeiros da *Revue d'Économie Politique*. Trata-se de uma seção em que já haviam sido apresentados

---

<sup>48</sup> FEBVRE, 1932, p. 318.

nomes como Joseph Schumpeter, Gustav Cassel e Friedrich von Gottl-Ottlilienfeld. Em sua apresentação Hauser destaca o estilo de Sombart, repleto de fórmulas “felizes, sugestivas, brilhantes”, e também as ardentes críticas que seu livro provocara na academia alemã, com nomes como Schmoller, Delbrück e Georg von Below. No que se refere à apreciação do aspecto histórico, do Sombart historiador, a crítica de Hauser é bastante incisiva. Questiona-se a limitação da pesquisa a fontes secundárias, a ausência de relatividade histórica, a desconsideração de obras importantes e as pré-concepções sobre o judaísmo e o capitalismo. Nesse último aspecto, Hauser condena a postura racionalista, reacionária e associada ao nazismo de Sombart. O entendimento do historiador francês é de que essa doutrina seguida por Sombart é fruto de sua compreensão teleológica, de sua filosofia da história.

O texto de André Sayous, de 1932, é certamente o mais rico e o mais interessante de todas as publicações francesas relativas a Sombart nesse período. Trata-se do prefácio da edição francesa do terceiro volume de *O Capitalismo Moderno*. Nele o historiador francês explora a formação, as influências teóricas, as trajetórias intelectual, pessoal e política de Sombart, as críticas de sua obra, além de um estudo dos três volumes de *O Capitalismo Moderno*. Um primeiro ponto que salta aos olhos no texto de Sayous é a densidade de seu conhecimento das ciências históricas alemãs. Trata-se de uma apresentação que transita confortavelmente entre os muitos nomes que compõem a trajetória de Sombart e que com ela se relacionaram, tais como Gustav Schmoller, Hans Delbrück, Alfons Dopsch, Max Weber, Max Scheler, Friedrich Nietzsche e Georg von Below.<sup>49</sup>

O texto de Sayous, na medida em que explora o conceito “capitalismo”, a concepção de capitalismo formulada por Sombart, aponta-nos para uma problemática interessante. Assim como as considerações dos diferentes autores, Febvre, Hauser, Lefebvre, além do próprio Sayous, convergem na crítica à ausência de pesquisa documental sistemática, de um recorte de pesquisa, de relatividade histórica, críticas às generalizações apressadas e à bibliografia, elas parecem convergir na compreensão do conceito capitalismo. A crítica ao trabalho de Sombart parece estar, para todo esse grupo, em uma compreensão distinta do

---

<sup>49</sup> SAYOUS, 1932.

que seria e de onde estariam as origens do capitalismo. Enquanto Sombart associa o capitalismo à modernidade e defende que só se poderia vislumbrar esse sistema econômico no decorrer do século XVIII, os franceses reivindicam essa origem já para os séculos XII e XIII, com as cidades do Mediterrâneo. Sayous afirma claramente que essa concepção do capitalismo seria compartilhada por pesquisadores como Alfons Dopsch e Henri Pirenne, aos quais nos parece ser possível acrescentar Lucien Febvre e Marc Bloch.<sup>50</sup>

### 5.3.1.2 Max Weber

A recepção de Max Weber na França foi particularmente limitada e sobretudo tardia, encontrando expressividade somente a partir dos trabalhos de Raymond Aron e Julian Freund. Contrariamente a Werner Sombart, por exemplo, que teve sua obra traduzida para o francês quase simultaneamente às publicações originais, os textos de Weber foram traduzidos apenas no fim dos anos 1950. Há que se registrar, contudo, que já na década de 1920 historiadores como Henri Sée e Henri Hauser traçavam comentários à obra weberiana em seus livros sobre o capitalismo.<sup>51</sup>

A primeira publicação relativa à obra de Max Weber em solo francês é uma apresentação de sua vida e obra feita pelo sociólogo Maurice Halbwachs em 1929, no número de lançamento da *Annales d'histoire économique et sociale*.<sup>52</sup> O texto de Halbwachs abre uma seção especial, dedicada à apresentação e interpretação de importantes economistas e historiadores. Ao contrário, no entanto, do que se poderia pensar, a apresentação do texto no número inaugural da revista dirigida por Bloch e Febvre não é referendada por seus diretores. Na correspondência trocada entre os diretores, em 1928, encontra-se uma referência à futura publicação. A aceitação do texto se mostrava mais vinculada à amizade e

---

<sup>50</sup> SAYOUS, 1932, p. 19-20.

<sup>51</sup> POLLAK, 1988, p. 195-209.

<sup>52</sup> HALBWACHS, 1929, p. 81-87. Halbwachs já havia, em 1925, publicado um resumo do ensaio de Weber intitulado “Les origines puritaines du capitalisme” na *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuse*. No entanto, essa é a primeira publicação interpretativa da obra.

ao reconhecimento de Halbwachs que propriamente ao apreço por Weber. Bloch não demonstra interesse e, em seus termos, se esforçaria para ver utilidade em tal apresentação. Já Lucien Febvre, em 1929, parece corroborar a crítica do colega Henri Hauser, de que Max Weber seria um formulador de “pobre sociologia”. Nos termos de Lucien Febvre, Weber é definido como um “autor prolixo”.<sup>53</sup>

Esse texto de Halbwachs é uma exposição da vida e da obra de Max Weber, apresentado em uma estrutura que se aproxima mais do desejo de comunicar ao público, de informá-lo sobre as principais características da obra de Weber que propriamente de produzir uma crítica. A estrutura da exposição nos parece ser um indicativo de que Max Weber era um autor amplamente desconhecido da academia francesa. Halbwachs certamente coloca-se como um introdutor da sociologia weberiana na academia francesa. O sociólogo francês apresenta a carreira acadêmica de Weber e ressalta suas atuações na esfera política, compartilhada por uma leitura de sua biografia produzida por Marianne Weber.<sup>54</sup>

A concepção de Max Weber sobre as ciências humanas e as ciências em geral é analisada a partir de suas aproximações com a teoria de Heinrich Rickert. Com Rickert, referenciado como um lógico, Weber compartilharia a distinção entre ciências naturais e ciências sociais. Enquanto as ciências naturais buscariam leis gerais, a história e as disciplinas ligadas a ela se interessariam pelos eventos e pelos objetos individuais. As regras seriam, nas ciências sociais, meios para construção do conhecimento, e não seu objetivo. Além de aproximar Weber e Rickert, Halbwachs também aponta que Weber esteve ligado a Gustav Schmoller e à escola histórica de economia política. Contudo, afirma que Weber teria se distanciado progressivamente dessa escola ao longo de sua carreira, esforçando-se em eliminar da ciência social tudo que se assemelhava a julgamentos, a juízos de valor. Halbwachs sugere ainda que esse posicionamento de “neutralidade científica” de Weber possa ter sido influenciado pela leitura das obras do francês Taine.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> BLOCH; FEBVRE, 1994, p. 129, 193-194.

<sup>54</sup> HALBWACHS, 1929, p. 81.

<sup>55</sup> HALBWACHS, 1929, p. 83-84

Essa apresentação preocupou-se também em definir o campo de atuação do acadêmico alemão. Para Halbwachs o economista Max Weber trabalhou em ligação com as disciplinas vizinhas, tal como o direito, a psicologia social e a sociologia. O projeto de Max Weber ao mobilizar todas essas disciplinas seria o de compreender o desenvolvimento do capitalismo, não somente como fato econômico, mas como uma forma de civilização. Nessa direção, o primeiro trabalho mais importante seria o artigo de 1904-1905, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Halbwachs apresenta as principais teses defendidas por Weber em seu ensaio e coloca-o como a primeira parte de uma vasta pesquisa empreendida pelo autor a partir de 1911, intitulada *A ética econômica das religiões mundiais*. O objetivo de Weber é, segundo Halbwachs, traçado em contraposição ao materialismo histórico. Em sua interpretação o estudioso alemão teria buscado demonstrar a forte influência da religião sobre o comércio, a indústria e a organização da vida material. Ao mesmo tempo, teria desejado estudar a ação inversa, ou seja, as influências das condições materiais, econômicas e geográficas sobre as ideias religiosas e morais.<sup>56</sup>

Halbwachs apresenta ainda outros três trabalhos de Weber, suas pesquisas sobre o problema agrário na antiguidade, seus estudos sobre os trabalhadores da indústria de grande porte e os textos inacabados reunidos em *Economia e Sociedade*. O sociólogo francês se detém em explicar a noção de tipo ideal weberiano. Sua argumentação é de que toda a construção de Max Weber estaria sustentada por uma doutrina das categorias sociológicas que se revela nas formulações típico-ideais. A riqueza e a originalidade das construções weberianas, conclui Halbwachs, só poderiam ser alcançadas com a leitura de *Economia e Sociedade*. Weber é, em síntese, definido como um autor de uma obra inacabada, mas que nunca deixou de se renovar.

Esse texto apreciativo da obra weberiana não encontrou maior repercussão nas edições posteriores da *Annales d'histoire économique et sociale*. Também nas demais publicações francesas ligadas à historiografia e às ciências humanas em

---

<sup>56</sup> HALBWACHS, 1929, p. 85.

geral não se verificará essa presença. Como já foi demonstrado por diversos autores<sup>57</sup>, na *Année Sociologique* a obra de Max Weber não encontrou espaço.

Na *Annales* encontramos pelos menos mais duas referências significativas à obra weberiana. Em 1934, Lucien Febvre resenhou o texto do inglês H. Robertson, *Aspects of the rise of individualism*, intitulando-a *Uma crítica de Weber*. Robertson foi reconhecido por seus esforços em desmontar as formulações weberianas, especialmente no que se refere ao surgimento e desenvolvimento do capitalismo moderno. A nota de Lucien Febvre, apesar de muito sucinta, apresenta aspectos interessantes. Febvre claramente não corrobora a teoria weberiana, afirmando que Weber, ao insistir sobre as ligações entre religião e economia, negligenciou a ação das leis particulares dessa última. Nesse sentido, Febvre reconhece na leitura de Robertson modificações interessantes quanto a teoria de Weber. Por outro lado, o historiador francês não parece referendar o tom da crítica do inglês, ao afirmar que ela se encaminha para um escárnio suficientemente desagradável. Febvre promove, em última instância, uma recusa tanto de Weber quanto de Robertson, na medida em que contesta a explicação desse último de que os fatos econômicos derivam apenas da própria economia.<sup>58</sup>

A última referência à obra de Max Weber no período que compreende essa análise foi novamente produzida por Maurice Halbwachs, em 1935.<sup>59</sup> Halbwachs escreve uma resenha intitulada *Uma controvérsia: puritanismo e capitalismo*, para discutir os trabalhos de dois autores ingleses que se opuseram à análise weberiana, Tawney e Robertson. Enquanto se limita a apresentar em poucas linhas as conclusões de Tawney sobre Weber, o sociólogo francês demora-se na apresentação dos argumentos de Robertson e se opõe abertamente a eles. Halbwachs recusa a crítica do economista inglês e reafirma sua apreciação da sociologia weberiana feita em 1929, colocando a impossibilidade de se realizar uma leitura de Weber desconsiderando que seu objetivo não era a descrição dos fenômenos específicos, mas a construção de um tipo ideal. Nesse sentido,

---

<sup>57</sup> Ver, por exemplo, LEPENIES, 2006; COLLIOT-THÉLÈNE, 2001; POLLAK, 1988.

<sup>58</sup> FEBVRE, 1934, p. 515.

<sup>59</sup> É importante esclarecer que os trabalhos de Raymond Aron, o mais importante difusor do pensamento weberiano na França, iniciaram-se nos anos 1930. A ausência de sua apreciação neste trabalho deve-se ao fato de Aron não estar diretamente ligado ao círculo de Bloch e Febvre.

Halbwachs não questiona a existência de “fatos do capitalismo” em um passado distante, mas afirma que essa constatação não invalidaria a construção weberiana do sistema e do espírito do capitalismo considerado como uma realidade coletiva.<sup>60</sup>

Observa-se, portanto, que Max Weber teve no meio *annaliste* uma presença distinta de seu contemporâneo Werner Sombart e sobretudo de Karl Marx.<sup>61</sup> Ao contrário de Sombart, Weber não foi efetivamente estudado pelo círculo dos *Annales*. À exceção de Halbwachs e de Henri Hauser, não nos parece que os textos weberianos tenham sido incorporados efetivamente às leituras dos *Annales*. Nesse sentido, não passaram pelo processo de crítica rigorosa tal qual a principal obra de Sombart. Certamente Weber era conhecido por seu ensaio sobre protestantismo e capitalismo, como nos revela a leitura de Febvre e os comentários de Bloch, mas não há evidências de que tenha ultrapassado isso. De tal forma, que não nos é possível evidenciar em quais outros pontos efetivamente se coloca a oposição dos autores a Weber.

Essa recepção não é, contudo, uma exceção em relação aos demais círculos universitários. Diferentemente de Sombart, Weber não gozou de grande audiência e de publicações em vários países já no começo do século. A recepção da obra weberiana em uma perspectiva historiográfica persiste sendo tímida, e quanto a sua construção teórica, teria sido marcada por julgamentos que mesclavam a incompreensão e a recusa. Há que se lembrar que na própria academia alemã Max Weber só se tornará um pensador fundamental no pós-Segunda Guerra, com as interpretações a seu respeito do sociólogo americano Talcott Parsons.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> HALBWACHS, 1935, p. 97-99.

<sup>61</sup> Marx, e especialmente o marxismo, são presenças constantes no meio *annaliste* e na revista *Annales* em particular. Esta pesquisa, contudo, não os contempla. Em primeiro lugar por Marx não ser um contemporâneo de Bloch e Febvre, em segundo porque as referências ao marxismo estão mais ligadas ao marxismo já enraizado e desenvolvido na França que ao marxismo alemão. A referência ao marxismo é de tal forma abundante que sua investigação demandaria um esforço concentrado, extrapolando os limites possíveis no presente trabalho.

<sup>62</sup> KOCKA; PEUKERT, 1986, p. 26.

### 5.3.2 Historiadores Medievalistas

#### 5.3.2.1 Georg von Below

Georg von Below (1858-1927), medievalista, prussiano, membro do primeiro comitê de direção da *Revista Quadrimestral de História Econômica e Social*, foi representativo do historicismo alemão.<sup>63</sup> Nos termos de Marc Bloch, Below foi um dos expoentes da geração de historiadores que viveu entre as guerras de 1870 e 1914 e marcou sua formação de forma duradoura. No meio *annaliste*, a presença de Georg von Below é mais marcante nos escritos de Marc Bloch. Étienne Bloch afirma que Georg von Below estava entre os autores mais admirados por seu pai, ao lado de Fustel de Coulanges, dos ingleses H. G. Wells e George Unwin, e do belga Henri Pirenne.<sup>64</sup> Não se trata de um diagnóstico de difícil comprovação. Ele é demonstrado no ensaio que Bloch destina a apresentar o conjunto da obra do historiador alemão e nas resenhas publicadas sobre seus textos. É importante, contudo, que se atente para o caráter mais profundo dessa admiração. A relação de Marc Bloch com Below, desde o começo de sua carreira até o fim dos anos 1930, não é pautada em um elogio cego, irrestrito, mas por um reconhecimento suficientemente crítico.

A primeira resenha de um texto de Georg von Below escrita por Marc Bloch foi publicada na *Revue Historique* em 1918. Nela o historiador alemão é apresentado como um acadêmico bem informado, um crítico temível e também como um polemista. As críticas dirigidas ao livro *Der Deutsche Staat des Mittelalters, O Estado Alemão Medieval*, questionam pontos como a limitação da bibliografia, que apesar de extensa conteria quase exclusivamente autores alemães; os conflitos no emprego de várias teorias e a indistinção de épocas no longo período tratado como Idade Média. A avaliação é resumida pelo próprio Bloch como um livro que faz sugestões interessantes, mas que deixaria uma impressão não muito satisfatória.

---

<sup>63</sup> LEPENIES, 1996, p. 249-250.

<sup>64</sup> BLOCH, 1998.

Tratando da obra de Below dedicada ao estado alemão medieval, essa resenha é especialmente interessante por não versar exclusivamente sobre a obra e o autor, mas também tecer comentários sobre a ciência histórica alemã em geral. Bloch constrói seu texto confrontando o estilo de Below com o que seriam marcas de uma cultura histórica germânica. Não parece haver na argumentação blochiana, nesse momento, muitas dificuldades em empregar generalizações como “os alemães”, “a ciência alemã”, “os historiadores alemães”. Ao abordar o exclusivismo alemão na bibliografia de Below, Bloch direciona essa característica para a ciência alemã, afirmando que ela fechara-se sobre si mesma após 1870. Esse fechamento, por sua vez, não é interpretado como inerente à cultura germânica, mas como um fato circunstancial, uma lamentável característica que acomete os “povos vencedores”. Bloch chega a enviar um alerta aos franceses, para que se prevenissem contra esse mal, tendo em vista a reversão da situação após a vitória francesa em 1917.

Outra característica do texto de Below remetida para a ciência histórica alemã é o abuso da bibliografia e da polêmica. Para Bloch, os usos excessivos de textos secundários, as confrontações das diversas teorias, promoviam um afastamento das fontes, tanto por parte do leitor quanto por parte do autor. A confrontação aparece também na sumarização da crítica de Bloch. Para esse, Below negligencia a distinção entre Estado e nação, que seria crucial para a compreensão do processo histórico. Essa negligência é aqui associada a traços característicos da ciência política alemã, para quem, nos termos de Bloch, “l'État est tout, et la nation peu de chose”.<sup>65</sup>

Below retornará aos escritos críticos de Marc Bloch em seus boletins sobre história da Alemanha Medieval na *Revue Historique*. No momento em que Bloch produzira essas resenhas, entre 1928 e 1938, Below ainda era considerado um dos mais importantes nomes da historiografia alemã, particularmente em relação à história medieval e à história econômica. Por essa razão e pela particular relevância atribuída pelo historiador francês, Below foi um nome recorrente em todos os boletins. Quer por meio de resenhas específicas de suas obras, quer por citações e comparações nas demais análises, essas últimas muito mais frequentes,

---

<sup>65</sup> BLOCH, 1918, p. 343-347.

a referência a von Below é uma marca dessa seção. Já no primeiro desses boletins, em 1928, Bloch volta a ressaltar os talentos do historiador alemão e seu lado polemista.<sup>66</sup> Também chama-se atenção para a ausência de preocupação de Georg von Below com a história comparada.<sup>67</sup> Há que se lembrar que essa foi uma das principais preocupações de Marc Bloch no campo da ciência histórica. Seu desejo de contribuir para a evolução da história comparada se revela tanto em seus escritos sobre a disciplina quanto nos espaços dedicados a esse tipo de produção na *Annales*.<sup>68</sup>

Em 1930, ainda no boletim da *Revue Historique*, Bloch apresentará uma bibliografia dos trabalhos de Georg von Below, organizada pela *Revista Quadrimestral de História Econômica e Social*, e uma reunião de alguns de seus textos feita por seus alunos. A avaliação de Bloch sobre as iniciativas é largamente positiva, ressaltando o fato das obras serem uma homenagem da ciência alemã àquele que, em seus termos, fora “um de seus representantes mais ilustres e mais característicos”, “uma poderosa e imperiosa personalidade”.<sup>69</sup>

Bloch retorna a esse autor em 1931, quando publica na *Annales*, na seção dedicada a “Economistas, historiadores e homens de ação”, a mesma em que Maurice Halbwachs havia apresentado Max Weber, um texto intitulado “Um temperamento: Georg von Below”.<sup>70</sup> Nesse texto Bloch explora aspectos da obra e da personalidade do historiador alemão que ainda não havia tratado, dialogando com a biografia escrita por sua esposa Minnie von Below. Retoma-se a trajetória familiar e social de von Below, assim como sua trajetória acadêmica, marcando-se especialmente o fato desse ter sido aluno de Treitschke, expressivo representante do tradicionalismo historiográfico. Nessas trajetórias Bloch visualiza os traços que marcaram o homem e o historiador, chamando atenção para o profundo

---

<sup>66</sup> BLOCH, 1928a, p. 113.

<sup>67</sup> BLOCH, 1928a, p. 134.

<sup>68</sup> Ver, por exemplo, BLOCH, 1928b.

<sup>69</sup> BLOCH, 1930, p. 331-332.

<sup>70</sup> Nessa pesquisa utilizamos duas publicações do texto, a original em francês, publicada na *Annales* em 1931 e a publicação disponível na edição portuguesa de 1998, organizada por Étienne Bloch sob o título *História e Historiadores*.

sentimento religioso, o conservadorismo, o culto do Estado e para a obstinação pelo trabalho e pela disciplina.

O elogio de Marc Bloch sobre o trabalho de von Below passa por duas questões principais, a organização da narrativa historiográfica a partir de problemas e a clareza conceitual. Bloch retoma uma expressão de Fustel de Coulanges para expressar a relevância que Below conferia à história-problema, “toda a matéria histórica se ajuntava imediatamente a seus olhos sob a forma de problema”.<sup>71</sup> A clareza conceitual, o respeito pela forma, por sua vez, seria a outra importante marca da historiografia de Below, que para Marc Bloch estava associada à sua compreensão da história a partir de problemas. Bloch apresenta essa característica com uma auto-definição de Below: “Toda a minha vida lutei por introduzir clareza nos conceitos e uma sã discriminação entre realidades dissemelhantes”.<sup>72</sup> O historiador francês ressalta que Below via nesse método, com razão, o melhor de sua contribuição científica.

Observe-se que a análise de Marc Bloch aqui segue a mesma estratégia das resenhas de 1928. Assim como nesse ano, Bloch, em 1931, analisa a obra de Below a partir de suas preocupações pessoais sobre a ciência histórica. Enquanto antes questionava-se a ausência da comparação, agora enfatiza-se a presença da história problema e da clareza conceitual e linguística. É muito claro como esses dois últimos traços foram relevantes para Marc Bloch e como ele procurou aplicá-los em suas investigações e em seus textos. Nota-se, portanto, que a análise dos aspectos teóricos e metodológicos da obra de Georg von Below são feitos a partir de uma confrontação com uma concepção ideal de metodologia de pesquisa histórica, que se revela na concepção de Bloch.

O mecanismo utilizado em 1918 também retorna, Bloch confronta a historiografia de Below com a ciência histórica alemã em geral. Contudo, enquanto na primeira resenha marcava as características que inseriam o historiador na ciência alemã, aqui Bloch distancia-o de sua comunidade historiográfica nacional. Below, que nos termos de Marc Bloch guardava a capacidade de “denunciar as confusões, o vago, as antinomias internas das

---

<sup>71</sup> BLOCH, 1998, p. 183-284.

<sup>72</sup> BLOCH, 1998, p. 183-284.

soluções apressadas, estabelecer os distinguo (sic) necessários, pô-las sob a forma ... [de] equações históricas”<sup>73</sup> seria um historiador:

[...] útil em qualquer sítio, ... talvez ainda mais num ambiente de historiadores em que o cuidado da forma nunca foi honrado, em que a própria língua, que pode ser tão bela e tão rica, se presta com grande facilidade, assim que manuseada de um modo inábil, ao abuso das ideologias imprecisas.<sup>74</sup>

E esse distanciamento do método de Below em relação à academia alemã, para Marc Bloch, foi marcado pelo próprio autor. Novamente resgatando seu caráter polemista, Bloch demonstra como Below criticou duramente e marcou sua distância de outros estudiosos da economia medieval, sobretudo Gustav Schmoller e Karl Lamprecht:

[...] von Below foi um crítico temível e impiedoso. Algumas das suas polémicas deram brado: contra Schmoller e contra Lamprecht, nomeadamente. Pelos seus incontáveis defeitos, a sua falta de precisão na definição dos conceitos, a sua pressa em construir, sobre bases por vezes frágeis, teorias que nem sempre tinham os contornos muito firmes – e também pelas suas qualidades, uma certa largueza de horizontes, uma vasta curiosidade humana, estes dois espíritos haviam quase necessariamente de despertar a antipatia de um puritano do rigor científico.<sup>75</sup>

Esse tom polemista do historiador alemão, recorrentemente afirmado por Marc Bloch, contudo, não nos parece poder ser inserido no *hall* das críticas. Talvez ele seja mais bem alocado em um ponto de transição, entre a crítica e o elogio. Como já se tratou aqui,<sup>76</sup> Bloch foi um entusiasta da crítica como uma ferramenta para o desenvolvimento da historiografia. Não seria, portanto, contrário à marca expressiva que essa teve na carreira de Georg von Below. Observe-se a força desse aspecto nos termos de Bloch:

---

<sup>73</sup> BLOCH, 1998, p. 282.

<sup>74</sup> BLOCH, 1998, p. 283.

<sup>75</sup> BLOCH, 1998, p. 183-284.

<sup>76</sup> Cf. seção 4.1 desta Dissertação.

Por mais desagradável que por vezes possa ter sido o tom de von Below, por mais injustos, sem dúvida, que tenham sido alguns dos seus ataques, havia neste humor um tanto feroz mais nobreza do que na doçura baça de tantos aspersores de água benta. Era franqueza e coragem. Os perigos para que alertava nem sempre eram insignificantes.<sup>77</sup>

Ou ainda,

Não, se errou, não foi por sacudir, talvez com rudeza um tanto excessiva, alguns trabalhadores cujo método não lhe agradava. Ao fazê-lo, pensou servir a verdade tal como a via e não seremos nós a desconhecer a necessidade deste trabalho crítico que, por mais indispensável que seja, comporta, como toda a obra humana, uma parte de riscos, entre outros o de nos enganarmos por vezes.<sup>78</sup>

A discordância de Bloch com as polêmicas de Below não estava, portanto, na natureza e na simples presença dessas. O questionamento do historiador francês é quanto ao lugar dessas críticas, que em Below ultrapassaria o domínio dos comentários sobre a disciplina para adentrar suas próprias pesquisas. Bloch critica o uso das polêmicas, do confronto das diversas teses, na exploração dos problemas históricos. Essas questões envolvem, portanto, a crítica que Bloch já havia feito em 1918, ao dizer que Below fazia uso excessivo de textos secundários e com isso se afastava das fontes.

O gosto de von Below sobre o Estado, a centralidade da Alemanha e a crítica à bibliografia utilizada também reaparecem nessa apresentação de 1931. Essas serão também as duas características ressaltadas na última resenha que Bloch faz sobre Below, em 1938, destinada a apresentar uma reunião dos manuscritos do autor. Quanto ao primeiro aspecto ela é associada a um interesse por normas de direito e ignorância das multidões, dos movimentos obscuros.<sup>79</sup> Já sobre a bibliografia, Bloch ressalta a imensa, mas limitada, erudição de Below, que se revelaria em sua bibliografia quase exclusivamente alemã. Para Bloch, Below conhecia muito bem a Alemanha, mas muito mal a Europa, tanto do

---

<sup>77</sup> BLOCH, 1998, p. 284.

<sup>78</sup> BLOCH, 1998, p. 284.

<sup>79</sup> BLOCH, 1998, p. 281.

passado quanto do presente, o que trazia implicações tanto para sua bibliografia quanto para a possibilidade de uma história comparada.

Uma última observação sobre a apresentação de 1931 merece ser ressaltada. Nos textos anteriores, Bloch marca a relação de Below com a cultura e com a ciência histórica alemã, seja para aproximá-lo seja para afastá-lo. Essas referências às questões que seriam “tipicamente alemãs” são, por sua vez, sempre afastadas do próprio Marc Bloch. O historiador francês marca essas características distanciando-se delas, distanciando-as de uma concepção ideal ou desejável de metodologia histórica. Chama-nos atenção nesse sentido que, ao fim da apresentação de Below, Marc Bloch faça um único movimento inverso, abrindo uma brecha para, em seus termos, “expressar sucintamente algumas reflexões de tom mais pessoal”, confrontar a liberdade da academia alemã com a academia francesa. Bloch afirma que impressiona a um leitor francês, na carreira de Below, tanto em suas leituras e aulas de formação quanto em sua atuação como professor, é a forte sensação de liberdade intelectual. O historiador francês adentra então o sistema universitário francês e o ensino de história, que também foram centrais em suas preocupações, para as quais sempre se posicionou publicamente. O caso alemão, portanto, aqui, aparecerá como exemplo e como fonte de inspiração para a reação ao conservadorismo francês.<sup>80</sup>

#### 5.3.2.2 Ernst Kantorowicz

Ernst Hartwig Kantorowicz (1895-1963), historiador alemão de origem judaica, e orientação política conservadora, foi outro importante medievalista alemão sobre o qual se pronunciou o meio *annaliste*, particularmente Marc Bloch. Ao contrário de Georg von Below, a grande notoriedade de Kantorowicz é conquistada após a Segunda Guerra, quando já havia deixado a academia alemã, onde até 1933 fora professor de história medieval e moderna na Universidade de Frankfurt. Para Wolfgang Mommsen, Kantorowicz era um historiador que não se

---

<sup>80</sup> BLOCH, 1998, p. 286.

ligava a nenhuma escola ou tradição metodológica,<sup>81</sup> apesar de na década de 1920 ter sido membro do círculo do poeta Stefan Georg, que criticava o cientificismo e propunha uma história mais próxima da arte.<sup>82</sup> A mais reconhecida obra desse historiador, *Os dois corpos do rei*, um estudo sobre a construção da imagem real no Estado medieval, é do fim dos anos 1950, quando já lecionava nos Estados Unidos. Não se trata, portanto, de um texto contemporâneo a essa primeira geração *annaliste*. Contudo, se ainda não gozava de todo o reconhecimento internacional que adquirirá na segunda metade do século, Kantorowicz não era um historiador menor nos anos 1930.

O contato de Marc Bloch com Ernst Kantorowicz se deu a partir do texto que lhe garantiu grande visibilidade na Alemanha. *Kaiser Friedrich der Zweite* é uma biografia do imperador Frederico II, considerado um dos mais importantes na história da Alemanha. Bloch publicara dois comentários críticos sobre essa obra, um em 1928, um ano após sua publicação original em 1927, e outro em 1932, em referência a uma reedição, ambos nos Boletins Históricos da *Revue Historique*.

Em 1928 Bloch não define Kantorowicz como um historiador. Em seus termos, ele não seria nem mesmo um erudito de profissão, mas sim “um homem de letras do círculo vienense que se agrupa em torno de Hugo von Hofmannstahl”.<sup>83</sup> Na visão de Marc Bloch, o texto de Kantorowicz seria agradável de ler, por vezes comovente, mas carente de concisão. A crítica direciona-se especialmente para o que Bloch chama de desconhecimento do mundo de Frederico II e de seus antecedentes históricos. Kantorowicz teria explorado inteligentemente o caráter místico-religioso em torno da figura do imperador, mas não dispunha de uma pesquisa conjuntural, que, para Bloch, seria indispensável para compreensão dessa temática. A hesitação de Bloch em relação à obra provém do próprio estilo biográfico, da exploração da personalidade. O historiador francês argumenta que em vista da escassez da documentação

---

<sup>81</sup> MOMMSEN, 2002, p. 64.

<sup>82</sup> GAY, 1978, p. 64.

<sup>83</sup> Na verdade Kantorowicz se formara historiador, tendo feito o doutoramento e a livre-docência sob a orientação de Eberhard Gotthein na Universidade de Heidelberg. Kantorowicz também nunca fizera parte do círculo de Hoffmannstahl.

medieval, as atuações individuais desse período só poderiam ser compreendidas a partir de estudos mais extensos, mais conjunturais.<sup>84</sup>

Diante das críticas recebidas, na própria Alemanha, pela ausência de um aparato bibliográfico em seu texto, Kantorowicz publicara em 1931 uma complementação, que foi comentada por Bloch no ano seguinte. Bloch afirma que a apresentação dos textos estudados pelo autor alemão dava uma dimensão do tamanho investimento para a composição da obra, mas ainda lhe restava lacunas. Essas “lacunas”, por sua vez, são as mesmas criticadas em Georg von Below ou em Werner Sombart por Lucien Febvre, qual seja, a ausência da bibliografia francesa. Bloch afirma que Kantorowicz explora temáticas que já estariam bem desenvolvidas em pesquisa francesas, mas ignora-as. A crítica a essa ausência francesa nas referências é expressa ironicamente; Bloch aponta que caso não se soubesse da elevada cultura do historiador alemão, poderia mesmo se duvidar de sua capacidade de ler em língua francesa.<sup>85</sup>

A referência de Marc Bloch a Kantorowicz, que até 1932 partia apenas de seus textos, em 1934 será fruto de um encontro pessoal. Bloch conhece Kantorowicz em Londres, em uma viagem para conferências na London School. Reportando o encontro a Lucien Febvre, Bloch definirá o historiador alemão como “um pouco suspeito, muito pouco amável e confiante, ... mas inteligente, vivo”.<sup>86</sup> Interessante observar também que esse encontro será narrado por Kantorowicz anos depois, em 1961, quando o historiador alemão declara que não poderia negar a impressão positiva que os estudos e a personalidade de Marc Bloch lhe causaram.<sup>87</sup>

Sobre uma possível colaboração nos periódicos franceses, Bloch indica que Kantorowicz seria um autor para empresas como a *Revue de Synthèse*, e não como a *Annales*. Na narração de Bloch encontra-se também referência ao posicionamento político de Kantorowicz, ao afirmar que sua presença como

---

<sup>84</sup> BLOCH, 1928a, p. 116.

<sup>85</sup> BLOCH, 1932, p. 629.

<sup>86</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 22.

<sup>87</sup> Apud LERNER, In: LEHMANN; SHEEHAN, 2002, p.189-205.

exilado na Inglaterra era fortuita, pois o alemão estaria na estreita parcela de não-arianos que os nazistas pretendiam conservar.<sup>88</sup>

### 5.3.3 Teóricos e Críticos da História

#### 5.3.3.1 Karl Lamprecht

Karl Lamprecht (1856-1915), nos primeiros anos do séc. XX, era um dos mais conhecidos e mais polêmicos críticos da historiografia de seu tempo, tanto na Alemanha quanto no exterior.<sup>89</sup> Suas apresentações, já entre seus contemporâneos e ainda entre os estudiosos atuais, traçam-no como o historiador mais controverso de sua época.<sup>90</sup> Contra uma concepção de história centrada no político e no indivíduo, Lamprecht defendia uma história comparativa, focada nas massas, com determinantes econômicos e sociais. Os esforços de Lamprecht encaminhavam-se para a proposição de uma “nova direção”, em que a cientificidade da história seria garantida com uma aproximação com as ciências naturais. Em nome de suas teorias da *Kulturgeschichte*, que pretendiam resgatar todas as facetas da história a partir de certas regularidades, com pretensões de escrever uma história total, Lamprecht estabeleceu uma verdadeira cruzada na academia alemã.<sup>91</sup>

A relação de Karl Lamprecht com o meio *annaliste* passa por uma geração de historiadores e sociólogos que conformam as bases da formação e do desenvolvimento desse grupo. Lamprecht esteve em estreito contato com François Simiand e com Henri Berr especialmente através da *Revue de Synthèse*, desde sua fundação em 1900. O historiador alemão apresentou suas teorias em artigos destinados ao público francês, muitos deles publicados na referida revista.

---

<sup>88</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 22.

<sup>89</sup> ERDMANN, 2005, p. 47.

<sup>90</sup> CHICKERING, 1993, p. XII.

<sup>91</sup> CHICKERING, 1993, p. XII-XIII.

Lamprecht também manteve boas relações com Gabriel Monod, diretor da *Revue Historique*. Monod, contudo, já no começo do século, apresentava uma postura muito mais crítica ao historiador alemão que, por exemplo, a *Revue de Synthèse*. O historiador francês olhava com reservas para as novas concepções de história e de metodologia histórica desenvolvidas na Alemanha.

A apreciação de Lamprecht no meio acadêmico francês estava ligada à sua proposta de renovação dos métodos em pesquisa histórica. As inovações metodológicas que se voltavam para o coletivismo sociopsicológico e os esforços para definir novos padrões para a historiografia eram compreendidos como uma crítica à historiografia tradicional, à historiografia política alemã. O posicionamento político de Lamprecht durante a guerra, contudo, fez com que se rompessem tanto as relações intelectuais quanto as pessoais com os historiadores franceses. A postura pangermanista e anexionista adotada pelo autor promoveu um efetivo abalo em sua reputação no meio acadêmico francês.<sup>92</sup>

Marc Bloch e Lucien Febvre vivenciaram os dois momentos dessa relação entre a academia francesa e a figura de Lamprecht, experimentando a aproximação em seus anos de formação e o distanciamento ao longo dos anos 1930. Lamprecht certamente é uma figura mais central para Bloch que para Febvre. De acordo com Peter Schöttler, Bloch já havia estudado os textos de Lamprecht na École Normale Supérieure, inclusive o seu artigo *Méthode historique en Allemagne*, publicado na *Revue de Synthèse*, antes de ouvir os seminários do autor em seus estudos na Alemanha entre 1908 e 1909.<sup>93</sup>

A relação de Bloch com Lamprecht é importante por este ser correntemente citado como um dos precursores da historiografia dos *Annales*.<sup>94</sup> Schöttler, investigando essa questão, discorda da influência de Lamprecht sobre os *Annales*, afirmando que nem Febvre, tampouco Bloch, se pronunciaram sobre essa influência e, ainda, que as referências de Bloch a esse autor seriam sempre

---

<sup>92</sup> ERDMANN, 2005, p. 49-50.

<sup>93</sup> SCHÖTTLER, 1999, p. 56.

<sup>94</sup> Ver, por exemplo, BURKE, 1997.

para marcar sua distância, tanto política quanto metodologicamente.<sup>95</sup> Nos termos de Schöttler:

Contrairement à ce qu'on peu dire, Marc Bloch – et cela vaut également pour les *Annales* – n'a jamais été un adepte de Lamprecht; “le systeme historique” de celui-ci ne l'a jamais tenté et il serait difficile d'en trouver la moindre trace dans un de ses livres.<sup>96</sup>

A exploração da questão, a investigação dessa influência não nos parece tarefa fácil, tampouco é nosso objetivo aqui. Mas não podemos deixar de considerar que Schöttler não compõe seu raciocínio com argumentos suficientemente convincentes. Observe-se, por exemplo, que esses autores não expressam verbalmente suas filiações intelectuais com nenhum estudioso alemão, o que não nos parece poder ser admitido como sinal da ausência de influências dessa escola.

Limitemo-nos aqui a observar o perfil de Lamprecht construído a partir do meio *annaliste*, especialmente a partir de Marc Bloch. As referências encontradas sobre Lamprecht não são comentários diretos aos seus textos, mas inferências em análises de outros autores e fragmentos de correspondência.<sup>97</sup> Em 1931, por exemplo, em uma apresentação de Georg von Below feita na *Annales*, Bloch critica Lamprecht pela falta de rigor na utilização de teorias e por suas construções apressadas, sem a devida sustentação. Mas, no mesmo trecho, afirma que esse autor possuiria uma “largueza de horizontes”, uma vasta curiosidade humana. Já em 1934, em carta a Lucien Febvre, Bloch diz ser a escola de Lamprecht uma reação à erudição e ao jurudicismo reinantes, mas uma reação sem nenhum espírito cético, sem a dúvida que seria cara aos franceses.<sup>98</sup>

Para Bloch, Lamprecht seria orientador de uma escola que critica e propõe reformulações sem ter o ceticismo como um “parapeito”, uma barreira que

---

<sup>95</sup> SCHÖTTLER, 1999, p. 57.

<sup>96</sup> SCHÖTTLER, 1995, p. 78.

<sup>97</sup> Até onde pudemos verificar, Bloch e Febvre não publicaram resenha de nenhum trabalho de Karl Lamprecht.

<sup>98</sup> BLOCH; FEBVRE, 2003a, p. 106.

impediria a desmedida e os equívocos. Reafirma-se, portanto, a dúvida como um instrumento relevante para a operação historiográfica, e que estaria ausente no método de Lamprecht. Trata-se novamente, como no caso de Georg von Below, de uma confrontação entre a prática do autor comentado e da concepção de metodologia histórica de Marc Bloch. A relevância que Bloch atribui à dúvida, à crítica enquanto crítica do testemunho ou crítica da fonte, pode ser sentida em vários momentos de sua obra, e especialmente em dois de seus textos teóricos, “*Critique historique et critique du temoignage*” e o capítulo intitulado *A crítica* no livro *A apologia da História ou O ofício do historiador*. Nesse último Bloch afirma que o desenvolvimento do método crítico é fundamental para a possibilidade da história como campo intelectual. E esse desenvolvimento se daria no momento em que a dúvida se torna examinadora, se torna um instrumento do conhecer.<sup>99</sup>

### 5.3.3.2 Friedrich Meinecke

Friedrich Meinecke (1862-1954) pode ser apresentado como o nome mais representativo e significativo do historicismo alemão da primeira metade do século XX. Meinecke foi um historiador cujas preocupações estiveram amplamente voltadas para a teoria e a metodologia da história. De acordo com Wolfgang Mommsen, Meinecke possuía um brilhantismo intelectual, fruto de uma abordagem universalista dos problemas históricos e de sua atitude tolerante a novas alternativas metodológicas. Esse posicionamento intelectual se associava a um posicionamento político moderado. Tendo sua carreira acadêmica consagrada sob a República de Weimar, Meinecke, assim como Ernst Troeltsch, aceitou a nova ordem democrática da história de seu país, compreendendo-a como uma fase no curso dos acontecimentos.<sup>100</sup>

A utilização da expressão “curso dos acontecimentos” é plena de significado na concepção de história de Meinecke. Esse historiador e teórico

---

<sup>99</sup> BLOCH, 2001a.

<sup>100</sup> MOMMSEN, 2002, p. 37-38, 52-54.

compartilha com a tradição historicista desenvolvida na Alemanha desde o início do século XIX a compreensão de história que afirma a singularidade das épocas e, ao mesmo tempo, seu desenvolvimento em curso, a continuidade do processo histórico.

No que se refere à atuação profissional, Meinecke teve uma carreira bem sucedida, tendo feito inúmeros seguidores. Meinecke foi professor da Universidade de Berlim e editor-chefe da *Revista Histórica* entre 1896 e 1935. Entre esses seguidores estão nomes como Dietrich Gerhard, Hans Rosenberg e Felix Gilbert. As pesquisas de Meinecke estavam voltadas para a história intelectual e política, além de atentas à teoria da história. Considerado um herdeiro da tradição rankeana, entre seus temas estavam questões relacionadas aos problemas da historiografia e história universal, história política e história das relações internacionais. Com seus alunos, estudara e publicara especialmente sobre temas relacionados ao pensamento histórico e político do séc. XIX, personalidades como Leopold von Ranke, Niebuhr, Droysen e Bismarck.<sup>101</sup>

A presença de Meinecke no meio *annaliste*, revelada pelas correspondências e pelas resenhas, é sensivelmente menor em relação aos demais autores analisados aqui. Ela pode ser verificada, na revista *Annales*, em uma única resenha do grande trabalho do historiador alemão, *O historicismo e sua gênese*. Nessa obra publicada em 1936, Meinecke procura reconstituir a história do historicismo, remontando suas origens a Goethe e colocando Ranke como um dos cumes dessa forma de compreensão do processo histórico. Esta obra é comentada na *Annales* em 1939. Trata-se de uma resenha escrita por Marc Bloch, mesmo após sua indicação de que mais interessante seria se a obra fosse analisada por Lucien Febvre. Bloch demonstra, portanto, que o campo de trabalho de Meinecke estaria mais próximo de Febvre que do seu próprio. E não nos parece que essa aproximação seria apenas cronológica, como estudiosos de história moderna e contemporânea, mas sim temática, por meio da história intelectual. Sem pretender estreitar laços entre os trabalhos de Febvre e Meinecke, há que se observar que

---

<sup>101</sup> MOMMSEN, 2002, p. 52-54.

nesse momento Febvre já havia publicado pelo menos dois trabalhos nesse campo, sobre Lutero e sobre Rabelais.<sup>102</sup>

A apreciação do livro de Meinecke pode ser recuperada a partir de uma sugestiva frase de Bloch, “uma obra de Meinecke nunca é indiferente”. Ou seja, reconhece-se a importância do autor e da obra, mas se abre espaço para muitos senões. Apesar de não citá-las nomeadamente, Bloch se revela leitor das outras obras de Meinecke, atribuindo-lhes características como “ordem sóbria e segura [...] finura da análise [...] [e] corajosa independência do espírito”.<sup>103</sup> Entre as críticas, Bloch diz se tratar de um texto desconcertante para historiadores não historicistas, e condena especialmente a ênfase de Meinecke ao considerar Goethe e Ranke como os cumes do pensamento histórico. Para Bloch, com essa construção Meinecke apaga todo o esforço dos historiadores do séc. XX em integrar o conhecimento dos acontecimentos particulares em uma ciência humana mais vasta. Para o historiador francês, ainda, *O historicismo e sua gênese* não faria uma análise do desenvolvimento de um método crítico ou a prática de análises históricas, mas entenderia o historicismo como uma atitude mental. E aqui está, nos termos de Bloch, outra deficiência de Meinecke, sua pretensão de revelar o “espírito” de uma ciência sem considerar suas técnicas.

A crítica a Friedrich Meinecke é especialmente importante por ser ele, sem dúvida, um dos mais representativos nomes da historiografia alemã contemporânea à primeira geração dos *Annales*. Em que pese a afirmação de admiração, parece-nos que Bloch preocupa-se em marcar sua distância de Meinecke. Essa crítica é, por fim, interessante, porque nela, ainda que em poucas palavras, Bloch repete um procedimento já adotado nas análises sobre Georg von Below, o posicionamento sobre a historiografia alemã em geral. As palavras de Bloch são bastante expressivas:

[...] há que confessá-lo, para um historiador formado por outras escolas, quão desconcertante é este livro! Mesmo que este historiador seja, ao que creio, tanto quanto se pode ser, desprovido de preconceitos nacionais, pelo menos conscientes; que sinta profundamente, e o reconheça sem ambigüidades, a

---

<sup>102</sup> Cf. FEBVRE, 1998a e FEBVRE, 2009.

<sup>103</sup> BLOCH, 1998, p. 107.

sua dívida em particular para com o pensamento histórico alemão; que, enfim, sempre tenha gostado de reflectir sobre o seu ofício e sobre a justificação deste ofício.<sup>104</sup>

Marc Bloch traça aqui seu perfil, sua relação com o historiografia alemã. Ele seria um historiador influenciado pelos alemães e reconhecedor das contribuições desta, mas não formado na escola do historicismo. Seria também um historiador que buscava apreender a academia alemã para além das diferenças impostas pelo nacionalismo, crescente nessa época. E ainda, um historiador que reconhecia a importância da reflexão sobre o fazer historiográfico.

Ora, pelas análises que vimos demonstrando aqui, não nos parece que um retrato atual desse envolvimento de Marc Bloch com a historiografia alemã seja muito distinto de seu auto-retrato. É a importância que atribuía à reflexão histórico-historiográfica o que conduzia Marc Bloch a ter em consideração um autor como Meinecke, sensivelmente distante de sua prática de pesquisa. Quanto à influência da historiografia alemã em sua formação, já discutida aqui, é algo recorrentemente afirmado, apesar de ainda nos parecer difícil definir essa influência em torno de nomes específicos, algo que não fora feito pelo próprio Bloch. Certamente, contudo, a referida escola de formação de Bloch aproxima-se mais de nomes como Georg von Below e Karl Lamprecht que de Friedrich Meinecke. Finalmente, quanto à influência do nacionalismo, tem-se demonstrado que Bloch fora um nacionalista no terreno da política, mas não há motivos para associar a isso imposições deliberadas na apreensão da ciência histórica no país vizinho.

---

<sup>104</sup> BLOCH, 1998, p. 107.

## 6. CONCLUSÃO

É chegado enfim o momento de tentar sintetizar a discussão construída ao longo desta dissertação. Com a expressão síntese não pretendemos, contudo, afirmar que a problemática aqui investigada fica resolvida, fechada. Em nenhum momento tivemos a pretensão de esgotá-la. Esperamos, para fazer uso de um raciocínio dialético, que essa síntese seja, em breve, contraposta a novas teses e a novas antíteses, e que com elas possa se fortalecer ou se transformar.

Como demonstramos, o relacionamento de Lucien Febvre e Marc Bloch com as ciências históricas alemãs se desenvolveu em um contexto de “guerras culturais” que marcaram as relações franco-germânicas entre os séculos XVIII e XX. Um momento marcado pela repercussão dos mais diversos conflitos na esfera cultural, marcado pela emissão de sinais dissonantes, em que aproximações se sobrepõem a distanciamentos, em que o próximo, o vizinho, é, ao mesmo tempo, o mais distante. Wolf Lepenies e Louis Dumont<sup>1</sup> parecem-nos ter sintetizado bem a questão: trata-se de uma guerra de culturas, que se deflagra e se reproduz pela incapacidade, de um lado, de uma nação, buscar a outra com seus próprios olhos, tentar compreendê-la a partir de suas próprias categorias.

Febvre e Bloch não poderiam escapar desse quadro de ambivalências, não poderiam estabelecer quaisquer formas de contato com a historiografia desenvolvida do outro lado da fronteira independentemente desse contexto. O cidadão francês do começo do século XX, ainda que não estabelecesse nenhum contato com o país vizinho, estava marcado por essa tradição. Uma tradição que se fazia presente inclusive junto aos intelectuais, justamente aqueles que deveriam estudá-la. E que não se fazia menos presente para os historiadores, para os devotados a compreender que até mesmo a mais velha e mais arraigada das tradições são no fundo históricas, ou nos termos de Marc Bloch, humanas.

Mas, se esse era o contexto do qual não podiam se esquivar, também incontestemente era o fato de que eles estabeleceriam, a partir dele, seu próprio posicionamento, sua própria leitura da realidade. É com essa perspectiva que associamos às interpretações das macro-relações culturais as manifestações da cultura alemã na vida de nossos atores/autores, tanto na condição de cidadãos

---

<sup>1</sup> LEPENIES, 2006; DUMONT, 1991.

quanto de intelectuais. Observou-se então que a Alemanha esteve presente em suas trajetórias desde seus anos de formação até a maturidade, passando pelos turbilhões da guerra. Diante da Alemanha, Marc Bloch e Lucien Febvre se posicionaram como soldados defensores de sua pátria, como professores símbolos da vitória de sua nação, mas também, especialmente no caso de Bloch, como jovens intelectuais desejosos de aprender com a ciência da nação vizinha, e, anos mais tarde, como historiadores já conhecidos, motivados a demonstrar os desenvolvimentos da ciência histórica de seu próprio país.

Qual terá sido a imagem da Alemanha para Lucien Febvre e Marc Bloch? Tentamos buscar a resposta em seus textos, em três de suas obras em que a temática germânica se manifesta explicitamente. Nossas conclusões sugerem que estamos diante de dois historiadores franca e assumidamente patriotas, para os quais a nação nunca foi um problema menor. Certamente Bloch e Febvre estão muito distantes de uma historiografia celebrativa da nação, nos moldes da historiografia oitocentista de Fustel de Coulanges ou de Jules Michelet. Mas, e aqui discordamos tanto de Jacques Le Goff quanto de François Dosse,<sup>2</sup> se a nação não é o problema central na historiografia desses autores, ela também não lhes está ausente, não é ignorada.

Como dois personagens marcados pelo nacionalismo que deu a tônica de seu contexto intelectual,<sup>3</sup> resta-nos questionar se Febvre e Bloch teriam construído a mesma imagem da Alemanha. Nossa posição é de que essa questão não se deu da mesma maneira para os dois historiadores. Assim como é distinta a presença germânica em suas trajetórias, e que nos parece ter sido mais significativa no caso de Marc Bloch, foram distintas suas formas de ver e apreender a cultura alemã. Febvre é mais enfático na definição de oposições entre as duas culturas, e na consequente sobrevalorização da cultura francesa. É claro que Bloch também as percebe como culturas distintas, mas não vislumbramos na documentação a mesma dualidade postulada por Febvre. Trata-se de uma questão que se evidencia principalmente se comparamos *Le Rhin* de Febvre (em que se afirma uma afinidade quase natural das luzes e da liberdade com a França e do irracionalismo

---

<sup>2</sup> LE GOFF, 2005; DOSSE, 2001.

<sup>3</sup> Em seu famoso livro de 1927, Julien Benda denunciou o que chamou de “traição dos intelectuais”. Cf. BENDA, 2007.

e da opressão com a Alemanha) com *L'étrange défaite* de Bloch, em que o autor busca as causas para a derrota de seu país ante a Alemanha em suas próprias deficiências internas. Mas é importante que não se leve muito longe essa distinção de posturas, uma vez que Bloch elogiara, sem ressalvas, o livro de Febvre.

A relação de Lucien Febvre e Marc Bloch com as ciências históricas alemãs, contudo, não são definidas apenas a partir de seu posicionamento ante a cultura germânica. De tal forma que nos foi necessário investigar outros aspectos que nela se faziam presentes. Buscou-se explorar os instrumentos que, em alguma medida, promoviam o contato com esses historiadores alemães. Assim, identificamos a importância da circulação de periódicos, da circulação de estudantes entre as duas fronteiras, e também dos congressos, particularmente os Congressos Internacionais de História. Como se buscou demonstrar, esses eventos foram importantes tanto para promover encontros quanto para multiplicar discussões historiográficas produzidas por outras comunidades.

Nesse polimorfismo de contatos, atentamos ainda para as relações interpessoais. Partindo do entendimento de que os intelectuais se relacionam em contextos que extrapolam a discussão promovida em suas obras teóricas, que seu exercício profissional também se estabelece a partir de redes interpessoais, analisamos a convivência de Febvre e Bloch com as ciências históricas alemãs a partir dessas redes. Em uma direção, através de relações mediadas, demonstrou-se como intelectuais francófonos, parceiros de Febvre e Bloch, como Henri Pirenne, Henri Berr, Maurice Baumont, Maurice Halbwachs, ofereceram-lhes uma via de acesso às discussões sobre historiografia alemã, ao mesmo tempo em que lhes indicaram colaboradores germânicos. Na outra direção dessa rede, caracterizada pela existência de relações diretas, foram identificados os intelectuais germânicos próximos a Bloch e Febvre, com destaque para os austríacos Alfons Dopsch e Lucie Varga.

Nossa análise se encaminha para a conclusão de que a convivência com acadêmicos alemães marcou fortemente as carreiras de Febvre e Bloch. Uma convivência que se processou mais por relações secundárias que por relações diretas, é verdade, mas que nem por isso se mostrou menos intensa, haja vista a representatividade dessa historiografia nos trabalhos, por exemplo, de Henri Berr e Henri Pirenne. A colaboração germânica direta na revista *Annales* se mostrou

limitada, tendo se concentrado nos primeiros anos da revista; contou com poucos nomes, e à exceção de Alfons Dopsch, não contou com nomes realmente representativos da historiografia alemã da época.

Explorada essa convivência, chegamos a uma das questões mais importantes deste trabalho, a interpretação da crítica de Marc Bloch e Lucien Febvre às ciências históricas alemãs. Esforçamo-nos, inicialmente, em demonstrar a importância da crítica histórica em sua historiografia. Buscamos sustentar que essa crítica, que se materializava nas resenhas, funcionava como um lugar de reflexão teórica e metodológica sobre o conhecimento histórico. A questão-chave contudo, para nossos fins, foi demonstrar o lugar de destaque que a produção acadêmica alemã ocupou nessa crítica, estando, em números, atrás apenas da produção francesa.

Ocupando um lugar tão relevante, quais seriam então as principais características dessa crítica produzida por Bloch e Febvre? Ao longo dessa exposição investigou-se pormenorizadamente questões como as temáticas mais frequentes, os suportes de publicação, o tom da crítica, o perfil dos autores avaliados. E apesar de ser composto por uma diversidade de textos e autores, alguns aspectos comuns emanam desse quadro, e, em alguma medida, conformam uma unidade. Destaca-se aqui o largo espaço dedicado a autores que não gozavam de centralidade na academia alemã.

Não se pretende dizer, contudo, que a crítica dos clássicos foi desprezada por Bloch e Febvre: as páginas que dedicamos a analisar suas avaliações sobre Weber, Sombart, Kantorowicz, Georg von Below, Meinecke e Lamprecht não permitem tal interpretação. E é exatamente dessas críticas que emanam ao menos três pontos comuns, a partir dos quais gostaríamos de propor a visualização de um sentido de conjunto para a apreensão de Bloch e Febvre sobre as ciências históricas alemãs, sobretudo para a historiografia.

A primeira questão é fundamental, e inclusive ratifica essa proposta de tentar resgatar um sentido de unidade, ainda que mínimo. Trata-se da própria expressão “historiografia alemã”. Apesar do reconhecimento das particularidades, da diversidade do meio acadêmico alemão, tanto Marc Bloch quanto Lucien Febvre não perdem a dimensão da generalização, da associação da obra ao seu

país de origem. “Historiografia alemã” adquire assim status de modelo, mesmo que nem sempre se deixe claro as características que o definem.

Ao menos uma característica dessa “historiografia alemã”, é, contudo, correntemente ressaltada: a ausência da literatura francesa nas publicações alemãs. Esse é, ao mesmo tempo, o segundo ponto que permite sintetizar a crítica de todos os textos. Os fundadores da *Annales* não se cansaram de apontar o que seria um fechamento da literatura alemã sobre si mesma, um fechamento que se manifestaria claramente em relação à produção francesa. Febvre e Bloch insistiram no fato de que os pesquisadores alemães promoviam uma ciência autocentrada, autoreferenciada, que ignorava os avanços da historiografia para além de suas fronteiras.

O terceiro e último apontamento, recorrente em praticamente todos os textos, remete ao método, mais especificamente ao rigor metodológico. Lucien Febvre e principalmente Marc Bloch, deixaram claro a importância que conferiam à metodologia na escrita da história. O rigor metodológico foi elogiado, criticado e exigido quando julgado ausente na crítica da produção dos seis autores alemães acima mencionados. A construção do texto historiográfico sem um projeto metodológico prévio foi duramente criticada nas páginas da *Annales* e também da *Revue Historique*, quando escritas por Bloch.

Terminado assim este trabalho, gostaríamos de fazer breves considerações sobre seus possíveis desdobramentos e suas possíveis contribuições. Entre seus desdobramentos, podemos apontar várias novas perspectivas de trabalho. No entanto, destacaremos apenas duas, por sua vinculação direta com as lacunas que não conseguimos preencher aqui e pelo interesse que suscitam. Uma nova pesquisa poderia se estabelecer a partir da mesma problematização e da mesma metodologia, incorporando-se, porém, novas fontes, como uma revista que nos parece fundamental, a *Revue de Synthèse*. Outro possível desdobramento para este trabalho parece-nos ser investigar a influência dessa geração de historiadores alemães apresentada aqui, na construção da historiografia de Febvre e Bloch, utilizando-se para isso de suas notas de rodapé e de estruturas teórico-conceituais presentes em suas obras.

Diante do objeto que escolhemos investigar, da problematização estabelecida, da literatura com que buscamos dialogar e da perspectiva metódica

que intentamos desenvolver, esperamos que esta pesquisa no âmbito da história da historiografia tenha oferecido elementos para a história da historiografia comparada, para a história da historiografia dos *Annales* e, eventualmente, que possa ainda ter contribuído para apresentar à historiografia brasileira uma literatura, tanto contemporânea quanto do começo do séc. XX, que ainda lhe é muito distante.

## 7. REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

BLOCH, Marc. G. von Below. Der deutsche Staat des Mittelalters. *Revue Historique*, Paris, Année 43<sup>eme</sup>, t. 128, p. 343-347, 1918.

\_\_\_\_\_. Bulletin historique: histoire d'Allemagne. *Revue Historique*, Paris, Année 53<sup>eme</sup>, t. 158, p. 108-158, 1928a.

\_\_\_\_\_. Pour une histoire comparée de la sociétés européennes. *Revue de Synthèse*, t. 46, p. 15-50, 1928b.

\_\_\_\_\_. Bulletin historique: histoire d'Allemagne. *Revue Historique*, Paris, Année 55<sup>eme</sup>, t. 163, p. 331-373, 1930.

\_\_\_\_\_. Bulletin historique: histoire d'Allemagne. *Revue Historique*, Paris, Année 57<sup>eme</sup>, t. 169, p. 615-655, 1932.

\_\_\_\_\_. Le Rhin. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 5, n. 19, p. 83-85, 1933.

\_\_\_\_\_. Le Rhin. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 7, n. 35, p. 505-506, 1935.

\_\_\_\_\_. *L'Étrange Défaite*. Paris. Société des Éditions Franc-Tireurs, 1946.

\_\_\_\_\_. *História e Historiadores*. Textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa. Ed. Teorema, 1998.

\_\_\_\_\_. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Edição anotada por Étienne Bloch. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Marc Bloch: l'histoire, la guerre, la resistance*. Edition établie et présenté par Annette Becker et Étienne Bloch. Paris: Quarto/Gallimard, 2006.

BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance. Tome I. Nascence des Annales. 1928-1933*. Édition établie et présentée par Bertrand Müller. Hardcover: Fayard, 1994.

\_\_\_\_\_. *Correspondance. Tome II. De Strasbourg a Paris. 1934-1937*. Édition établie et présentée par Bertrand Müller Hardcover: Fayard, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Correspondance. Tome III. Les Annales en crisis. 1938-1943*. Édition établie et présentée par Bertrand Müller. Hardcover: Fayard, 2003b.

BORKENAU, Franz. Fascisme et syndicalisme. *Annales d'histoire économique et sociale*. Paris, t. 6, n. 28, p. 337-350, 1934.

\_\_\_\_\_. Partis, traditions et structure sociale en Autriche. *Annales d'histoire économique et sociale*. Paris, t. 7, n. 34, 1935.

DOPSCH, Alfons. La naissance et la formation de l'État autrichien. *Revue Historique*, 177, p. 34-50, 1936

DURKHEIM, Émile. "L'Allemagne au-dessus de tout": la mentalité allemande et la guerre. Paris: Armand Colin, 1991.

FEBVRE, Lucien. Une critique utile: les origines du capitalisme moderne à Gênes et W. Sombart. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 4, n. 15, p. 318-319, 1932.

\_\_\_\_\_. Une critique de Weber. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 6, n. 29, p. 515, 1934.

\_\_\_\_\_. Sur la Doctrine Nationale-Socialiste. Un Conflit de Tendances. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 1, n. 4, p. 426-428, 1939.

\_\_\_\_\_. *Martin Lutero: un destino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998a.

\_\_\_\_\_. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.

HALBWACHS, Maurice. Max Weber: un homme, une oeuvre. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 1, n.1, p.81-87, 1929.

\_\_\_\_\_. Une controverse: puritanisme et capitalisme, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, t. 7, n. 31, p. 97-99, 1935.

HAUSER, Henri. *Comment la France jugeait l'Allemagne: histoire d'une illusion d'optique.* : Imprimerie A. Coueslant, [s/d].

RÖRIG, Fritz. Les raisons d'une suprématie commerciale: la Hanse. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, t. 2, n. 8, p. 481-498, 1930.

SAYOUS, André. "Der moderne kapitalismus" de Werner Sombart, et Gênes aux XII e XIII siècles. *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, Anné XIX<sup>eme</sup>, p. 427-444, 1931.

\_\_\_\_\_. Preface. In: SOMBART, Werner. *L'Apogée du Capitalisme.* Tome I. Paris: Payot, 1932.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Valdei Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. *Lócus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n.1, p. 41-78, 2006.

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. (org.) *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio - França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *A terra e seus homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII*. Bauru/SP: EDUSC, 2001b.

BOISSEVAIN, Jeremy. Networks: Interactions and Structure. In: *Friends of friends: networks, manipulators and coalitions*. Oxford: Brasil Blackwell, 1974.

BOUREL, Dominique. Henri Berr (1863-1954). In: BIARD, A. ; BOUREL, D. ; BRIAN, E. (ed.). *Henri Berr et la culture du XX siècle: histoire, science et philosophie*. Paris: Albin Michel/Centre de Synthèse, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Paris: Les Édition de Minuit, 1984.

BURGUIÈRE, André. Histoire d'une histoire: la naissance des Annales. In: CLARK, Stuart (ed.) *The Annales School Critical Assessments*. v.I. London: Routledge, 1999.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

CALDAS, Pedro. O Espírito dos papéis mortos: Um pequeno estudo sobre o problema da verdade histórica em Leopold von Ranke. *Boletim Emblemas*, v. 1, p. 23-38, 2007.

CHARTIER, Roger; LE GOFF, Jacques ; REVEL, Jacques (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHICKERING, Roger. Preface. In: *Karl Lamprecht. A German Academic Life (1856-1915)*. New Jersey: Humanities Press, 1993.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. Max Weber et la sociologie compréhensive allemande : critique d'un mythe historiographique. In : *Études wébériennes : rationalités, histoires, droits*. Paris : Presses Universitaires de France, 2001.

COUTEAU-BÉGARIE, Hervé. *Le phénomène Nouvelle Histoire: stratégie et ideologie des nouveaux historiens*. Paris: Economica, 1983.

DOSSE, François. A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico. In: *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. Parte I: Clio revisitada. In: \_\_\_\_\_. *A história em migalhas – dos Annales a Nouvelle Histoire*. São Paulo: EDUSC, 2003.

DUMONT, Louis. *L'ideologie allemande: France-Allemagne et retour*. Paris: Gallimard, 1991.

DUMOULIN, Olivier. *Profession historien: 1919-1939*. Thèse de 3<sup>e</sup> cycle. Paris, 1983.

\_\_\_\_\_. *Marc Bloch*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 2000.

ELIAS, Norbert. Uma digressão sobre o nacionalismo. In: *Os alemães: a luta pelo poder e evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ERDMANN, Karl Dietrich. *Toward a global community of historians: the international historical congresses and the international committee of historical sciences, 1898-2000*. New York: Berghahn Books, 2005.

ESPAGNE, Michel; WENER, Michäel. La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Paris, n. 4, p. 969-992, 1987.

FEBVRE, Lucien. *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique a l'histoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1970.

\_\_\_\_\_. *Honra e pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998b.

\_\_\_\_\_. *O problema da incredulidade no séc. XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

FINK, Carole. *Marc Bloch. Uma vida na história*. Lisboa: Celta Editora, 1997.

FRIEDMAN, Susan W. *Marc Bloch, sociology and geography: encountering changing disciplines*. Cambridge, 1996.

FUGLER, Martin. Fondateurs et collaborateurs, les débuts de la Revue de Synthèse Historique (1900-1910). In: BIARD, A.; BOUREL, D.; BRIAN, E. (ed.). *Henri Berr et la culture du XX siècle: histoire, science et philosophie*. Paris: Albin Michel/Centre de Synthèse, 1997.

GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HAUSER, Henri. *Les débuts du capitalisme*. Paris: Alcan, 1927.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979.

KITCHEN, Martin. *A history of modern germany*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

KOCKA, Jürgen; PEUKERT, Deutlev. Max Weber et l'histoire. Derniers développements en République Fédérale d'Allemagne. *Revue de Synthèse*, t. 4, n. 1-2, p. 9-37, 1986.

KOSELLECK, Reinhart. Cambios de experiência y cambios de método: un apunte histórico-antropológico. In: \_\_\_\_\_. *Los estratos del tiempo*. Barcelona: Paidós, 2001.

\_\_\_\_\_. História dos conceitos e história social. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

KOTT, Sandrine. Resenha de RAPHAEL, Lutz, Die Erben von Bloch und Febvre em "Annales" - Geschichtsschreibung und "nouvelle histoire" in Frankreich 1945-1980. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 106, n. 1, p. 123 – 127, 1995.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. French-German culture wars. In: *The seduction of culture in Germany history*. New Jersey: Princeton, 2006.

LERNER, Robert E. "Ernst Kantorowicz and Theodor Mommsen". In: LEHMANN, Harmut; SHEEHAN, James. *An interrupted past: german-speaking refugee historians in the United States after 1933*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LYON, Bryce; LYON, Mary. *The birth of Annales History: the letters of Lucien Febvre and Marc Bloch to Henri Pirenne (1921-1935)*. Bruxelles: Commission Royale d'histoire, 1991.

MANN, H. D. L. *Febvre, la pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971.

MASSICOTE, G. *L'histoire problème: la méthode de L. Febvre*. Quebec/Paris, EDISEM/Maloine, 1981.

MASTROGREGORI, Massimo. *Il manoscritto interrotto di Marc Bloch: Apologia della storia o Mestiere di storico*. Piste, number 1. Pisa: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1995.

\_\_\_\_\_. Historiografia e tradição das lembranças. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATA, Sérgio da. Max Weber e a ciência histórica. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, número especial, p. 150-171, 2005.

\_\_\_\_\_. Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico. *Varia Historia*, v. 22, n. 36, p. 347-367, 2006.

\_\_\_\_\_. Leopold von Ranke (1795-1886). In: MARTINS, Estevão de Rezende (Org.) *A história pensada. Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOMMSEN, Wolfgang M. German historiography during the Weimar Republic and the émigré historians. In: LEHMANN, Hartmut; SHEEHAN, James. *An interrupted past: german-speaking refugee historians in the United States after 1933*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MÜLLER, Bertrand. *Lucien Febvre, lecteur et critique*. Paris: Albin Michel, 2003.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. (ed.) *Écrire la société féodale. Lettres à Henri Berr (1924-1943)*. Paris: Éditions de l'IMEC, 1992.

POLLAK, Michäel. La Place de Max Weber dans le champ intellectuel français. *Droit et Société*. Paris, CNRS, n.8, p. 195-209, 1988.

PROCHASSON, Cristophe. "Atenção: verdade !" Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 105-119, 1998.

RAPHAEL, Lutz. Von der wissenschaftlichen Innovation zur kulturellen Hegemonie? Die Geschichte der 'Nouvelle Histoire' im Spiegel neuerer Gesamtdarstellungen. *Francia*, v. 16, n. 3, p.120-127, 1989.

REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REVEL, Jacques. The *Annales*: Continuities and Discontinuities. *Review*, vol. 1, n. 3-4, p. 9-18, 1978.

\_\_\_\_\_. Les paradigmes des Annales. *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*. Paris, Armand Colin (6), nov./déc., p. 1360-1376, 1979.

RICOEUR, Paul. O eclipse da narrativa. In: *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas/SP: Papirus, 1994.

RINGER, Fritz. *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: EDUSP, 2000.

RÜSEN, Jörn. A constituição narrativa do sentido histórico. In: \_\_\_\_\_. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Ed. UNB, 2001, p. 161-165.

\_\_\_\_\_. *História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Ed. UNB, 2007.

SÉE, Henri. *Les origines du capitalisme moderne*. Paris: Librairie Armand Colin, 1926.

SHIONOYA, Yuichi. Introduction. In: SHIONOYA, Yuichi. (org.) *The german historical school: the historical and ethical approach to economics*. Oxon: Routledge, 2001.

SCHÖTTLER, Peter. Émile Durkheim, "L'Allemagne au dessus de tout", Émile Durkheim, Ernest Lavissee, "Lettre à tous les Français". *Genèses. Sciences sociales et histoire*. Paris, v. 9, n.1, p. 165, 1992.

\_\_\_\_\_. Le Rhin comme enjeu historiographique dans l'entre-deux-guerres. Vers une histoire des mentalités frontalières. *Genèses. Sciences sociales et histoire*, Paris, v. 14, n. 1, p. 143-154, 1994.

\_\_\_\_\_. Marc Bloch et Lucien Febvre face à l'Allemagne nazie. *Genèses. Sciences sociales et histoire*, Paris, v. 21, n. 1, p. 75-95, 1995.

\_\_\_\_\_. Henri Berr et l'Allemagne. In: BIARD, A.; BOUREL, D.; BRIAN, E. (ed.). *Henri Berr et la culture du XX siècle: histoire, science et philosophie*. Paris: Albin Michel/Centre de Synthèse, 1997.

\_\_\_\_\_. "Désapprendre de l'Allemagne": les Annales et l'histoire allemande pendant l'entre-deux-guerres. In: CLARK, Stuart (Ed.). *The Annales School Critical Assessments*. v.I. London: Routledge, 1999.

SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SOLCHANY, Jean. Resenha de RAPHAEL, Lutz, Die Erben von Bloch und Febvre, em "Annales" - Geschichtsschreibung und "nouvelle histoire" in Frankreich 1945-1980. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, v. 51, n. 1, p. 177 – 177, 1996.

STEHR, Nico; GRUNDMANN, Reiner. Introduction. In: STEHR, Nico; GRUNDMANN (Eds.) *Economic Life in Moderne Age. Werner Sombart*. London: Transaction Publishers, 2001.

STOIANOVICH, Troian. *French Historical method: the Annales paradigm*. Ithaca: Cornell University Press, 1976.

WEBER, Max. O Estado Nacional e a política econômica. In: COHN, G. (org). *Weber*. São Paulo: Ática, 1991.

WEHLING, Arno. Em torno de Ranke: a questão da objetividade histórica. *Revista de História*, Rio de Janeiro, vol. XLVI, n. 93, p. 177-200, p. 1973.

WERNER, Karl Ferdinand. Marc Bloch et la recherche historique allemande. In: ASTMA, Hartmut et BURGUIÈRE, André (orgs.) *Marc Bloch aujourd'hui: histoire compare et science socials*. Paris: Ed. de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.